

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara

NIGUELME CARDOSO ARRUDA



**A REALIZAÇÃO DO OBJETO DIRETO NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO CULTO FALADO: UM
ESTUDO SINCRÔNICO**

ARARAQUARA
2006

NIGUELME CARDOSO ARRUDA

**A REALIZAÇÃO DO OBJETO DIRETO NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO CULTO FALADO: UM
ESTUDO SINCRÔNICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística e Língua Portuguesa, desenvolvida sob a orientação da Profª Drª Rosane de Andrade Berlinck.

ARARAQUARA
2006

Arruda, Niguelme Cardoso

A realização do objeto direto no português brasileiro culto falado: um estudo sincrônico / Niguelme Cardoso Arruda. – 2006
201f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa)
– Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

Orientador: Rosane de Andrade Berlinck

1. Lingüística. 2. Língua portuguesa. 3. Sociolingüística.
I. Título

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profª Drª Rosane de Andrade Berlinck
UNESP-Araraquara

Profª Drª Sônia Maria Lazzarini Cyrino
UNICAMP

Profª Drª Marymárcia Guedes
UNESP-Araraquara

Araraquara, 23 de março de 2006.

À memória daquela que com toda a sua simplicidade, sabedoria e dedicação mostrou (e ensinou) a seus filhos o caminho da dignidade, honestidade e perseverança. A você, mãezinha, todo o mérito de minha conquista.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela graça de poder concluir mais essa etapa de minha vida, dando-me ânimo e perseverança nos momentos vários de angústia e solidão.

À profª Drª Rosane de Andrade Berlinck – pessoa a quem devo essa conquista acadêmica –, pela presença sempre constante, pela paciência e atenção a mim dispensadas, pela sensibilidade, profissionalismo e competência com que me acompanhou durante estes dois anos. A você, minha eterna gratidão!

Às professoras Drª Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa e Marymárcia Guedes, pelo conhecimento partilhado.

A meus irmãos – Clóvis, Iara e Leomar – pelo apoio e incentivo dados (cada um à sua maneira).

Às amigas Maria Aparecida Conti e Maria Helena de Paula, pelo afeto, carinho e paciência que tiveram comigo, emprestando-me, por diversas vezes, seus ombros (e também os ouvidos) para que pudesse lamentar e desabafar minhas angústias e meus temores.

Aos amigos Carlos, Luzmara e Nilton, por tão gentilmente me terem recebido em Araraquara quando iniciei minha caminhada acadêmica nessa cidade.

Aos colegas do programa de pós-graduação (em especial Ester Cardoso da Silva, Juliana Bertucci Barbosa, Taísa Peres de Oliveira e Wanderli Bastos) pessoas com quem pude estreitar laços de uma agradável e saudável amizade, possibilitando-me tão bons momentos que ficarão para sempre em minha memória.

A Maria Auxiliadora Nascimento Amorim, pessoa com quem, mais que uma relação profissional, pude construir uma forte amizade, servindo-me como exemplo de dedicação e empenho no que faz.

Aos colegas de trabalho do Instituto Francisco de Assis, em Itumbiara-GO, que, mesmo à distância sempre torceram por meu sucesso.

À Secretaria de Educação do Estado de Goiás, pela concessão da licença de minhas atividades profissionais, sem a qual a concretização desse ideal não se faria.

Ao CNPQ, pela bolsa de pesquisa a mim concedida, viabilizando o desenvolvimento deste estudo.

Agradeço, também, aos que se constituíram como obstáculos na busca por esse sonho, motivando-me, cada vez mais, a superá-los para não lhes dar o prazer de me verem derrotado.

“[...] a história de uma língua é uma função da história de seus falantes, e não um fenômeno independente que pode ser estudado em detalhes sem menção ao contexto social em que está inserido.”

(Thomason e Kufman, *apud* MELLO, 2002, p. 342)

ARRUDA, Niguelme Cardoso. **A realização do objeto direto no português brasileiro culto falado: um estudo sincrônico**. Dissertação de Mestrado. Araraquara, UNESP, 2006.

RESUMO

Estudo desenvolvido sob a ótica sincrônica, alicerçado nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística Variacionista, em que se propõe investigar as estratégias de realização do objeto direto no português brasileiro (PB) culto falado. Objetiva-se, com essa investigação, verificar se as estratégias de realização do fenômeno variável em questão obedece ao mesmo processo nas três pessoas gramaticais e se essas estratégias podem ser entendidas como uma extensão do que se nota na variedade popular. A fim de se buscarem dados empíricos para a constituição do *corpus* deste estudo, bem como de um retrato o mais abrangente possível do que se costuma denominar PB, utilizou-se da amostra representativa do português brasileiro culto falado denominada Projeto NURC, em sua modalidade DID – Diálogos entre Informante e Documentador. Dessa amostra, foram selecionados um total de **30** inquéritos, sendo **6** de cada capital compreendida pelo projeto: Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Os inquéritos foram, ainda, selecionados levando-se em consideração os grupos de fatores extralingüísticos aqui analisados: sexo/gênero e faixa etária do informante. Toda a investigação foi orientada pela hipótese central de que os fatores que influenciam a variação, tanto nas estratégias de realização do objeto direto como na proporção de uso de cada estratégia, não apresentam diferenças significativas se observado o uso feito pelos considerados falantes cultos da língua nas variedades aqui estudadas.

PALAVRAS-CHAVE: Objeto direto. Sintaxe. Gramática. Variação. Português brasileiro. Sociolingüística

ARRUDA, Niguelme Cardoso. **The instantiation of the direct object in spoken educated Brazilian Portuguese: A synchronic study.** 2006. Thesis (Master degree in Linguistics and the Portuguese Language) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, São Paulo, Brazil, 2006.

ABSTRACT

This is a synchronic study founded on the theoretical assumptions and methodology of Variationist Sociolinguistics which investigates strategies for the instantiation of the direct object (DO) in spoken educated Brazilian Portuguese (BP). The investigation aims to establish whether the strategies for the instantiation of DO are the same in all three grammatical persons and whether these strategies may be understood as an extension of those employed in the informal variety of BP. The corpus used in the study consists of a representative sample of spoken educated BP, which has been selected from the NURC Project, more specifically, from its Informant-Interviewer Dialogue (IID) section. From this sample, a total of 30 inquiries have been selected, such that every six inquiries come from capital cities included in the Project, namely, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Extra-linguistic factors such as informant's age and gender have also been considered in the selection and analysis of the inquiries. The investigation has been guided by the main hypothesis that the factors which influence both the variation in the strategies for the instantiation of DO and the proportional use of each strategy are not significantly different, if one takes into consideration their use by educated speakers of the BP in the varieties analyzed here.

KEYWORDS: Direct object; syntax; grammar; variation; Brazilian Portuguese; sociolinguistics.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1	Resultados gerais para a realização das variantes – OD(or)	85
Gráfico 1	Distribuição do OD(or) conforme a <i>estrutura sintática</i> , nas 5 capitais estudadas	92
Gráfico 2	Distribuição do OD(or) em <i>estrutura sintática simples</i> , nas 5 capitais Estudadas	93
Gráfico 3	Distribuição do OD(or) em “ <i>estruturas sintáticas complexas</i> ”, nas 5 capitais estudadas	95
Gráfico 4	Distribuição do OD(or), segundo a <i>topicalização (ou não) do antecedente</i>	97
Gráfico 5	Distribuição do OD(or) na variedade paulistana, <i>não</i> estando o antecedente topicalizado	99
Gráfico 6	OD(or) nulo vs OD(or) lexicalizado na variedade paulistana, <i>não</i> estando o antecedente <i>topicalizado</i>	99
Gráfico 7	Distribuição do OD(or) nulo, segundo a <i>faixa etária</i> dos informantes	101
Gráfico 8	Distribuição do OD(or) nulo, segundo o <i>sexo/gênero</i> dos informantes	104
Tabela 2	Distribuição do uso do pronome demonstrativo conforme o <i>sexo/gênero</i> dos informantes	106
Tabela 3	Resultados gerais para a realização das variantes – OD(SN)	108
Gráfico 9	Uso do OD(SN) nulo, segundo a <i>animacidade do antecedente</i> , nas 5 capitais estudadas	117

Gráfico 10	Resultados obtidos por Cyrino (1997 e 1999) para a realização do OD(SN) nulo com antecedente [+animado] comparados aos obtidos por Arruda (2006)	119
Gráfico 11	Freqüência do uso de OD(SN) nulo vs OD(SN) lexicalizado, com <i>antecedente [-animado]</i>	120
Gráfico 12	Freqüência do uso de OD(SN) lexicalizado, com <i>antecedente [+animado]</i>	122
Gráfico 13	Freqüência de uso de OD(SN) lexicalizado em <i>estrutura sintática simples</i> , nas 5 capitais estudadas	128
Gráfico 14	Distribuição do OD(SN) nulo, segundo a <i>faixa etária</i> dos informantes	134
Gráfico 15	Distribuição do OD(SN) nulo, segundo o <i>sexo/gênero</i> dos informantes	139

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Distribuição dos pronomes pessoais à luz da Gramática	
	Tradicional	23
Quadro 2	Distribuição dos pronomes em função de sujeito e de objeto direto, a partir de pesquisas lingüísticas	38
Quadro 3	Distribuição dos inquéritos utilizados na pesquisa, conforme localidade, faixa etária e sexo/gênero dos informantes	55
Quadro 4	Distribuição das ocorrências conforme a variedade em estudo	73

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 O SISTEMA PRONOMINAL DO PORTUGUÊS: UMA BREVE REVISÃO DE LITERATURA	20
2.1 Revisitando a abordagem tradicional: panorama geral acerca da concepção de pronome	20
2.2 O quadro dos pronomes pessoais para a Gramática Tradicional	23
2.3 O sistema pronominal do português sob a ótica dos estudos lingüísticos	29
2.3.1 Os pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoas no português	31
2.3.2 Os pronomes pessoais de 3ª pessoa no português	35
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METOLÓGICOS	39
3.1 O quadro teórico: o espaço da Sociolingüística Variacionista nos estudos lingüísticos	39
3.2 Objetivos desta investigação	49
3.3 Hipóteses norteadoras do estudo	50
3.4 O método: delimitando e definindo o objeto de estudo	51
3.4.1 A constituição do <i>corpus</i>	52
3.4.2 Grupos de fatores de análise	55
4 ANÁLISE DOS DADOS: APRESENTANDO OS RESULTADOS DA PESQUISA	72
4.1 Análise dos resultados de 1ª e 2ª pessoas	73
4.2 Análise dos resultados de 3ª pessoa	83
4.2.1 Objeto direto com antecedente oracional (OD(or)) – análise dos resultados	84

4.2.1.1 Grupos de fatores lingüísticos	90
4.2.1.1.1 Estrutura sintática	90
4.2.1.1.2 Fator topicalização (ou não) do antecedente	96
4.2.1.2 Grupos de fatores extralingüísticos	100
4.2.1.2.1 Verificação dos dados em relação à faixa etária dos informantes	101
4.2.1.2.2 Verificação dos dados em relação à variável sexo/gênero dos informantes	103
4.2.2 Objeto direto com antecedente sintagma nominal (OD(SN)) – análise dos resultados	106
4.2.2.1 Grupos de fatores lingüísticos	114
4.2.2.1.1 A natureza semântica do antecedente	115
4.2.2.1.2 A estrutura sintática	124
4.2.2.1.3 Fator topicalização (ou não) do antecedente	130
4.2.2.2 Grupos de fatores extralingüísticos	133
4.2.2.2.1 Verificação dos dados em relação à faixa etária dos informantes	133
4.2.2.2.2 Verificação dos dados em relação à variável sexo/gênero dos informantes	139
5 CONCLUSÕES	142
6 REFERÊNCIAS	155
APÊNDICE A – Dados de 1ª e 2ª pessoas levantados nos inquéritos de Porto Alegre	160

APÊNDICE B – Dados de 1ª e 2ª pessoas levantados nos inquéritos de Recife	162
APÊNDICE C – Dados de 1ª e 2ª pessoas levantados nos inquéritos do Rio de Janeiro	165
APÊNDICE D – Dados de 1ª e 2ª pessoas levantados nos inquéritos de Salvador	167
APÊNDICE E – Dados de 1ª e 2ª pessoas levantados nos inquéritos de São Paulo	169
APÊNDICE F – Tabelas representativas da distribuição dos dados de OD(or) de terceira pessoa, de acordo com os cruzamentos desenvolvidos	171
APÊNDICE G – Tabelas representativas da distribuição dos dados de OD(SN) de terceira pessoa, de acordo com os cruzamentos desenvolvidos	184

1 INTRODUÇÃO

Estudos lingüísticos desenvolvidos nos últimos tempos, quer orientados pela perspectiva diacrônica – como os de Berlinck (1988 e 1989), Faraco (1996), Roberts e Kato (1996), Galves (1996 e 2001), Cyrino (1997), Menon (no prelo) – quer sob a orientação da perspectiva sincrônica – como os de Omena (1978 e 1996), Duarte (1988 e 1989), Cyrino (1999), Freire (2000), Averbug (2000), Dalto (2002) e Matos (2005) –, têm, cada vez mais, verificado que (e contribuído para a percepção de que) o português brasileiro (doravante PB) se caracteriza por fenômenos variáveis que o distanciam paulatina e significativamente do português europeu (doravante PE).

A distinção causada entre essas variedades do sistema lingüístico português se dá pelo fato de que, ao longo do tempo, o PB adquiriu, em sua formação, características que foram capazes de lhe atribuir uma estrutura sintática (atendo-nos apenas ao nível de descrição correspondente ao fenômeno aqui estudado) que o distinguisse do PE. Dessa forma, os falantes brasileiros passaram a vivenciar uma realidade lingüística composta por construções cada vez mais comuns à sua realidade, diferenciando-se da realidade lusitana, constituindo-se, dessa forma, como aponta Tarallo (1993), uma gramática para o português “d’aquém-mar” distinta da gramática do português “d’além-mar”.

O próprio processo de formação por que passou o PB, bem diferente do vivido pela variedade d’além-mar, proporciona esse distanciamento. Há que se considerar nessa formação, conforme nos mostra Mello (2002, p. 341-2), o multilingüismo que caracteriza o Brasil colonial, momento em que se inicia a constituição de nossa variedade lingüística: havia aqui uma numerosidade de

línguas nativas. Somam-se a essa questão dois outros aspectos: o português que para cá fora trazido não era, em hipótese alguma, uniforme e padronizado, bem como as diversas línguas africanas trazidas pelos grupos étnicos africanos diferentes. Esse quadro permite-nos visualizar e compreender o PB não como uma unidade homogênea, mas como um sistema plural e diversificado.

Dentre os diversos fenômenos variáveis que têm caracterizado o PB, podemos citar a reorganização sofrida pelo sistema pronominal, já há algum tempo na pauta de estudos desenvolvidos por lingüistas. Em meados do século XX, Joaquim Mattoso Camara Jr. já apontava para esse fenômeno, vindo, mais tarde, a ser verificado com mais afinco pelas pesquisas lingüísticas com enfoque na descrição da sintaxe do português, orientadas, principalmente, pelas perspectivas gerativista e sociolingüística.

Tal reorganização não afeta apenas o campo morfológico, mas também o sintático, implicando, conforme aponta Galves (1996 e 2001), em uma nova estrutura de concordância (ou, como denomina a lingüista, em um “enfraquecimento na concordância”), bem como na busca por outras estratégias de realização do objeto direto (enfoque da pesquisa que aqui se desenvolve), que não apenas o uso do pronome clítico, conforme aponta Duarte (1986 e 1989).

Partindo das observações apresentadas acerca do PB, este estudo se propõe, sustentado pelos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística Variacionista, a estabelecer uma análise, na modalidade culta da língua, de nosso fenômeno variável, nas três pessoas gramaticais, objetivando avaliar se os processos de variação (e mudança) já observados no português popular também alcançaram a modalidade culta. Assumiu-se, pois, como hipótese central, que os fatores que motivam a variação, tanto nas estratégias de realização do objeto direto

como na proporção de uso de cada estratégia, não se mostram tão distantes ao se observar a variedade culta falada do PB, nas localidades aqui estudadas. Para tanto, o *corpus* desta investigação se estruturou utilizando-se de inquéritos constantes na amostra representativa do português culto falado, organizada durante a década de 1970, denominada Projeto NURC, em que se registrou o uso da língua feito por falantes de cinco capitais brasileiras, a saber: Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

Nessa perspectiva, a discussão estabelecida na dissertação que aqui se apresenta encontra-se assim distribuída: seguindo à introdução, encontra-se uma discussão acerca da organização dos pronomes pessoais, dando destaque às funções sintáticas de sujeito e de objeto direto. Nessa seção, estabelece-se um paralelo entre o que prescrevem os compêndios gramaticais – aqui representados por Rocha Lima (2000), Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2001 e 2002) –, idealizadores de uma norma padrão para a língua, e os estudos lingüísticos, investigadores da realidade lingüística popular e culta do PB.

Na seqüência, apresenta-se a seção destinada aos pressupostos teórico-metodológicos, que se encontra subdividida de modo a sistematizar (e, por que não dizer, dinamizar) os argumentos aí arrolados. Na primeira subseção, é desenvolvida uma breve discussão acerca do quadro teórico-metodológico da Sociolingüística Variacionista, discorrendo sobre a delimitação de seu objeto de estudo de modo a situar esse modelo de descrição lingüística nos estudos de Lingüística Moderna. Nas duas subseções seguintes, são expostos os objetivos pretendidos por esta pesquisa, bem como suas hipóteses norteadoras. Com o objetivo de apresentar o *corpus* aqui constituído, bem como sua delimitação, foi organizada uma quarta subseção. Nela, procurou-se discutir, de forma breve, a concepção de variedade culta do PB aqui

considerada e, por conseguinte, quem são seus falantes, como também apresentar a forma pela qual foi constituída a amostra representativa do PB aqui utilizada, justificando, nesse momento, a seleção feita dos inquéritos com que se trabalhou e expondo, em seguida, os grupos de fatores (lingüísticos e extralingüísticos) considerados.

Aos pressupostos teórico-metodológicos, segue a análise dos dados. Neste momento da dissertação, são apresentados os resultados obtidos nas cinco capitais estudadas. Por se ter considerado a realização do objeto direto nas três pessoas gramaticais, a análise se desenvolveu, separando, de um lado, a 1ª e 2ª pessoas e, de outro, a 3ª pessoa. Justifica-se essa separação em função da natureza distinta dos pronomes, pensando em sua referenciação: no eixo discursivo, seguindo a proposta de Benveniste (1995), encontram-se a 1ª e 2ª pessoas e, fora desse eixo, está a “não-pessoa”, também considerada como 3ª pessoa.

Em função da natureza quantitativa da pesquisa, utilizaram-se, para os casos de objeto direto em 3ª pessoa, os pacotes de programas estatísticos **Varbrul** e **Goldvarb**, para que fossem estabelecidos os cruzamentos entre as formas variantes e os grupos de fatores considerados. Ressalta-se, ainda, que, para a análise das ocorrências de objeto direto em 3ª pessoa, foi seguida a proposta apresentada por Matos (2005): analisar separadamente os casos em que o objeto tem um antecedente oracional e os que são antecidos por um sintagma nominal (**SN**), a fim de se ter um melhor controle dos dados.

Após a análise, são apresentadas as conclusões a que se chegou, reunindo as informações consideradas mais relevantes neste estudo, que é finalizado pelo acervo de referências que o sustentaram.

Estima-se, dessa forma, que os resultados aqui apresentados e discutidos possam dar sua modesta contribuição à descrição do que se convencionou chamar PB, servindo de base para estudos vindouros.

2 O SISTEMA PRONOMINAL DO PORTUGUÊS: UMA BREVE REVISÃO DE LITERATURA

O desenvolvimento de um estudo centrado na língua falada, em sua variedade culta, requer, primeiramente, que se verifique como a gramática tradicional, mecanismo normalizador e normatizador da língua, aborda o fenômeno lingüístico que se propõe a estudar, a fim de se verificar como se dá a relação entre o que prescrevem os compêndios gramaticais e a teoria lingüística e como se dá a relação de ambos com o que se pode observar no uso efetivo da língua pelos considerados falantes cultos.

2.1 Revisitando a abordagem tradicional: panorama geral acerca da concepção de pronome

A Gramática Tradicional (doravante GT) tem seu quadro pronominal estabelecido a partir do que se convencionou chamar **peças do discurso**, a saber, a pessoa que fala (1ª pessoa), a pessoa com quem se fala (2ª pessoa) e a pessoa (ou ser) de quem (ou de que) se fala (3ª pessoa).

Para uma melhor visão do tratamento dado pelos gramáticos a esse elemento lingüístico, passa-se a uma verificação da abordagem feita por alguns gramáticos no que se refere aos chamados **pronomes pessoais**¹.

Rocha Lima (2000, p. 110), citando Said Ali, apresenta como definição de pronome “a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas

1. A verificação estará centrada única e exclusivamente nos pronomes pessoais pelo fato de estarem eles inseridos no estudo aqui proposto.

como pessoa do discurso”, entendendo-se por pessoas do discurso o ser que fala, o ser com quem se fala e o ser de que/quem se fala.

No intuito de se representarem as três pessoas do discurso anteriormente referidas, o gramático denomina **pronomes pessoais** às palavras com essa função. Tem-se, assim, para a primeira pessoa as formas **eu** (singular) e **nós** (plural); para a segunda pessoa, tem-se as formas singular **tu** e plural **vós**; seguidas das formas singular **ele(a)** e plural **eles(as)**² para a representação da pessoa de que/quem se fala, isto é, da terceira pessoa.

Os pronomes pessoais, em constante relação com o verbo, ora assumem o papel de sujeito, ora o de complemento da forma verbal com que se relacionam. Aos primeiros, chama-lhes o gramático **subjativos** ou **retos**, ao passo que os outros são denominados pronomes **objetivos** ou **oblíquos** (ROCHA LIMA, 2000, p. 111).

Passando a outra abordagem, Cunha e Cintra (2001, p. 275) dizem que esse tipo de pronome pode, na oração, assumir funções sintáticas tal como exercem os elementos nominais, uma vez que podem substituir um substantivo ou acompanhá-lo, “determinando-lhe a extensão do significado”. Restringindo-se aos ditos pronomes pessoais, estes somente substituirão o substantivo.

Assim, os pronomes pessoais, para Cunha e Cintra (2001, p. 276-7), caracterizam-se por marcarem as pessoas gramaticais (ou pessoas do discurso, como se refere Rocha Lima); por, quando na terceira pessoa, retomarem uma forma nominal anteriormente citada no discurso; e, ainda, por sofrerem variação na forma, conforme a função sintática e o acento que recebem. Quanto à função sintática que desempenham, os pronomes pessoais podem ser retos, quando funcionando como sujeito do verbo, ou oblíquos, quando funcionando como objeto verbal. Além da

2. Note-se que apenas as formas válidas para a 3ª pessoa recebem marcação de gênero e número, tal como as formas nominais, visto serem formas advindas do demonstrativo latino *ille*, conforme pode ser verificado na seção 1.2.2.

função de sujeito, os gramáticos dizem ainda que os pronomes pessoais retos podem comportar-se sintaticamente como predicativo do sujeito e vocativo, estando este restrito aos pronomes de segunda pessoa (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 281).

Verificando as considerações de Bechara (2001, p. 162), nota-se que o mesmo encontra-se em conformidade com as ponderações até aqui apresentadas, uma vez que também atribui ao pronome a marcação das pessoas do discurso. No entanto, algo novo é encontrado: a menção ao fato de o pronome poder ter como referente um elemento encontrado na situação³ ou no próprio texto. O gramático argumenta, ainda, sobre o fato de a primeira e a segunda pessoas serem determinadas, ao passo que a terceira pessoa é indeterminada, pois esta “aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa”⁴.

Restringindo-se, agora, aos pronomes pessoais, Bechara (2001, p. 164), embora não faça a devida referência, reporta-se a Benveniste (**A natureza dos pronomes**) ao dizer que tal categoria terá a função de marcar “as duas pessoas do discurso e a não-pessoa [...], considerada, pela tradição, a 3ª pessoa”.

Assim como Rocha Lima e Cunha e Cintra, Bechara, seguindo à tradição gramatical, apresenta os pronomes pessoais conforme sua função sintática: funcionando como sujeito ou como predicativo estão as formas retas e, como objeto, encontram-se as formas oblíquas.

Feita essa abordagem geral acerca de como os pronomes pessoais são concebidos pela gramática tradicional, necessário se faz restringir à distribuição dos

3. Acredita-se que o termo **situação** é entendido pelo gramático como situação de interlocução, ou seja, de interação verbal, de comunicação.

4. Em nota, Bechara (2001, p. 162) faz referência à forma **você** como equivalente à 2ª pessoa, podendo essa forma adquirir caráter de “impessoal”, referindo-se ao próprio falante. Percebe-se, também, pelo exemplo citado em nota, a referência feita pelo gramático à forma **a gente** com o mesmo valor: 1ª pessoa, impessoalizadora.

mesmos, uma vez que se constituem em objeto de estudo da pesquisa que ora se desenvolve.

2.2 O quadro dos pronomes pessoais para a Gramática Tradicional

Como se pode verificar, é consenso entre os gramáticos o estabelecimento de um quadro pronominal fixo e rígido, persistindo, até, na manutenção de algumas formas em desuso no PB e negando-se a (ou resistindo em) inserir outras bastante freqüentes. O quadro abaixo, extraído de Cunha e Cintra (2001, p. 277)⁵, mostra a maneira como se dá a distribuição dos pronomes pessoais na concepção tradicional.

Quadro 1 – Distribuição dos pronomes pessoais à luz da Gramática Tradicional

		PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO REFLEXIVOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
<i>Singular</i>	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
<i>Plural</i>	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

Fonte: CUNHA; CINTRA: 2001, p. 277

A organização em pronomes retos e oblíquos se faz em função do papel sintático desempenhado pela forma pronominal, ou, retomando a colocação da gramática latina, conforme o caso atribuído pelo verbo. Aos retos, resguarda-se a função de sujeito, enquanto que aos oblíquos é resguardada a função de objeto

5. Embora o quadro apresentado tenha sido extraído de um compêndio gramatical específico, a visão adotada pelos demais gramáticos não diverge.

(direto ou indireto). Pode, ainda, a forma reta do pronome encontrar-se sintaticamente na posição de predicativo do sujeito ou de vocativo.

É o que se pode verificar pelos exemplos que seguem:

(1) a. “**Eu** era a desdenhosa, a indiferente.”

b. “**Nós** vamos em busca da luz.”

c. “ Se és **tu**, meu pai, **eu** vou contigo.”

(2) “Trata-se do seguinte: eu não sou mais **eu**! Revoguei-me a mim mesmo.”

(3) a. “Ó **tu**, Senhor Jesus, o Misericordioso,

De quem o Amor sublime enaltece o Universo...”

b. “Ó **vós**, que, no silêncio e no recolhimento

Do campo, conversais a sós, quando anoitece...”⁶

Nos exemplos acima, temos, em destaque, formas pronominais retas assumindo, conforme prescreve a tradição gramatical, a função de sujeito (1. a-c), predicativo (2) e vocativo (3. a-b).

Já as formas oblíquas manifestar-se-ão de duas formas na sentença: as ditas oblíquas átonas serão empregadas sem o acompanhamento da preposição, enquanto as oblíquas tônicas terão seu emprego restrito à precedência de preposição. Isso pode ser verificado em:

(4) Convidaram-**me** para a festa.

(5) Espero **por ti**.

6. Os exemplos constantes de (1) a (3) foram retirados de Cunha e Cintra (2001, p. 281).

Com relação aos oblíquos átonos, os referentes à primeira e à segunda pessoas poderão, sintaticamente, funcionar como objeto direto ou indireto, conforme a transitividade do verbo com que se relacionarem. Já as formas de terceira pessoa têm, segundo a GT, função sintática específica: **o, a, os, as** comportando-se apenas como objeto direto e **lhe, lhes** funcionando, única e exclusivamente, como objeto indireto.

Os aspectos até aqui apresentados em nada diferem ao serem comparados os gramáticos em estudo: Rocha Lima (2000), Bechara (2001 e 2002) e Cunha e Cintra (2001). Entretanto, algumas particularidades na abordagem feita por um ou por outro gramático devem ser apontadas.

Em Rocha Lima (2000, p. 316-317), encontra-se, no quadro pronominal apresentado pelo gramático, a forma **você(s)** como possibilidades para as realizações das segundas pessoas do caso reto, devendo a estrutura verbal com a qual concordará flexionar-se em terceira pessoa. Acrescida tal forma ao grupo dos pronomes retos, nota-se, conseqüentemente, uma alteração no grupo dos oblíquos para a mesma pessoa: pode, também, realizar-se em função de objeto direto de segunda pessoa do singular as formas **você, o, a** e em função objeto indireto as formas **lhe, a você**. O interessante é que, embora a forma plural **vocês** seja, pelo gramático, aceita como segunda pessoa sintaticamente sujeito, os plurais para a função de objeto direto (**vocês, os, as**) não são citados no quadro pronominal, ao contrário do que acontece com as formas referentes ao singular. No entanto, as formas do objeto indireto para o plural (**lhes, a vocês**) são apresentadas no quadro.

A forma **você** é ainda considerada por Rocha Lima (2000, p. 112) e Bechara (2001, p. 164) como forma de tratamento indireto de segunda pessoa, restringindo-se ao uso familiar.

Bechara (2001, p. 166) e Cunha e Cintra (2001, p. 285) apontam para o fato de a estrutura pronominal **vós** estar em desuso no português moderno, tanto brasileiro como europeu. Em substituição a esse termo, a forma **vocês** passa a ser empregada como plural de **tu**, argumenta Bechara, em observação. No entanto, vale ressaltar o fato de que em nenhum momento os gramáticos fazem referência à forma **você** como substituta da (ou equivalente à) forma **tu**.

Às formas **ele(s)/ela(s)** resguarda-se a função sintática de sujeito, sendo vistas como “**equivocos e incorreções**” quando utilizadas em função de objeto direto, tornando-se característica da “fala vulgar e familiar do Brasil” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 288). A esse respeito, também se posiciona Bechara (2002, p. 59) ao dizer que a forma pronominal **ele** jamais deve ser usada como objeto direto, argumentando que o seu uso nessa função só se dá em textos literários, na tentativa, por parte do escritor, de “imitar o falar inculto”.

Apesar de os gramáticos apresentarem o uso de uma construção do tipo **Eu vi ELE ontem** como sendo da “fala vulgar e familiar do Brasil”, os mesmo dizem que construções desse tipo têm raízes antigas no português europeu, uma vez que já em escritos portugueses dos séculos XIII e XIV registros do tipo eram encontrados. Já com relação a esse uso no PB, Bechara (2002, p. 59), a fim de exemplificar, cita um excerto de **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis. Isso, de certa forma, sustenta a hipótese de que o uso de **ele** funcionando como objeto direto data de época mais remota, pois só uma frequência relevante na fala dos usuários do século XIX levaria Machado de Assis a romper com a formalidade lingüística que lhe era peculiar.

Contudo, terão as formas **ele(s)/ela(s)** o licenciamento para funcionarem como objeto direto, caso sejam precedidas por preposição, repetindo o “objeto direto

enunciado pela forma normal átona” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 288), como exemplificado em **(6)**, ou ainda em situação em que o mesmo esteja antecedido por **todo** ou **só** (adjetivo) (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 289; BECHARA, 2001, p. 175; BECHARA, 2002, p. 59), como se verifica em **(7)**, ou ainda quando dotado de acentuação enfática (BECHARA, 2001, p. 175), conforme se percebe em **(8)**.

(6) “Não sei se elas me compreendem

Nem se eu **as** compreendo **a elas**.”

(7) a. “– Conheço bem **todos eles**.”

b. “No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. **Todos eles** conserva o português.

(8) “Olha **ele!**”⁷

Bechara (2001, p. 173) diz ainda que o pronome lexical pode equivaler ao clítico quando:

- o complemento estiver distante do verbo ou com pausa a separá-los:

(9) “Subiu! E viu com seus olhos.

Ela a rir-se que dançava.”⁸

- em enumerações e aposições, havendo a ocorrência de um distanciamento entre verbo e complemento:

(10) “Depois de muita delonga o diretor escolheu: **eu**, o Henrique e o Paulinho.”⁹

7. Foram citados por Cunha e Cintra (2001, p. 288) os exemplos constantes em **(6)** e **(7) a.** Já os constantes em **(7) b** e **(8)** encontram-se em Bechara (2001, p. 175).

8. Exemplo extraído de Bechara (2001, p. 173)

9. Exemplo extraído de Bechara (2001, p. 173)

- em coordenações pronominais ou com um substantivo introduzido por **entre**:

(11) Você deve escolher entre **eu** e aquele rapaz.

Note-se que as ponderações acima apresentadas giram, fundamentalmente, em torno da terceira pessoa pronominal, pessoa que mais tem sofrido alterações – se comparada a prescrição ao uso – no quadro pronominal do português, sobretudo o brasileiro, conforme será discutido mais adiante, na seção 1.2.2.

Contudo, outro apontamento quanto à linguagem coloquial é feito pelos gramáticos: o uso da forma **a gente**. É comum, dizem Cunha e Cintra (2001, p. 296), o emprego dessa forma em posição de primeira pessoa (singular ou plural), ficando o verbo flexionado na terceira pessoa do singular. A fala dos gramáticos pode ser completada com a de Bechara (2001, p. 166) quando, em observação, diz que o uso de tal forma encontra-se “fora da linguagem cerimoniosa”.

Ao se observar a rigidez da prescrição gramatical e compará-la ao uso efetivo que os falantes (inclusive os considerados cultos) fazem da língua, percebe-se certo distanciamento. Na tentativa de encurtar tal distanciamento (ou de pelo menos analisá-lo), compreendendo o fenômeno que abarca o quadro pronominal do português, sobretudo o brasileiro, passa-se, agora, a uma reflexão sobre como as pesquisas lingüísticas têm tratado tal fato.

2.3 O sistema pronominal do português sob a ótica dos estudos lingüísticos

Embora a concepção tradicional se mostre resistente à mudança ao apresentar um quadro pronominal fixo e rígido, ao se observar o uso efetivo que os falantes fazem da língua, nota-se certo distanciamento entre a prescrição e a realidade lingüística. Tal distanciamento se dá em função da (re)organização que o sistema pronominal sofreu (e vem sofrendo) ao longo dos anos.

Já há algum tempo, estudiosos preocupados com o desenvolvimento de estudos descritivos da língua, dentre os quais citam-se Camara Jr. (1976 e 2001), Omena (1978 e 1996) e Faraco (1996), têm dispensado atenção ao processo de formação do sistema pronominal – especialmente os pronomes pessoais – do português, observando, conseqüentemente, as transformações sofridas pelo referido sistema ao longo do tempo, tanto no PB como no PE¹⁰.

No entanto, antes de passar à caracterização e organização dos pronomes pessoais no português, particularmente no PB, cabe aqui retomar as ponderações de Camara Jr. (2001, p. 84-5), ao apresentar os aspectos que distinguirão a categoria dos nomes da dos pronomes. Estes se diferenciarão daqueles pelo fato de conterem a noção de pessoa gramatical; da existência, em algumas categorias pronominais, de um gênero neutro funcionalmente substantivo; e em função da existência de uma categoria de casos. O primeiro e o último aspectos apresentados voltam-se fundamentalmente aos pronomes pessoais, fato que levará a discussão que ora se estabelece a explorá-los.

Ao que Camara Jr. chama **pessoa gramatical**, pode-se entender como sendo aquelas responsáveis pela marcação das pessoas do discurso. Sobre tais

¹⁰ Os estudos têm mostrado que as mudanças no sistema pronominal têm sido mais intensas no PB que no PE.

peças, Benveniste (1995, p. 278-9) argumenta que, das formas pronominais utilizadas para a indicação das pessoas do discurso – os pronomes pessoais **eu**, **tu**, **ele** – cabe a noção de pessoa apenas às formas referentes à primeira e à segunda pessoas – locutor e indivíduo alocutado, respectivamente, nos termos do lingüista – por serem as que se encontram no eixo discursivo falante-ouvinte. Quanto à forma **ele** (tradicionalmente considerada como marcadora da terceira pessoa), o lingüista diz faltar-lhe tal noção, referindo-se a ela como uma “não-pessoa”. Diz Benveniste (1995, p. 282) que a forma pronominal de terceira pessoa difere completamente das de primeira e de segunda, tanto por sua função – serve como substituta de algum elemento anunciado anteriormente no discurso – como por sua natureza – “representa de fato algo não marcado na correlação de pessoa”. Os contrastes entre as pessoas do discurso e a não-pessoa serão discutidos em maior detalhe nas seções 1.2.1 e 1.2.2, logo à frente.

O português, como as demais línguas românicas, tem seu sistema pronominal estruturado a partir do que apresentava a língua latina. Não só estruturou suas formas pronominais, como, nos dizeres de Coutinho (1976, p. 253), preservou sinais da marcação de casos, caracterizando-se a categoria dos pronomes, como a classe de palavras “que mais fielmente guarda os vestígios da declinação latina”¹¹.

Análogo às palavras de Coutinho, Tarallo (1990, p. 139), quando reportando-se a Mattoso Camara, afirma que “é incorreto dizer que os pronomes pessoais conservaram em português a categoria de casos do latim. O que

11. Por se tratar de um estudo sincrônico, não se fará uma abordagem histórica mais ampla. Para uma verificação mais aprofundada e estruturada em uma perspectiva histórica sobre a formação do sistema pronominal do português, confira Camara Jr. (1976); Coutinho (1976); Silva Neto (1986); bem como grande parte dos compêndios de gramática histórica e de estudos destinados à história da língua portuguesa.

sobreviveu foi, na realidade, uma tripartição, segundo a distribuição dos pronomes na sentença”.

Essa afirmação se justifica pelo fato de se terem formas pronominais que assumirão a função sintática de sujeito do verbo – os ditos pronomes pessoais do caso reto –, enquanto outras funcionarão sintaticamente como objeto direto e/ou objeto indireto – os chamados pronomes pessoais oblíquos. Porém, esse sistema pronominal que se estruturou a partir do sistema latino (e preservado pela GT, conforme se verifica no **quadro 1**) tem sofrido, nos últimos tempos, uma reorganização em função de fatores lingüísticos dentro dos quais os pronomes pessoais estão inseridos, conforme se poderá verificar logo adiante.

Para uma melhor compreensão – e sistematização do estudo que se desenvolve –, segue-se uma breve reflexão acerca dos pronomes pessoais (tanto retos, como oblíquos), separando de um lado os de primeira e de segunda pessoas, e, de outro, os de terceira pessoa. Tal separação se justifica pelo fato de, conforme apresentado anteriormente, tratar-se de formas pronominais de natureza distinta.

2.3.1 Os pronomes pessoais de 1ª e de 2ª pessoas no português

Referir-se à primeira e à segunda pessoas pronominais é, antes de tudo, fazer referência a dois elementos a partir dos quais o discurso se efetiva: o ser que fala e o ser com quem se fala. Tais pessoas têm um caráter diferenciado da terceira pessoa pelo fato de fazerem, ambas, referência a uma realidade do discurso, encontrando-se, dessa forma, no nível pragmático, tendo a primeira pessoa – **eu** – sua referência própria e correspondendo “cada vez a um ser único, proposto como tal” (BENVENISTE, 1995, p.278).

Por se ter esse caráter de unicidade é que, dentre as formas pronominais propostas pela GT, as formas atribuídas à primeira pessoa (singular, sintaticamente sujeito, objeto direto e/ou objeto indireto) mantêm-se resistentes à reestruturação e reorganização que vem sofrendo o sistema pronominal do português. Sendo assim, conforme apresenta Dalto (2002), o quadro pronominal referente à primeira pessoa mantém-se inalterado e bem definido: **eu** para a função de sujeito; **me** para a função de objeto direto e indireto (a depender da transitividade do verbo)¹².

Quando a pessoa que fala deseja expressar-se, em um mesmo ato discursivo, em seu nome e no de outro ser, tradicionalmente tem-se a considerada primeira pessoa do plural, representada pela forma **nós** (em função de sujeito), perdendo a marcação de acento tônico a forma em função de objeto direto ou indireto: **nos**.

Embora se tenha também a marcação de primeira pessoa, o plural não se manteve resistente à mudança. O uso cada vez mais freqüente da forma **a gente** (concorrendo com a forma **nós**) em função de sujeito, alterando, assim, a concordância verbal, e de objeto direto e/ou indireto provocou uma reorganização do quadro pronominal correspondente à primeira pessoa do plural: para a função de sujeito, **nós** e **a gente**; para a função de objeto direto e/ou indireto, **nós**, **nos** e **a gente**, estando a última forma preposicionada quando funcionar como objeto indireto¹³.

Vale registrar que, apesar do uso cada vez mais freqüente, principalmente no PB, da forma **a gente** – conforme têm mostrado as pesquisas lingüísticas como a

12. Por não se constituírem objeto do estudo que aqui se desenvolve, não se fará referência às formas oblíquas tônicas.

13. Embora não se constitua em objeto deste estudo, vale ressaltar que a inserção da forma **a gente** no quadro pronominal equivalendo à primeira pessoa do plural permite o uso da forma reflexiva **se** nessa pessoa, antes freqüente apenas na terceira pessoa.

desenvolvida por Omena (1996), Omena e Braga (1996) e Lopes (2001) –, não se vê nenhuma manifestação, por parte dos compêndios gramaticais, sobre tal forma, considerando-a como inexistente na marcação da primeira pessoa do plural.

Passando agora à segunda pessoa, embora também seja identificada na “realidade discursiva” marcando o ser com quem se fala, o que se verifica, a partir de estudos já desenvolvidos, como Freire (2000) e Dalto (2002) – para citar alguns mais recentes –, é que não houve tanta resistência a mudanças como se percebeu na primeira pessoa do singular.

A tradição gramatical propõe que seja usada para marcar a segunda pessoa, funcionando sintaticamente como sujeito, a forma pronominal **tu**. Porém, estudos desenvolvidos por diversos pesquisadores, como Duarte (1996), Menon (1996) e Paredes Silva (1998), para citar alguns, têm verificado a presença dessa forma pronominal apenas em alguns dialetos do PB. Na maior parte do Brasil, os falantes, para marcar a segunda pessoa, empregam a forma **você**, atribuindo ao pronome de tratamento o *status* de pessoa do discurso.

Hipotetiza-se que no PE, ao menos em situações informais e com maior grau de intimidade, o uso da forma **você** como pessoa do discurso também ocorra, porém com frequência bastante inferior à do PB.

A perda da oposição **tu/você**, fator fundamental da mudança sintática ocorrida no PB (GALVES, 2001, p. 129), provocou, conseqüentemente, alterações nas formas que se comportam como objeto direto e objeto indireto. Antes, o que se tinha para tais casos era a forma **te**, tendo a sua função determinada pela transitividade do verbo. Agora, não só é usada essa forma, como também a forma **você**, podendo, assim como **a gente**, exercer função sintática de sujeito, objeto direto e/ou objeto indireto, como ocorre em (12). Outro aspecto que merece

destaque é a presença da forma **lhe** no quadro pronominal de segunda pessoa, correspondendo ao caso oblíquo de **você**, quando sujeito, assumindo função de objeto direto, conforme se verifica em **(13)**, ou de objeto indireto, conforme **(14)**.

(12) Bom, pode acontecer é o que geralmente acontece. A rigor deveria ser primeiro uma advertência, a depender do caso, pra depois, numa repetição, uma multa ou até outro tipo de providência como suspensão da carteira, etc. Mas, normalmente, eles multam **a gente**. E, às vezes, em dias e locais que a gente não estava. (NURC – Salvador / DID-277)

(13) e às vezes obtém tal a premência que eles têm também de vender quer dizer “não não é juro não juro paga quem deve eu não vou dever eu vou **lhe** pagar à vista (NURC – São Paulo / DID-250)

(14) não **lhe** ocorrem dores lombares? você tem uma opinião sobre as causas? (NURC – Porto Alegre / DID-009)

Tal presença foi favorecida por um outro fator: o da concordância. O uso de **você** em posição de sujeito de segunda pessoa fez com que o verbo perdesse a marcação de pessoa, flexionando-se tal como na terceira pessoa. O fato de se ter, então, um verbo flexionado na terceira pessoa, mas referindo-se à segunda, constitui-se em contexto favorável à subida de **lhe** da terceira para a segunda pessoa.

Assim como para a primeira pessoa existe um equivalente plural, também acontecerá na segunda pessoa. Como forma de representar mais de um ouvinte (ser com quem se fala), tradicionalmente é apresentada para a função de sujeito, a forma **vós**, embora já esteja, conforme admite a própria GT, em desuso tanto na variedade

do PB como na do PE. Para preencher a lacuna em função do desuso de **vós**, passou-se a usar a forma **vocês**¹⁴.

A queda da forma pronominal **vós** provocou, conseqüentemente, a do oblíquo **vos** (sitaticamente, objeto direto ou objeto indireto) e a perda da flexão verbal. O que se tem agora é a estrutura verbal flexionada em terceira pessoa do plural atribuindo função de objeto direto/objeto indireto às formas **vocês** (preposicionada quando objeto indireto) e **lhes**.

Alteração maior sofreu a chamada terceira pessoa. Por se tratar de uma estrutura de natureza diferente das demais pessoas é que se discutirá em uma seção à parte, a seguir.

2.3.2 Os pronomes pessoais de terceira pessoa no português

Ao contrário da primeira e da segunda pessoas, que se caracterizam por marcarem elementos presentes no eixo discursivo falante-ouvinte, a chamada terceira pessoa caracteriza-se por fazer referência a algum elemento externo ao falante e ao ouvinte, geralmente citado no próprio discurso. Nas palavras de Benveniste (1995, p. 282), “a ‘terceira pessoa’ representa de fato o membro não marcado da correlação de pessoa”, caracterizando-se no que o lingüista denomina “não-pessoa”.

Para a representação da terceira pessoa no sistema pronominal do português, tem-se a forma **ele** (em função de sujeito), derivada, conforme aponta

14. Os fatos permitem supor que a mudança sofrida na segunda pessoa do plural, por ser anterior, tem motivado a implementação da mudança no singular correspondente. Tal suposição se justifica pelo fato de, apesar de todo conservadorismo peculiar, já se aceitar, em gramáticas tradicionais, a forma **vós** como em desuso, tanto no PB como no PE, conforme se pode verificar em Cunha e Cintra (2001, p. 285). Porém, para uma maior certificação desse fato, seria necessária uma verificação mais cuidadosa e em uma perspectiva diacrônica. A esse respeito, ver Menon (no prelo)

Camara Jr. (1976, p. 92), do pronome demonstrativo latino *ille* (de valor indicativo preciso), eliminando, da forma latina, o seu caráter dêitico. O lingüista, em outro trabalho, aponta também para o fato de a terceira pessoa receber um sufixo flexional marcador de gênero e outro marcador de número (tal como ocorre nos nomes), fato que o diferenciara das formas de primeira e de segunda pessoas (CAMARA JR., 2001, p. 118). Assim, para o singular tem-se as formas **ele/ela** e seus correspondentes plurais **eles/elas**.

Ao contrário do que ocorre com a primeira pessoa do plural e com a segunda (singular e plural) em função sintática de sujeito, a terceira pessoa não apresenta forma concorrente, não possuindo, então, nenhum aspecto de variação. Mas isso não impediu que as formas utilizadas para outras funções (como a de objeto direto e a de objeto indireto) estivessem imunes à mudança lingüística.

Um primeiro aspecto que merece destaque é o fato de as formas átonas sintaticamente objeto direto (**o**, **a**, **os**, **as**) terem praticamente desaparecido da realidade lingüística dos falantes do PB, limitando-se a contextos específicos e ao uso por falantes mais escolarizados, conforme mostram Omena (1978) e Duarte (1986 e 1989).

Além da alteração apresentada, há, ainda, o fato de a forma átona **lhe** (que, conforme mencionado anteriormente, funciona também como forma de segunda pessoa) passar a acumular dupla função: a de objeto direto – sua nova função, em algumas variedades do PB, contrariando a prescrição gramatical – e a de objeto indireto – função que já **lhe** era particular. Tal acúmulo se verifica, também, nas formas referentes à primeira e à segunda pessoas (**me** e **te**, respectivamente).

Seria possível, então, supor que o sistema pronominal do PB busca a sua homogeneização?

Merece, também, que se faça alusão à forma **ele** funcionando como objeto não regido por preposição, uso “esconjurado” pela tradição gramatical, chegando a ser considerado como “equivoco e incorreção”, caracterizando a “fala vulgar e familiar do Brasil” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 288).

Apesar de condenado pela GT, o uso da forma **ele** como objeto direto está presente na fala – principalmente na informal – dos falantes do PB em todos os níveis sociais. Em função do que acontece com a primeira pessoa do plural – **a gente** – e com as segundas pessoas do singular e do plural – **você** e **vocês** –, em que essas novas formas adquirem *status* tanto de sujeito como de objeto direto, pode-se supor que isso tenha motivado a intensificação do uso de **ele** na posição de objeto direto¹⁵. Outro fato que, provavelmente, teria estimulado tal uso seria a preservação do caráter demonstrativo de cuja forma se originou.

Sobre o uso da forma **ele** em posição de objeto direto, Galves (2001, p. 47), defendendo uma interpretação já apresentada por Mattoso Camara, diz que isso “não corresponde a uma simples substituição do clítico, mas corresponde a uma reorganização da expressão das relações referenciais da língua”.

Somadas todas essas hipóteses, começa-se a compreender o motivo que levou o PB a sofrer alterações em seu sistema pronominal, reorganizando-se, mesmo que de forma contrária à prescrição gramatical. Tem-se, então, o quadro do sistema pronominal para as funções de sujeito e de objeto direto¹⁶, assim (re)estruturado:

15. Diz-se intensificação pelo fato de a forma **ele** em função de objeto direto ser encontrada em textos mais antigos, inclusive do português arcaico, conforme mostra Camara Jr. (2004).

16. No quadro não se teve a preocupação de inserir as formas referentes à função de objeto indireto por estas não se constituírem, diretamente, em objeto de estudo do presente trabalho.

Quadro 2 – Distribuição dos pronomes em função de sujeito e objeto direto a partir, de pesquisas lingüísticas

		Formas pronominais com função de sujeito	Formas pronominais com função de objeto direto
Singular	1ª pessoa	eu	me
	2ª pessoa	tu, você	te, lhe, você
	3ª pessoa	ele/ela	ele/ela, lhe
Plural	1ª pessoa	nós, a gente	nós, nos, a gente
	2ª pessoa	vocês	vocês, lhes
	3ª pessoa	eles/elas	eles, elas, lhes

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Todo estudo que se desenvolva requer a busca pelo aparato de modelo teórico-metodológico que sustente a análise dos dados e fundamente as hipóteses levantadas. Com esse propósito, segue-se um breve esboço da teoria em que se amparará o estudo que ora se propõe, bem como o método adotado para a análise dos dados.

3.1 O quadro teórico: o espaço da Sociolingüística Variacionista nos estudos lingüísticos

Afirmar que uma língua sofre mudanças/variações motivadas não só por fatores internos ao sistema lingüístico, como também externos a ele, parece ser, hoje em dia, uma afirmação um tanto quanto óbvia. Isso pelo fato de ser a língua um dos mecanismos (talvez o principal) responsáveis pelo retrato do comportamento sócio-cultural de determinada comunidade lingüística. Sabendo que a cultura de um povo é formada a partir de sua heterogeneidade social – visto que não existe sociedade homogênea – a língua, sendo um elemento cultural, apresentará, quando posta em uso por seus falantes, aspectos que possibilitarão a identificação de diversidades lingüísticas.

É o que apresenta Monteiro (2000, p. 13, grifos nossos), quando argumenta que

[...] não constitui nada de novo dizer que a língua e a sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo, que é impossível conceber-se a existência de uma sem a outra. Com efeito, **a finalidade básica de uma língua é a de servir como meio de comunicação e, por isso mesmo, ela costuma ser interpretada como produto e expressão da cultura de que faz parte.**

No entanto, essa concepção nem sempre esteve na pauta da discussão estabelecida pela Lingüística Moderna, muito embora a consideração da língua como fato social permeie os estudos lingüísticos desde Saussure.

A esse respeito, já dizia o lingüista suíço que a língua é

[...] um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. [...] ela pertence [...] ao domínio individual e ao domínio social. (SAUSSURE, 2002, p. 17)

Pertencendo, então, ao domínio individual, a língua será manifestada no uso que cada falante de uma dada comunidade lingüística faz desse sistema, estando, contudo, em consonância com o que é aceito pelo grupo, ou seja, as convenções estabelecidas pela comunidade lingüística. Considerando que a organização social se dá a partir da heterogeneidade de comportamento e atitudes dos indivíduos integrantes de uma comunidade, deveria, então, entender-se que tal heterogeneidade se refletirá na língua, apresentando ela uma tendência à variabilidade.

Conceber, então, a língua como fruto de manifestações sócio-culturais de uma comunidade significa relacioná-la,

[...] ao comportamento lingüístico de uma dada coletividade, aos padrões lingüísticos que se observam dentro dessa coletividade; padrões esses que são variáveis, donde a sua adequada representação como um sistema heterogêneo. (LUCHESE: 2004, p.196)

Contudo, é possível notar certa divergência dessa abordagem com a forma saussureana de conceber a língua. A esse respeito, Luchesi (2004, p. 157, grifos do autor) sintetiza o pensamento de Saussure ao dizer que a língua é “[...] **um sistema homogêneo, unitário e autônomo**, constituído por unidades invariáveis e

estruturado por relações exclusivamente sincrônicas entre seus elementos constituintes.”

Embora considere a língua como fato social, Saussure apresenta tal princípio apenas de forma geral, não se propondo a discutir esse caráter, fato que resulta na clássica dicotomia *langue* / *parole*, em que se prioriza o estudo daquilo que é abstrato e existe na forma de memória coletiva: a *langue*. Nessa abordagem, deixa-se de lado a parte concreta e individual, ou seja, a *parole*. Essa concepção foi seguida pela maioria dos que se propuseram a desenvolver estudos descritivos de língua sob a ótica estruturalista.

Embrenhando-nos nas páginas do Curso de Lingüística Geral (CLG), publicação póstuma em que constam as teses de Saussure, apresentadas e organizadas por seus alunos Charles Bally e Albert Sechehaye, é clara a proposta defendida pelo mestre em separar a variação lingüística das condições externas de que ela depende (privando, dessa forma, a língua de uma realidade sócio-histórica), o que resultará na clássica dicotomia **sincronia / diacronia**. Dessa forma, procura-se elaborar um modelo abstrato de língua, autônomo e auto-suficiente, dando prioridade a uma lingüística de estado, o que provocará uma distinção (e, por que não dizer, uma separação) entre estrutura e história, deixando nítida a consideração da existência dissociada de duas lingüísticas: uma interna ao sistema lingüístico e outra externa a ele¹⁷.

Essa dissociação fica clara quando se observam, no interior do CLG, as seguintes colocações:

17. Os comentários aqui tecidos sobre o CLG não têm, em momento algum, a intenção de desmerecer esse que é considerado o fundador da Lingüística Moderna. Não deve, ainda, o leitor dessa obra, perder de vista o fato de que se trata de uma obra que não foi organizada e publicada por Saussure, mas por discípulos seus, em homenagem ao mestre.

A *Lingüística sincrônica* se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistema, tais como são percebidos pela consciência coletiva.

A *Lingüística diacrônica* estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si. (SAUSSURE: 2002, p. 116, grifos do autor)

Isso faculta o entendimento de que, na lingüística diacrônica, de acordo com o pensamento saussureano – e, por conseguinte, conforme o pensamento do estruturalismo lingüístico diacrônico em geral –, a mudança lingüística é concebida como uma sucessividade de sistemas homogêneos e unitários. Cada estágio de mudança, nessa concepção, compreende um período em que o sistema lingüístico se encontra instável.

Apesar da hegemonia que cercava a visão estruturalista de língua, algumas vozes – um tanto quanto silenciadas durante a primeira metade do século XX – surgiram em “protesto” a essa dissociação, dentre as quais a do lingüista francês Antonie Meillet.

Embora seja, por alguns, considerado como discípulo de Saussure, Meillet, em seu artigo *Différenciation et unification dans les langues*, publicado pela primeira vez no ano de 1911, na *Rivista di Scienza*, sustentará alguns argumentos que irão de encontro aos defendidos no CLG. A partir da leitura de Meillet (1918, p. 110-129), torna-se possível a percepção de que o lingüista francês, ao contrário do suíço, insiste no caráter social da língua, associando, dessa forma, os fatores internos aos externos que envolvem o sistema lingüístico. Suas hipóteses opor-se-ão, no mínimo, à dicotomia saussureana sincronia / diacronia, uma vez que se defende a busca na história de explicações que favoreçam a compreensão da estrutura lingüística, confrontando, dessa forma, o “**fato social**” e o “**sistema que tudo contém**”.

Assim sendo, para o lingüista francês, toda língua se organiza em função de fatores internos e externos que provocarão a diferenciação bem como a unificação lingüísticas. Essa tensão se mostra necessária, pois manterá o equilíbrio dentro do sistema, favorecendo a interação verbal entre os membros de um dado grupo social.

Essa associação entre o sincrônico e o diacrônico, vista já no início do século XX – e que alicerçará, posteriormente, o pensamento laboviano –, torna-se ainda mais clara, quando Meillet (1918, p. 44-45, grifos nossos) argumenta que

A gramática descritiva e a gramática histórica não se diferenciam essencialmente uma da outra. Por um lado, de fato, **toda descrição é numa certa medida histórica**: mesmo que seja apenas um grupo social em que a língua é falada, os vários sujeitos que o compõem estão, em certos sentidos, em graus diferentes de evolução que sofre constantemente cada língua: cada nova geração traz algumas pequenas inovações, do mesmo modo que a fala dos idosos geralmente difere daquela dos jovens de um modo significativo. Além disso, pode haver no grupo elementos conservadores que mantêm arcaísmos e elementos inovadores nos quais, ao contrário, a evolução está mais adiantada. Finalmente, há usos que tendem a se tornar cada vez mais raros, enquanto outros aparecem inicialmente como tentativas isoladas. **Toda descrição precisa e completa de uma situação lingüística em um dado momento comporta assim a consideração de uma certa dose de evolução**; e esse é um fato inevitável, porque **uma língua que é falada, por isso mesmo, não está mais em estado de estabilidade completa**.

Embora se encontrem, dentre os estruturalistas, algumas vozes isoladas que defendem a associação entre os fatores internos e os fatores externos no estudo da língua, é apenas na segunda metade do século XX que esta concepção ganhará maior espaço. Será com o modelo teórico-metodológico da Sociolingüística que o contexto social em que a língua se constrói e suas funções sociais passam a ser incorporadas com efetivo sucesso na análise lingüística.¹⁸

18. Já encontramos, nos estudos das funções da linguagem desenvolvidos pelos primeiros funcionalistas, do Círculo Lingüístico de Praga, um enfoque sobre influência dos fatores sociais na estruturação do sistema lingüístico. No entanto, é, de fato, a Sociolingüística que terá sucesso na incorporação de fatores sociais à análise lingüística.

É possível, assim, perceber o reflexo do pensamento de Meillet em Labov (1983, p. 328) quando, ao citar o lingüista francês, o lingüista norte-americano sustenta a hipótese de que a mudança lingüística terá sua compreensão a partir da compreensão da mudança social, uma vez que a variação lingüística é mera consequência dos fatos sociais.

Seguindo essa concepção, a língua deixa de ser vista como “**um sistema homogêneo, unitário e autônomo**” (LUCHESE: 2004, p. 157, grifos do autor), passando a ser concebida como um sistema heterogêneo, tendo a mudança lingüística não como algo exterior ao sistema, mas como elemento decorrente de sua heterogeneidade.

No entanto, para o desenvolvimento de pesquisas dessa natureza, que focalizam o estudo da língua na vida cotidiana, Labov (1983, p. 23-4) afirma ter existido uma grande quantidade de obstáculos de caráter ideológico bloqueando, assim, a possibilidade de se desenvolverem estudos lingüísticos de base empírica. Dentre esses obstáculos, destacam-se o fato de Saussure defender, como já apresentado anteriormente, a separação entre uma lingüística de estado (sincrônica) e uma lingüística evolutiva (diacrônica). Somam-se à concepção saussureana as hipóteses de Bloomfield de que a mudança fonética não poderia ser observada diretamente, tampouco a variação livre poderia sofrer restrições, ou seja, não poderia estar sujeita a condicionamentos; uma forma não poderia ser empregada com mais frequência em um contexto que em outro. “Las relaciones de *más* o de *menos* eran por tanto eliminadas de los estudios lingüísticos y, con ello, lo era también el estudio del cambio em curso”. Entendia-se, pois, que uma forma ou uma regra só poderiam ocorrer sempre, opcionalmente ou nunca.

Isso fez com que os estudos empíricos de variação e mudança lingüísticas ficassem excluídos das investigações de lingüística por quase todo o século XX. Entendia-se, ainda, que “[...] los sentimientos acerca del lenguaje eran inaccesibles y externos a la perspectiva lingüística” (LABOV, 1983, p.24), fato que leva à não valorização do aspecto social como relevante à variação da língua.

Frente a esse desconforto ideológico em relação aos estudos lingüísticos, é, então, proposto um novo modelo teórico-metodológico, ao qual se denominou **Sociolingüística**, tendo como ícone representativo o lingüista norte-americano William Labov. A respeito da denominação dada, o próprio proponente afirma ser um equívoco e uma redundância, visto ser a linguagem “[...] uma forma de comportamento social [...]”. Refletindo sobre essa consideração, o lingüista, então, se questiona: “[...] ¿Em qué sentido puede la ‘sociolingüística’ se considerada como algo aparte de la ‘lingüística’?”. Como justificativa para o uso de tal termo, pauta-se na distinção em relação a estudos lingüísticos anteriores (aos quais se refere como “lingüística general”), por serem considerados como estudos que abordaram a língua fora do contexto social. (LABOV, 1983, p. 235-6)

O modelo sociolingüístico apresenta como proposta não compreender a estrutura lingüística somente em sua natureza representacional, mas que também fossem compreendidos “[...] outros elementos variáveis que são percebidos ao nível da consciência do falante, pois incorporam uma determinada função na atividade lingüística (refletem a escolha estilística, identificam socialmente o falante etc.)” (LUCHESE, 2004, p. 183).

Assim sendo, o ato comunicativo passa a ser concebido a partir da utilização do referido sistema – internalizado por seus falantes, na medida em que estes são postos em contato com a língua – durante a construção de um discurso

pertinente ao que se pretende informar, bem como ao contexto social em que o falante se encontrar. Dessa forma, a língua constituir-se-á no seio da sociedade como sistema de representação e compreensão do mundo, exercendo função de eixo norteador para a expressão do pensamento, buscando a efetivação da comunicação.

Sendo, então, a língua constituída dessa maneira,

[...] cada vez mais se aceita a idéia de que a heterogeneidade lingüística reflete a variabilidade social e as diferenças no uso das variantes lingüísticas correspondem às diversidades dos grupos sociais e à sensibilidade que eles mantêm em termos de uma ou mais normas de prestígio. (MONTEIRO: 2000, p. 58, comentando Dorian (1994))

Considerando, então, a inexistência de grupos sociais homogêneos, a língua, parafraseando Mattos e Silva (2002), será, pois, constituída por uma realidade lingüística heterogênea, plural e polarizada, em que determinado sistema lingüístico contemple tanto uma norma popular como uma culta, devendo, talvez, serem entendidas, ambas, de forma plural, dado que se percebe tanto em uma como em outra um *continuum* constituidor da variação, podendo esse caráter ser sustentado pelo fato de que “[...] as linhas que delimitam essas variedades, porém, são tão tênues que se entrecruzam [...]” (PRETI, 2004, p. 14).

Percebe-se, a partir do que foi acima exposto, que a língua, nessa nova perspectiva, passa a ter como elemento formador a heterogeneidade existente no interior da comunidade lingüística. É com a finalidade de se compreender a forma como se dá a organização das diferenças, que a **Sociolingüística Variacionista** (modelo teórico-metodológico que norteia as considerações do estudo aqui proposto) se estrutura, pautando-se na relação **língua – sociedade**.

A esse respeito, Monteiro (2000, p. 83) se posiciona ao argumentar que

o variacionismo parte do pressuposto de que a heterogeneidade manifestada na fala pode ser analisada de forma coerente. O pesquisador deve, pois, desprezar a tentativa de confiar em sua intuição e basear-se em exemplos construídos por ele próprio para, em vez disso, colher uma boa soma de dados numa comunidade. Tais dados constituirão o material que será submetido a análises estatísticas para a testagem de sua hipótese.

Sendo assim, o modelo teórico-metológico proposto por Weinreich, Labov, Herzog (1968) e Labov (1972, 1982, 1994) toma como ponto de partida para a investigação lingüística a existência de variação no interior de determinado sistema lingüístico, podendo tal variação resultar (ou não) em mudança. Em conseqüência disso, o sistema lingüístico deixa de ser visto como uma estrutura homogênea, na qual a mudança se processa de forma assistemática, passando a ser encarada, pelo modelo variacionista, como heterogênea, sendo a mudança processada de forma sistemática. E é justamente com o objetivo de “[...] processar, analisar e sistematizar o universo aparentemente caótico da língua falada [...]” (TARALLO, 2002, p. 5), verificando, a partir de investigação empírica, a relação existente entre os padrões lingüísticos e sociais, que se desenvolverão os estudos alicerçados por esse modelo.

Assim sendo, como argumenta o próprio Labov, o estudo da variação lingüística pautado em aspectos sociais possibilitará a investigação das estruturas lingüísticas variáveis, uma vez que vistas sob a ótica social, proporcionar-se-á “[...] la prueba empírica para resolver la alternância de los análisis estructurales, mediante el hallazgo de soluciones empírica a los problema que de otra forma son indecibles.” Sustenta-se ainda o referido estudo no fato de as estruturas variáveis estarem “[...] definidas con la ayuda de métodos cuantitativos que permiten estudios detallados del proceso de cambio lingüístico.” (LABOV, 1983, p. 167-8).

Para o desenvolvimento da sistematização do “caos” lingüístico, Tarallo (2002, p. 10-1) descreve cinco procedimentos fundamentais que deverão ser desenvolvidos pelo pesquisador que se proponha a um estudo dessa natureza. Tais procedimentos são:

- 1) um levantamento exaustivo de dados de língua falada [...];
- 2) descrição detalhada da variável [...];
- 3) análise dos possíveis fatores condicionadores [...] que favorecem o uso de uma variante sobre a(s) outra(s);
- 4) encaixamento da variável no sistema lingüístico e social da comunidade [...];
- 5) projeção histórica da variável no sistema sociolingüístico da comunidade [...].

Não se deve perder de vista, entretanto, que, para a definição da variável lingüística a que se proponha estudar, esses procedimentos devem estar atrelados aos seguintes critérios, apresentados por Labov (1983): 1) estabelecimento de todo o conjunto de contextos em que ocorre a variável (fenômeno lingüístico em estudo); 2) definição das possibilidades de realização dessa variável (suas variantes); e 3) elaboração de um índice quantitativo, a fim de que seja possível medir os valores das variáveis internas e externas (os grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos) levantados para a análise do fenômeno variável.

Para o estabelecimento desses grupos de fatores (internos e externos), caberá ao pesquisador lançar um olhar aguçado sobre os dados, a fim de que se verifiquem quais são motivadores do fenômeno variável em questão. Em se tratando dos grupos de fatores internos, são encontrados os “de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais”, uma vez que fazem referência à “língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significante e do significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua”. Já no tocante aos fatores externos ao sistema lingüístico, estão associados “fatores inerentes ao indivíduo” (como grupo étnico, sexo/gênero e idade), “os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os

contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva)” (MOLLICA, 2003, p. 11).

No entanto, como bem lembra Labov (1983, p. 159-60),

Las variables lingüísticas puestas em correlación con los indicadores sociales individuales de estatus productivo [...] nos muestran que ningún indicador aislado puede estar en relación tan estrecha con el comportamiento lingüístico como lo están los índices combinados.

Isso nos leva ao entendimento de que, estabelecidos os grupos de fatores (internos e externos), faz-se necessário o desenvolvimento de cruzamentos entre esses grupos, a fim de que nos proporcionem um retrato o mais fiel e abrangente possível do fenômeno variável em estudo.

Tendo, então, como ponto de partida os pressupostos da teoria laboviana, este estudo procurará verificar como se processa a realização do objeto direto no PB culto falado, na tentativa de compreender os fatores (lingüísticos e extralingüísticos) que sistematizam a expressão variável desse fato sintático.

3.2 Objetivos desta investigação

O estudo que aqui se desenvolve está norteado pelo objetivo principal de verificar, na variedade culta falada do PB, se as estratégias de realização do objeto direto nas três pessoas gramaticais se processam da mesma forma e se podem ser entendidas como uma extensão do que se nota na variedade popular.

Atrelados ao foco central da investigação, encontram-se outros objetivos secundários, mas não menos importantes, que contribuirão para se chegar ao nosso objetivo maior.

São, então, apresentados como objetivos específicos a identificação das formas de realização do objeto direto anafórico no PB culto falado; a análise dos

possíveis fatores determinantes da variação na forma como o objeto direto anafórico se realiza no português culto, verificando se tais fatores também são os mesmos que atuam na variedade falada menos formal da língua; a avaliação da expressão variável do objeto direto anafórico no PB culto falado, verificando se tal expressão está sujeita a diferenças de natureza geográfica. Identificaremos, ainda, se o(s) contexto(s) que favorece(m) a variação verificada na fala de informantes escolarizados indica(m) uma expansão das tendências observadas na fala de informantes com menor grau de escolaridade. Por fim, averiguaremos se o que é prescrito por nossa nomenclatura gramatical está em conformidade com o uso que os considerados falantes cultos fazem da língua.

Aos nossos objetivos, estão relacionadas nossas hipóteses, conforme se apresenta a seguir.

3.3 Hipóteses norteadoras do estudo

Partindo do que Cyrino (1996 e 1997) apresenta sobre a implementação do objeto nulo no PB, das considerações de Galves (1996 e 2001) sobre o enfraquecimento da concordância no PB e da exposição de Duarte (1986 e 1989) sobre as estratégias de realização do objeto direto anafórico, o trabalho que aqui se apresenta terá como hipótese norteadora o fato de que os fatores que influenciam a variação, tanto nas estratégias de realização do objeto direto como na proporção de uso de cada estratégia, não são tão distintos se observada a variedade culta falada do PB nas cinco capitais compreendidas pelo projeto NURC.

Vinculada à hipótese geral acima apresentada, acredita-se também que o quadro delineado para a variedade culta falada da língua contrasta com o uso da

língua feito por falantes menos escolarizados, bem como com o uso feito em situações menos formais. Hipotetiza-se, também, que, ao optar pela realização do objeto direto por uma forma pronominal, embora predomine na variedade culta falada o emprego do pronome clítico, já se observa uma freqüência significativa de pronomes lexicais. Essa hipótese se fundamenta no fato de que, conforme têm mostrado estudos como os de Omena (1978), Duarte (1986 e 1989), Freire (2000), o uso de pronome clítico tem sido cada vez menos freqüente, chegando a se afirmar que os pronomes clíticos átonos de 3ª pessoa já não são mais adquiridos pelo falante em processo natural de aquisição de língua (DUARTE, 1989). Crê-se, ainda, que características do contexto lingüístico – estrutura sintática em que ocorre o OD, animacidade do antecedente, topicalização (ou não) do antecedente, pessoa gramatical – se associam, preferencialmente, à realização de uma ou de outra estratégia.

Sendo assim, a análise dos dados se fará, tendo sempre em mente essas hipóteses.

A fim de atingir os objetivos propostos e de se verificar e testar as hipóteses levantadas, uma metodologia deve ser elaborada e estruturada. É o que se apresenta na seção seguinte.

3.4 O método: delimitando e definindo o objeto de estudo

Serão apresentados, nesta seção, os passos seguidos para a constituição do *corpus* deste estudo, bem como os grupos de fatores a serem considerados na análise das variantes.

3.4.1 A constituição do *corpus*

A pesquisa aqui proposta tem caráter descritivo-analítico e pretende observar como se comportam lingüisticamente – no tocante à realização do objeto direto – os falantes da variedade culta do português brasileiro.

Para tanto, seguindo os pressupostos da Sociolingüística, entender-se-á como sendo o usuário da variedade culta da língua aquela pessoa com formação acadêmica concluída, uma vez que, como argumenta Mattos e Silva (2004), a instrução escolar sistemática deve ser o veículo mais eficiente e evidente de difusão da norma culta. Mas isso não impede o falante de fazer o uso de estruturas lingüísticas que não estejam previstas na variedade culta da língua. É o que afirma Preti (2004, p. 14, grifos do autor), ao dizer que

a cultura lingüística do falante, seu grau de escolaridade, sua profissão, sua faixa etária, pesam suficientemente sobre seus hábitos de linguagem, para que ele se autodiscipline mais, porque seu *nível de fala* é, afinal, a marca de sua própria cultura e personalidade. Mas nada o impede, também, que seja sensível ao *uso lingüístico* dos grupos menos cultos, aos coloquialismos sintáticos e vocabulares (à própria gíria), que lhe permitam, nas interações mais familiares, ganhar recursos expressivos.

Pode ainda, completar essa concepção, o posicionamento de Labov (1983, p. 192), ao argumentar que “[...] existe un conjunto uniforme de actitudes respecto al lenguaje que son importantes en la mayoría de los miembros de la comunidad lingüística, a pesar de que utilizan formas relegadas o prestigiadas de dicho lenguaje.”

Tem-se, dessa forma, como caracterização da norma culta do PB o fato de “[...] ser uma modalidade predominantemente utilizada [...] por uma parcela da população que indubitavelmente teve acesso à educação formal e que está familiarizada com o texto escrito.” (MELLO, 2002, p. 343).

No entanto, a delimitação de uma norma culta para o PB não é consenso entre os que se propõem a estudar – amparados ou não pela perspectiva da Sociolingüística – a variedade brasileira do português. Isso pelo fato de que, não apenas o grau de escolaridade do falante, mas também vários outros fatores podem direcionar as avaliações sociolingüísticas dos falantes frente à língua.

O que se tem tomado como PB culto é uma estrutura organizada, segundo Mattos e Silva (2004), a partir do português europeu (PE) tal como fora trazido pelos colonizadores, sendo peculiar ao ápice da sociedade colonial, tendo, assim, o uso lingüístico do colonizador como modelo a ser seguido.

Não se deve perder de vista, entretanto, que o PE que aqui chegou, conforme apresenta Mattos e Silva (2002, p. 449, grifos da autora), servindo de alicerce para a constituição (e entendimento) do PB culto, era “não só sociolingüística como dialetalmente diversificado [...], mas também diacronicamente distinto, já que o *português europeu* continuou os seus processos de mudanças ao longo dos séculos referidos” [do século XVI ao XIX].

Por se pretender verificar a fala culta brasileira do português, é que o *corpus* para análise deste estudo está estruturado a partir de inquéritos do projeto **NURC** (Norma Urbana Culta), com entrevistas coletadas durante a década de 1970, em cinco capitais brasileiras, a saber: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife. Para cada uma dessas cidades, têm-se, aproximadamente, **300** (trezentas) horas de gravação. A seleção dos informantes se deu seguindo os seguintes critérios: serem brasileiros; nascidos na cidade em que as gravações foram realizadas, ou ali residentes desde os cinco anos de idade; filhos nativos de falantes de língua portuguesa, preferencialmente nascidos na cidade em que se desenvolveram as entrevistas.

A estruturação desse projeto objetivou documentar e descrever o uso urbano do português falado no Brasil, em seus aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais. O material coletado representa, dessa forma, o comportamento lingüístico de falantes de ambos os sexos/gêneros e distribuídos em três faixas etárias, a saber: **i)** 1ª faixa etária: de 25 a 34 anos; **ii)** 2ª faixa etária: de 35 a 56 anos; **iii)** 3ª faixa etária: acima de 56 anos.

Os inquéritos do projeto NURC, dada a natureza discursiva, foram distribuídos em três modalidades: **i)** DID – diálogos entre informante e documentador; **ii)** D2 – diálogos entre dois informantes; e **iii)** EF – elocuições formais. Em um nível de maior formalidade, encontram-se as elocuições formais, uma vez que se trata de gravações feitas em situações formais – como conferências e sala de aula –, momento em que o falante se mostra um tanto quanto mais preocupado com a elaboração de seu discurso, apresentando, conseqüentemente, uma maior tensão em seu comportamento lingüístico.

Apresentando um caráter menos formal, estão os inquéritos compreendidos pelos diálogos entre dois informantes (**D2**). Trata-se de situações em que o entrevistador não intervém no diálogo, sendo, dessa forma, um mero observador da conversa que se estabelece entre duas outras pessoas que se conhecem.

Nos diálogos entre informante e documentador (**DID**) é possível dizer que se tem um nível intermediário de formalidade, uma vez que a presença do entrevistador, nem sempre familiar ao entrevistado, pode se caracterizar como um motivo para um maior policiamento no comportamento lingüístico do informante, embora se trate de uma conversa informal.

Como delimitação dos dados constantes neste estudo, optou-se por utilizar apenas inquéritos constantes na modalidade **DID** do projeto em questão.

Analisaram-se dados de todas as capitais compreendidas pelo projeto, pois se pretendia buscar um retrato o mais abrangente do PB, na tentativa de se verificar a generalização (ou não) dos fenômenos lingüísticos em observação.

Posto que, para este estudo, houve a necessidade de se fazer um recorte na amostra do NURC, foram utilizados **30** (trinta) inquéritos, conforme se apresentam, no quadro abaixo, os números sob os quais estão registrados tais inquéritos, distribuídos de acordo com a localidade, sexo/gênero e faixa etária dos informantes.

Quadro 3 – Distribuição dos inquéritos utilizados na pesquisa, conforme localidade, faixa etária e sexo/gênero dos informantes

	25-34 anos		35-56 anos		Acima de 56 anos	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Porto Alegre	Nº 049	Nº 021	Nº 048	Nº 045	Nº 006	Nº 344
Recife	Nº 256	Nº 108	Nº 216	Nº 078	Nº 254	Nº 191
Rio de Janeiro	Nº 084	Nº 012	Nº 233	Nº 328	Nº 112	Nº 317
Salvador	Nº 277	Nº 125	Nº 100	Nº 081	Nº 094	Nº 159
São Paulo	Nº 018	Nº 251	Nº 208	Nº 234	Nº 250	Nº 242

3.4.2 Grupos de fatores de análise

Para a análise dos dados, foram considerados como grupos de fatores extralingüísticos relevantes o sexo/gênero e a faixa etária dos informantes, bem como a origem do informante, representando a variedade do PB a que o informante pertence.

Como variável dependente, foram consideradas as seguintes estratégias de realização do objeto direto¹⁹:

- não realização lexical do objeto (objeto nulo):

(15) estou sempre com o radinho aqui no pescoço eu dependurava \emptyset ou botava \emptyset aqui assim (NURC – Porto Alegre / DID-021)

(16) com relação a instalações isto é muito relativo porque os colégios/ você vai encontrar colégios você vai encontrar colégios deficientes a maioria deles com deficiência você vai encontrar \emptyset (NURC – Recife / DID-256)

(17) elas [as crianças] brincavam normalmente na casa da minha sogra o que já me acarretava sempre uma série de problemas porque sempre ficava um pouco distante da minha casa tinha problema de quem levar \emptyset (NURC – Rio de Janeiro / DID-012)

(18) Bom, o carro é amarelo, é um Chevette. Por sinal está novo, troquei \emptyset a semana passada. (NURC – Salvador / DID-277)

(19) bom inclusive o grão do café também precisa ser secado precisa colocar no terreiro e deixar \emptyset secar no sol (NURC – São Paulo / DID-018)

- realização por meio do uso de pronome clítico:

(20) parece que agora algumas escolas ah estão de nível secundário desse nível de segundo grau estão preparando ah os alunos para o p/a pro/a [...] profissão uma profissão qualquer ou pelo menos para encaminhá-**los** né? (NURC – Porto Alegre / DID-344)

19. Com exceção do **sintagma anafórico totalmente modificado**, as demais estratégias de realização seguem a proposta de Duarte (1986 e 1989). Já para a realização do objeto direto em forma de pronome, só se considerará o que estiver em função de objeto direto, excluindo-se desse grupo os que, porventura, assumirem função reflexiva.

- (21) eu acho que tudo acontece na sua vida e acontece porque tem que acontecer você às vezes facilita ao acontecimento das coisas mas é elas vêm normalmente da mesma maneira que acontece uma coisa boa acontece uma coisa ruim isso é muito normal na vida de todo mundo e os problemas todo mundo tem agora resta saber você enfrentá-**los** (NURC – Recife / DID-256)
- (22) as pessoas da fazenda não não não vinham à cidade não tinham meios de comunicação etc etc então eram pessoas burrinhas pobrezinhas coitadinhas então que não tinham a menor possibilidade que cabia a nós como pessoas esclarecidas ensiná-**las** e mostrar as coisas como deveriam ser (NURC – Rio de Janeiro / DID-012)
- (23) Bom, há termos prefixados, que normalmente eu não tenho necessidade de usar e o único padre, assim, que eu falo, que tenho amizade e intimidade é, assim muito liberal e de jeito que não **o** enxergamos como padre, então, o tratamento não difere dos demais. (NURC – Salvador / DID-125)
- (24) pôs na cama quatro dias depois saímos do hospital e fui pra casa mas minha senhora não ficava de pé não evacuava e gemia o dia inteiro pedia-lhe que fosse no em casa vê-**la** (NURC – São Paulo / DID-208)

- realização por meio do uso de pronome tônico (lexical):

- (25) o que me chamou foi a/ atenção foi isso que ele brincava falava com as leas uma sentia ciúmes outra e e agarrava **ele** tudo assim (NURC – Porto Alegre / DID-021)
- (26) a mulher ela talvez se sacrifique mais pelo filho do que pelo marido pode ser que ela não tendo filho tendo só um namorado ela se sacrifique e o homem se sacrifica mais pela mulher do que pelo filho portanto é que ele seria mais

tendente a amarrar **ela** do que ela amarrar ele bom isso é ideológico (NURC – Recife / DID-254)

(27) bom ela só compra na zona sul por exemplo sábado ela às vezes quer que eu leve **ela** pra fazer compras (NURC – Rio de Janeiro / DID-233)

(28) Agora o que mais me encantou realmente foi essa Lagoa do Bonfim. Essa lagoa, eu tive conheci **ela** foi num sábado, eu fui de carro e fui eu com uma colega minha. (NURC – Salvador / DID-100)

- realização por meio do uso de pronome demonstrativo:

(29) no fim das festas o pessoal começa a pegar todos os arranjos do salão né? e o meu marido pediu para as senhoras que não não fizessem **isso** (NURC – Porto Alegre / DID-045)

(30) os fenícios já procuravam no oriente realizavam a tinta uh uh tinturavam éh com a púrpura Camões até menciona **isso** nos Lusíadas canto (NURC – Recife / DID-216)

(31) o que estão construindo e que talvez seja pra vocês mas não pra mim que é o metrô [...] que será talvez pra vocês mas não pra mim que eu não vejo **isso** aí andar mesmo (NURC – Rio de Janeiro / DID-1112)

(32) Não, o Rio é... Olha, eu estive a última vez que eu fui no Rio foi em setenta e dois. Em setenta e dois. Não conhecia ainda o Recreio dos Bandeirantes; vim conhecer em setenta e dois. Eu achei **aquilo** uma coisa muito bonita. (NURC – Salvador / 100)

(33) vai pro pano vai pro pano e depois vai pra um saco e naturalmente ainda o grão está muito misturado com pedrinhas terra e depois precisa então limpar **aquilo** (NURC – São Paulo / DID-018)

- realização por meio do uso de sintagma anafórico pleno:

(34) a gente pode ver por exemplo nas revistas ah bibliográficas e pelas revistas que trazem ah informações sobre livros como eles compram **livros** (NURC – Porto Alegre / DID-006)

(35) as abelhas que se entendem dizem umas as outras elas se comunicam umas com as outras por meio de balés por meio de bailados por meio de êh gestos e de atitudes elas transmitem umas as outras onde há flores onde há néctar onde o sol nasce onde o sol se põe uma beleza estudar **as abelhas** (NURC – Recife / DID-216)

(36) tem loja de homem por exemplo na Torre Eifel eu acho **a Torre Eifel** uma beleza de loja tradicional (NURC – Rio de Janeiro / DID-317)

(37) Ah, espinafre! Exatamente. Comemos muito **espinafre**. (NURC – Salvador / DID-081)

(38) tem tem peça bom o o arado do trator ele tem tem tem uma parte que serve vamos dizer um tipo de de coisa mesmo que serve para revolver a terra e tem outro que serve apenas para riscar **a terra** (NURC – São Paulo / DID-018)

- realização por meio do uso de sintagma anafórico com determinante modificado:

(39) as crianças estava tirando fotografia quando eu estava com uma priminha minha e ela tirou **a fotografia** e tudo (NURC – Porto Alegre / DID-021)

(40) eu acho que a profissão na mulher hoje em dia não é luxo nem é ostentação é uma necessidade cada mulher deve deve procurar **uma profissão** dentro sua vocação (NURC – Recife / DID-078)

- (41) lá eles têm muito churrasco e galeto feito com aquelas galinhas não é bem galinha eles pegam frango pra fazer **o galeto** (NURC – Rio de Janeiro / DID-328)
- (42) quando criança, todos em minha casa aprenderam um instrumento. Nós éramos quatro, quer dizer, atualmente somo cinco, e, então... Bom, o quinto foi o único que nunca aprendeu **nenhum instrumento musical**. (NURC – Salvador / DID-125)
- (43) bom inclusive o grão de café também precisa ser secado precisa colocar no terreiro e deixar secar no sol hoje tem secador também mecânico mas o normal e até hoje que se faz bastante é jogar **o café** no terreiro (NURC – São Paulo / DID-018)
- realização por meio do uso de sintagma anafórico totalmente modificado:
- (44) tu tens alguns conhecimentos técnicos de televisão? tu tens idéia assim de alguns elementos que compõem **o aparelho**? (NURC – Porto Alegre / DID-021)
- (45) contam um episódio muito interessante de um levado ao padre Cícero que eu também conheço Juazeiro fui conhecer **a terra do padre Cícero** (NURC – Recife / DID-191)
- (46) aquele Largo do Machado tem um certas coisas que caracterizam muito **o lugar** (NURC – Rio de Janeiro / DID-233)
- (47) Bem, eu lembraria, assim, uma comida baiana extremamente forte, que seria o cozido, onde nós usamos eh verduras e legumes à vontade. (...) Bem, de sorte que, quando toda a família se reúne (...) é que nós deixamos, então pra fazer **esse tipo de comida**. (NURC – Salvador / DID-081)

(48) foi um parto prematuro era uma criança muito fraquinha muito miúda e a velha chegou a agarrar **a menina** pelo pescoço para estrangular (NURC – São Paulo / DID-208)

Quanto aos grupos de fatores lingüísticos, foram considerados, como variáveis independentes:

I. **Pessoa gramatical**, por se supor que, não só a terceira pessoa, mas também a primeira e a segunda pessoas apresentam possibilidades de variação em sua realização.

- 1ª pessoa (sing./pl.):

(49) a que mais **me** impressionou pela sua riqueza estonteante foi na Bahia. (NURC – Porto Alegre / DID-3M)

(50) além da utilidade de servir a gente homem como dentro de casa **nos** proteger eles também servem pra se se prestam pra pesquisa (NURC – Recife / DID-108)

(51) eu procuro comer coisas que eu gosto mas que realmente não **me** engordem(NURC – Rio de Janeiro / DID-328)

(52) Deix'**eu** bater, verificar se... Bem acho, que está tudo o.k. (NURC – Salvador / DID-277)

(53) Bom, pode acontecer é o que geralmente acontece. A rigor deveria ser primeiro uma advertência, a depender do caso, pra depois, numa repetição, uma multa ou até outro tipo de providência como suspensão da carteira, etc. Mas, normalmente, eles multam **a gente**. E, às vezes, em dias e locais que a gente não estava. (NURC – Salvador / DID-277)

(54) éh irmã dela e e um professor da faculdade aí de São São Caetano do Sul éh ele dá aula no Serviço Social e ele **nos** convida e quase todo domingo a gente vai (NURC – São Paulo / DID-234)

- 2ª pessoa (sing./pl.):

(55) e outras novelas que tu já tenhas visto e que tenham **te** impressionado? (NURC – Porto Alegre / DID-021)

(56) trouxe viagem de Bom Jesus e tal não **lhe** atrapalhou um pouquinho a minha resposta? (NURC – Porto Alegre / DID-006)

(57) pouca coisa daquilo que ele tá falando vai **lhe** levar a alguma coisa entende? (NURC – Recife / DID-256)

(58) são pra mesa tem pra cama aquela que você bota e no dia seguinte a empregada **te** olha assim com uma cara de que você é assim a própria megera (NURC – Rio de Janeiro / DID-012)

(59) e às vezes obtém tal a premência que eles têm também de vender quer dizer “não não é juro não juro paga quem deve eu não vou dever eu vou **lhe** pagar à vista (NURC – São Paulo / DID-250)

(60) é isso o que mais chama a atenção por exemplo quando a senhora olha para o filme assim a não se as cenas e o conteúdo do o que mais impressiona **a senhora**? (NURC – São Paulo / DID-234)

- 3ª pessoa (sing./pl.):

(61) porque eu gosto de música entende não podia estar em casa assim fazer tema qualquer coisa sem ouvir **música** (NURC – Porto Alegre / DID-021)

- (62) eu acho que é a humanidade completa vive atrás ou se apegando a qualquer coisa que **lhe** possa confortar (NURC – Recife / DID-256)
- (63) meus tios gostam muito de pão sabe pão eles comem bastante eu é que evito comer **o pão** (NURC – Rio de Janeiro / DID-328)
- (64) Agora o que mais me encantou realmente foi essa Lagoa do Bonfim. Essa lagoa, eu tive conheci **ela** foi num sábado, eu fui de carro e fui eu com uma colega minha. (NURC – Salvador / DID-100)
- (65) eu tive pouco tempo viu com com essa parte assim de balê eu eu estudei **o** mas não me apresentei quase nada (NURC – São Paulo / DID-234)

II. Natureza do antecedente do objeto direto: Matos (2005), ao investigar a realização do objeto direto anafórico na fala de informantes não-escolarizados da cidade de Itabi-SE, verificou que, quando se tratava de objeto direto com antecedente oracional, o conjunto de variantes não era o mesmo de quando se tinha um antecedente SN (sintagma nominal), decidindo, assim, reanalisar os dados controlando tal diferença. Partindo do que a pesquisadora observou na língua falada de não-escolarizados, propusemo-nos a verificar se os dados fornecidos por informantes escolarizados reforçam as mesmas tendências, estabelecendo, para isso, os seguintes fatores:

- OD com antecedente sintagma nominal (**OD(SN)**):

- (66) principalmente as reportagens que eles fazem que eu acho **o** muito bacana (NURC – Porto Alegre / DID-021)
- (67) do o o o que eu tenho medo mesmo é rato sabe? vocês podem fazer qualquer coisa comigo mas não bote **um rato** na minha frente que eu perco até a voz (NURC – Recife / DID-108F)

- (68) adoro essa moda se eu fosse moça eu adoraria usar **o** (NURC – Rio de Janeiro / DID-317)
- (69) Agora Agora, tendo em vista as autoridades que habitam os prédios, como poderíamos chamá-**los**? Por exemplo, em relação a palácios? (NURC – Salvador / DID-094)
- (70) a fazenda estava praticamente abandonada (...) então o velho se aborreceu e vendeu **a fazenda** (NURC – São Paulo / DID-208)
- OD com antecedente oracional (**OD(or)**):
- (71) eu eu eu não não iria no salão de beleza pra homens agora cortar o cabelo ah decentemente eu acho eu acho muito bom **o** (NURC – Porto Alegre / DID-049)
- (72) temos uns uns estudos aí feito em plantas da caatinga ainda em em em exame que certas certos cactos floram quando vai chover quer dizer ele prevê **que vai chover** (NURC – Recife / DID-254)
- (73) comecei a aprender a nadar mas como eu nasci na beira da praia eu trouxe todos os erros os defeitos então o professor de natação lá no Tijuca Tênis Clube disse não é melhor eh se você quiser aprender **a nadar** (NURC – Rio de Janeiro / DID-317)
- (74) Então, eu perco a a calma e vou esvaziar pneu, ta entendendo, e nem que deixe meu carro do lado de fora; eu já fiz **isso** diversas vezes, né? (NURC – Salvador / DID-100)
- (75) não pagam mais juros por depósitos há alguns anos atrás pagavam hoje não pagam mais a lei permite **isso** então é coisa mais simples do mundo (NURC – São Paulo / DID-250)

III. Estrutura sintática: Duarte (1986 e 1989) verificou na fala de informantes paulistanos que possuíam desde o 1º grau (completo ou incompleto) ao ensino superior completo, bem como em gravações de fala veiculada pela televisão, a influência da estrutura sintática para a maior ou menor freqüência da categoria vazia do objeto (objeto nulo), comprovando a relevância desse grupo de fatores. Baseamo-nos na proposta dessa autora, a fim de verificar se o mesmo fenômeno ocorre nos dados extraídos da fala de informantes escolarizados de cinco capitais brasileiras. Os fatores considerados são os seguintes²⁰:

- objeto direto (**OD**):

- (76) agora principalmente que estou em casa inclusive eu vou dormir eu ligo o **radinho** (NURC – Porto Alegre / DID-021)
- (77) o ciclo básico da faculda/ da das universidades não corrige as distorções que o aluno tem no curso secundário não corrige // porque é um um ano só (NURC – Recife / DID-256)
- (78) o quarto das minhas filhas é o lugar que eu mais gosto ele é não é muito grande mas é bem jeitoso nós encontramos \emptyset já com uma cortina (NURC – Rio de Janeiro / DID-012)
- (79) Farol se liga pelo por um botão, rodando da esquerda pra direita, e esse botão está bem localizado, também é mais fácil de de ligar \emptyset (NURC – Salvador / DID-277)
- (80) vai pro pano vai pro pano e depois vai pra um saco e naturalmente ainda o grão está muito misturado com pedrinhas terra e depois precisa então limpar **aquilo** (NURC – São Paulo / DID-018)

20. A estrutura “objeto direto + objeto indireto (oração)”, analisada por Duarte (1986 e 1989), não apresentou nenhuma ocorrência no corpus do presente estudo.

- objeto direto + predicativo (**OD + pred**):

- (81) principalmente as reportagens que eles fazem que eu acho \emptyset muito bacana
(NURC – Porto Alegre / DID-021)
- (82) como eu ando pouco de ônibus eu **os** acho muito interessante (NURC – Recife / DID-191)
- (83) ([danças] brasileiras como eu falei considero é **todas elas** regionais (NURC – Rio de Janeiro / DID-084)
- (84) Bom, o Centro Administrativo de Salvador ah o Centro Administrativo de Salvador, eu considero \emptyset uma obra espetacular. (NURC – Salvador / DID-100)
- (85) atualmente eu tenho assistido missas que eu considero \emptyset magníficas (NURC – São Paulo / DID-242)

- objeto direto + objeto indireto (sintagma nominal) (**OD + OI (SN)**):

- (86) o Gianfrancesco Guarnieri parece um débil mental mesmo louco não é bem louco mas assim um excepcional (..) eu ah indi/ ah como é que eu vou dizer eu identifiquei **ele** com pacientes ou pessoas com as quais eu trabalhei (NURC – Porto Alegre / DID-021)
- (87) o azul não existe é uma cor que a gente vê mas não existe isso é difícil de dizer \emptyset porque se a gente ta vendo como é que não existe? (NURC – Recife / DID-254)
- (88) o sujeito sempre tem troco não aceita gorjeta está ouvindo dá **gorjeta** ele não aceita (NURC – Rio de Janeiro / DID-233)
- (89) Bom, meu carro, quando os problemas são pequenos, eu mesmo resolvo, porque eu gosto de de mexer com mecânica. (...) Agora, quando eu não quando

eu não tenho condição de fazer, eu levo \emptyset a a um mecânico que já trabalha pra nós há muito tempo, ali no Garcia. (NURC – Salvador / DID-277)

(90) um dia saímos juntos ela ia tomar o ônibus pra ir pra casa quando passou um senhor conhecido dela e ela me apresentou \emptyset (NURC – São Paulo / DID-208)

-objeto direto + oração (gerundiva ou infinitiva) (**OD + Or**):

(91) ele está sendo assim muito muito procurado o Érico por professores visitantes pesquisadores [...] eles procuram vir por exemplo com indicação já das universidades de lá para procurarem **o Érico** para levantarem o material para fazerem suas teses (NURC – Porto Alegre / DID-344)

(92) a radiação solar também é medido na água as algas por exemplo éh elas só podem viver até a profundidade onde vai a luz então tem os instrumentos que medem **a radiação solar** penetrando na água e geralmente só entra luz azul (NURC – Recife / DID-254)

(93) o brasileiro viajando é meio meio grosso porque eh geralmente brasileiro é um sujeito que está descobrindo o mundo sei lá sei lá isso é uma coisa muito engra/ então você vê **ele** falando muito alto (NURC – Rio de Janeiro / DID-233)

(94) tem um novo, que está fazendo muito sucesso agora, é o tal do hobby-cat, que é um barco com dividido em dois e à vela e que o camarada tem que ficar ali em cima, equilibrando aquele troço, pra não deixar \emptyset virar, mas que dá boa velocidade em cima d'água. (NURC – Salvador / DID-277)

(95) bom inclusive o grão do café também precisa ser secado precisa colocar no terreiro e deixar \emptyset secar no sol (NURC – São Paulo / DID-018)

IV. Traço semântico do antecedente²¹: Duarte (1986 e 1989) verificou que o traço semântico do antecedente (\pm animado) é um fator que muito influencia na seleção da variante representativa do objeto direto anafórico, estando “o uso do pronome clítico e do pronome lexical fortemente condicionado pelo traço [+animado]” do antecedente, enquanto que, em se tratando de objeto com antecedente [-animado], tem-se a preferência pelos sintagmas anafóricos. Pretende-se, assim, verificar se os dados exclusivamente de língua culta reforçam as conclusões de Duarte.

Os dados **(96-105)** ilustram os dois fatores considerados na análise:

- animado (**[+animado]**):

- (96)** olha não gosto do Chacrinha porque acho que ele debocha muito da pessoa humana apesar de todo mundo gosta mas eu não gosto eu acho que a gente tem que respeitar **a pessoa humana** (NURC – Porto Alegre / DID-021)
- (97)** tem muitas doenças transmissíveis por esses animaizinhos [os insetos] podemos assim chamar \emptyset de animaizinhos porque são eles são pequenos (NURC – Recife / DID-108)
- (98)** um advogado quando se dirige a um juiz ele chama **o juiz** de vossa excelência (NURC – Rio de Janeiro / DID-084)
- (99)** Bom, há termos prefixados, que normalmente eu não tenho necessidade de usar e o único padre, assim, que eu falo, que tenho amizade e intimidade é, assim muito liberal e de jeito nenhum no **o** enxergamos como padre, então, o tratamento não difere dos demais. (NURC – Salvador / DID-125)

21. Este fator foi considerado apenas para a terceira pessoa, tendo o objeto direto um antecedente SN.

(100) às vezes uma criança quando a gente orienta \emptyset ela é levada a ela gostaria de ser lixeira gostaria mas ela não pelo pai pela mãe não “eu vou ser médico”
(NURC – São Paulo / DID-251)

- não animado (**[-animado]**):

(101) nove dez horas quase ninguém liga a televisão nesse horário as donas de casa porque estão na cozinha (ou têm al/ algo) a fazer e o pessoal assim não de manhã cedo é muito ruim de ligar **a televisão** pra ver essa TV Educativa
(NURC – Porto Alegre / DID-021)

(102) desde a minha terra que eu tenho obrigação de conhecer o o a parte sul do país norte nordeste o norte infelizmente ainda não conheço \emptyset (NURC – Recife / DID-191)

(103) qualquer um eu não tenho por hábito chamar de tu sempre você tu não tu nunca uso \emptyset (NURC – Rio de Janeiro / DID-084)

(104) Sim, as avenidas de vale, como se apresentam essas avenidas? Faça uma descrição dessas avenidas. Uma pessoa não conhece a cidade, o senhor descreve \emptyset (NURC – Salvador / DID-100)

(105) bom o o à medida que o sujeito vai tirando o leite ele coloca \emptyset num balde
(NURC – São Paulo / DID-208)

V. Topicalização do antecedente: Galves (2001) defende que o PB tem se constituído em língua com estrutura sintática tópico-comentário, favorecendo a realização do objeto direto por meio de outras estratégias (principalmente o objeto nulo), que não apenas o uso do pronome clítico. A topicalização do objeto direto se dá, então, no PB a fim de atribuir referência principalmente à

sua expressão nula. O PB, desse modo, estaria em oposição ao PE, que é uma língua com estrutura sintática sujeito-predicado, limitando a realização do objeto direto ao uso do pronome clítico, havendo, assim, fortes restrições à realização de outras estratégias de preenchimento do objeto direto, inclusive ao objeto nulo. Pretende-se, dessa forma, verificar se os dados que constituem o *corpus* deste estudo, ao se cruzarem as formas variantes do objeto direto com este grupo de fatores, corroboram a hipótese defendida por Galves.

Foram considerados os seguintes fatores:

- antecedente topicalizado:

(106) eu me ligo mais na/ não nas propagandas de rádio que o rádio eu desligo \emptyset
(NURC – Porto Alegre / DID-021)

(107) gato em noite escura já encontrei \emptyset muito (NURC – Recife / DID-254)

(108) em Fortaleza nós comemos também muita coisa ligada a mar e peixes assim muito gostosos [...] as comidas de Fortaleza nós comemos // também muito bem (NURC – Rio de Janeiro / DID-328)

(109) Ele vem equipado com pneu sem câmara. (...) Mas esse tipo de pneu eu não gosto de usar \emptyset (NURC – Salvador / DID-277)

(110) os biólogos os biólogos os den/ bom dentistas o que mais? os fosno/ fonodió/ audiólogos aliás essa palavra eu tenho uma dificuldade louca pra falar \emptyset (NURC – São Paulo / DID-251)

- antecedente não topicalizado:

(111) hoje não tem programa bom [...] antes a gente ficava alegre se alegrava tu via o programa (NURC – Porto Alegre / DID-021)

- (112) eu não aceito ninguém na minha frente dizer que disco voador existe ele tem que provar \emptyset (NURC – Recife / DID-216)
- (113) quando ela quer fazer assim carne picada né aqui em casa a gente usa muito carne bate fazer a carne na máquina picadinha e aí refoga faz // com ovo (NURC – Rio de Janeiro / DID-328)
- (114) Mas essa é só pra beira de praia, não dá pra atravessar a Baía. Se não seria muito sensato atravessar **a Baía** não. (NURC – Salvador / DID-277)
- (115) quanto mocinho nós entrevistamos que adoraria ser mecânico e estava fazendo o curso completamente errado estava no científico estudando química e física não sei o que lá ele não suportava \emptyset (NURC – São Paulo / DID-251)

Levantados, analisados, codificados e quantificados os dados, desenvolveu-se o cruzamento entre as formas variantes e os grupos de fatores, a fim de se observar os contextos que favorecem (ou não) determinadas estratégias. Para isso, foram utilizados os pacotes de programas VARBRUL (CEDERGREN; SANKOFF, 1974; MOLLICA; BRAGA, 2003) e GOLDVARB (LAWRENCE; ROBINSON; TAGLIAMONTE, 2001).

4 ANÁLISE DOS DADOS: APRESENTANDO OS RESULTADOS DA PESQUISA

Feito o levantamento dos dados, analisados, codificados e quantificados, apresentam-se, então, os resultados das ocorrências de objeto direto nas três pessoas do discurso.

No total, foram levantados dados de **30** (trinta) inquéritos. Para uma maior homogeneidade entre as variedades do PB em estudo – Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo – foram investigados, para cada capital, um número de **6** (seis) inquéritos, divididos igualmente por faixa etária e sexo/gênero, ou seja: 1ª faixa etária – 1 informante do sexo/gênero masculino e 1 do sexo/gênero feminino; 2ª faixa etária – 1 informante do sexo/gênero masculino e 1 do sexo/gênero feminino; 3ª faixa etária – 1 informante do sexo/gênero masculino e 1 do sexo/gênero feminino.

O *corpus* do trabalho está, dessa forma, constituído por um total de **1.797** (mil setecentas e noventa e sete) ocorrências, assim distribuídas:

- **1ª pessoa:** 92 ocorrências;
- **2ª pessoa:** 22 ocorrências;
- **3ª pessoa:** 1.683 ocorrências.

Para se ter uma melhor visão da distribuição do *corpus* em função das variedades em estudo, veja-se o quadro abaixo.

Quadro 4 – Distribuição das ocorrências conforme a variedade em estudo

	Porto Alegre	Recife	Rio de Janeiro	Salvador	São Paulo
1ª pessoa	19	23	17	17	16
2ª pessoa	5	12	2	-	3
3ª pessoa	295	372	450	273	293
TOTAL	319	407	469	290	312

Em função do baixo número de ocorrências para a 1ª e 2ª pessoas²², não se utilizaram os pacotes de programas VARBRUL e GOLDVARB para a quantificação dos dados, tendo esta sido feita manualmente. Apesar de quantitativamente baixo o número de dados para essas pessoas, isso não nos exige de uma análise qualitativa.

Ressalta-se, ainda, que, em função da natureza distinta entre as duas primeiras pessoas e a terceira – conforme se pôde constar na seção **1.2** – é que se justifica uma análise em separado: de um lado, as pessoas que se encontram no eixo discursivo falante-ouvinte, e, de outro, a “não-pessoa”.

Passa-se, dessa forma, para a apresentação e análise dos resultados obtidos para o *corpus* do estudo que aqui se desenvolve.

4.1 Análise dos resultados de 1ª e 2ª pessoas

Quando este estudo se encontrava ainda em sua forma embrionária, era movido pela idéia de que as formas variáveis do objeto direto seriam encontradas em todas as três pessoas do discurso. No entanto, depois de levantados e

²². As ocorrências de 1ª e 2ª pessoas podem ser verificadas nos apêndices **A-E**.

organizados os dados, percebeu-se que uma variável bastante produtiva para a 3ª pessoa – o objeto nulo, conforme se verá adiante – não o é para a 1ª e 2ª pessoas.

Como já mencionado, a 1ª e 2ª pessoas, de caráter dêitico, encontram-se no eixo discursivo, não possuindo, dessa forma, uma referência no nível textual, mas no nível pragmático. Talvez esteja aí um dos motivos que levam à restrição da ocorrência de outra variável: o uso de sintagmas nominais, uma vez que sua referência é predominantemente de 3ª pessoa.

Para a organização dos dados, tomou-se como variável dependente o fato do objeto direto estar ou não lexicalizado, isto é, de um lado ocorrências com objeto preenchido e, de outro, ocorrências com objeto nulo²³. No entanto, a ocorrência das referidas pessoas apresenta certa restrição ao objeto nulo, conforme já observara Dalto (2002), ao investigar os pronomes-objeto de 1ª e 2ª pessoas nas três capitais da região Sul do Brasil.

Nos dados aqui levantados, para a 1ª pessoa, foram encontrados apenas **8** (oito) casos de objeto nulo, enquanto que para 2ª pessoa houve a ocorrência de apenas **1** (um) caso, sendo ele encontrado na fala de um informante recifense do sexo/gênero masculino, 1ª faixa etária.

Os casos de objeto nulo em 1ª pessoa apresentam suas ocorrências distribuídas entre as variedades de Porto Alegre – **1** (uma) ocorrência –, Recife – **3** (três) ocorrências – e Salvador – **4** (quatro) ocorrências. Como se vê, Rio de Janeiro e São Paulo não apresentaram sequer um caso de objeto nulo nessas pessoas.

Apesar da baixa ocorrência dessa variante, acredita-se ser relevante a observação do contexto lingüístico em que ocorrem os casos apontados.

23. Adotou-se esse termo, seguindo Cyrino (1997).

Observando a estrutura sintática em que o objeto nulo ocorre, verifica-se que apenas **3** casos aparecem na variedade soteropolitana com estrutura em que o objeto direto é seguido de oração infinitiva, conforme apresentado em **(116)**, **(117)** e **(118)**, abaixo. Os demais casos ocorrem com estrutura sintática simples, ou seja, em que há apenas a projeção de um objeto direto.

(116) Bom, há um que atualmente é muito popular, não é [...] que é “minha nega” e “meu nego” eh “meu bem” ou “bem”, “beinho” deixe \emptyset ver e qualquer coisa que não sei, depende da pessoa. (NURC – Salvador / DID-125)

(117) Bom, as pessoas também se reúnem para comemorar alguma coisa num ambiente público, quer dizer, num local qualquer de diversão; ou, então, para jantar, para almoçar, qualquer coisa desse tipo. Deixe \emptyset ver mais. (NURC – Salvador / DID-125)

(118) Nós tínhamos uma vizinha, uma menina aproximadamente de uns cinco anos, e, por nosso hábito de comer muito, assim, essa eh espinafre, mostarda, etc. ela dizia sempre para a senhora mãe dela: “Deixe \emptyset ir na casa da minha tia M., que eu quero comer folha.” (NURC – Salvador / 081)

Hipotetizando a possibilidade de preenchimento do objeto nos casos levantados, verifica-se que, na variedade de Porto Alegre, o preenchimento se daria com o clítico **me**, uma vez que não houve ocorrência em que se verificasse o uso da forma tônica **eu** em posição de objeto direto.

Para a variedade de Recife, em cada ocorrência é encontrada a possibilidade de se preencher com formas pronominais diferentes: em uma

ocorrência, o clítico **me**; em outra, o clítico **nos**; e outra, com a forma **a gente**. É o que se pode verificar em (119), (120) e (121).

(119) tem a muriçoca que serve pra quer dizer serve pra nada ela serve pra fazer mal A GENTE tá entendendo? ela além de morder \emptyset ela ainda transmite uma doença (NURC – Recife / DID-108)

(120) tem inseto que chega e só NOS faz bem é a abelha quando não \emptyset morde (NURC – Recife / DID-108)

(121) eu aproveito essa oportunidade desculpe \emptyset mas eu tenho que aproveitar pra denunciar (NURC – Recife / DID-078)

Para a variedade de Salvador, conforme se verifica em (116), (117) e (118), a ocorrência do objeto nulo se dá em situação, nesta variedade, em que muito provavelmente haveria o preenchimento com a forma tônica **eu**, uma vez que, como se verá adiante, a estrutura **deixe(a) + pronome + infinitivo** constitui-se em contexto favorável ao uso da referida forma pronominal. Encontra-se, também, no caso em que surge a estrutura simples – veja-se (122) – a possibilidade de preenchimento com a forma **a gente**.

(122) *INF.* – Outra coisa também, eu acho que que o bom, tem essa poluição sonora de coisas que perturbem A GENTE, né? *DOC.* – Sim. Pode ser, por exemplo, a presença de pessoas que perturbem \emptyset , não é, porque nem sempre se pode ter tranquilidade numa cidade. (NURC – Salvador / DID-100)

Relacionando os casos acima apontados aos fatores extralingüísticos selecionados para este estudo (idade e sexo/gênero), nota-se que há uma maior frequência de objeto nulo entre os informantes mais jovens, reduzindo-se na medida

em que a idade do informante avança: para a primeira faixa etária, **4** ocorrências; para a segunda, **3**; e, para a terceira, **1**. Vale lembrar que a ocorrência na terceira faixa etária se dá em Porto Alegre, variedade em que não se verificou uma só ocorrência de objeto direto (nulo ou lexicalizado) co-referente das formas tônicas **a gente** e/ou **eu**.

No tocante ao sexo/gênero dos informantes, Salvador apresentou **3** ocorrências em inquiridos de informantes femininos e apenas **1** em inquirido de informante masculino. Em Recife, também se verificou maior ocorrência entre as mulheres: **2**, contra **1** encontrada em informante masculino. O caso encontrado em Porto Alegre se deu na fala de um informante do sexo/gênero masculino.

Como se vê, o baixo número de casos em que se dá o objeto nulo em primeira pessoa, de certa forma, não assegura afirmar que se tenha uma mudança em curso no tocante à referida pessoa. No entanto, verificando-se que, dos poucos casos, a maior parte está entre informantes mais jovens, talvez isso requeira uma observação diacrônica em um *corpus* quantitativamente mais amplo. Não se deve perder de vista o fato de que a forma inovadora encontra-se, em sua maioria, na fala de informantes do sexo/gênero feminino, grupo que, conforme aponta Labov, tende a apresentar um caráter um pouco mais conservador em relação a estruturas lingüísticas socialmente estigmatizadas. Isso permite, então, sustentar a hipótese de que a expressão nula do objeto, mesmo na primeira pessoa (seja do singular, seja do plural), não sofre qualquer estigma quanto ao seu uso.

Passando agora à verificação das formas utilizadas para o preenchimento do objeto direto, verifica-se, em todas as variedades pesquisadas, que, em se tratando da primeira pessoa do singular, a forma predominante é o clítico **me**, havendo apenas em Salvador e Recife casos em que se dá o preenchimento com a

forma tônica **eu**²⁴. Ressalta-se, no entanto, que a presença desta forma pronominal está condicionada ao contexto em que se tem uma estrutura sintática complexa²⁴ – verbo + objeto direto + infinitivo verbal. Fato interessante é que a referida estrutura, em todos os casos, está formada pelo imperativo **deixe(a)**, seguido do pronome lexical **eu** e de uma forma verbal infinitiva (estrutura que sustenta a hipótese levantada anteriormente sobre a possibilidade do preenchimento do objeto em **(116)**, **(117)** e **(118)**). Ou seja: **deixe(a) + eu + infinitivo verbal**, como ocorre em **(123)** e **(124)**:

(123) as pessoas têm de cão de ra/ de gato e de jeito nenhum eles não fazem mal algum bom espera deixa **EU** ver mais (NURC – Recife / DID-108)

(124) Eh deixe **EU** olhar uma coisinha. Vamos passar para outro meio de transporte: o avião. (NURC – Salvador / DID-277)

Dois comentários há que se destacar nesses casos. Primeiro, o de que, muito embora os dados aqui levantados façam referência a uma amostra constituída em final da década de 1970, a estrutura **deixe(a) + eu + infinitivo verbal** parece já se ter cristalizado no PB, mesmo entre falantes escolarizados²⁶, o que possibilita hipotetizar ser esse um contexto de abertura para a inserção do pronome tônico **eu** na função de objeto direto.

24. A predominância do clítico **me** em função de objeto direto sustenta a afirmação apresentada na seção 1.2.1 sobre a resistência das formas pronominais de primeira pessoa à reestruturação e reorganização sofridas pelo sistema pronominal do português.

25. A determinação de “complexa” a esse tipo de estrutura foi atribuída por Duarte (1986 e 1989).

26. Essa afirmação se faz por caráter puramente intuitivo do proponente deste estudo, o que significa ser necessário o desenvolvimento de um estudo empírico mais detalhado sobre a cristalização de tal estrutura no PB e, quiçá, no PE. Tal questão não foi desenvolvida neste estudo, por extrapolar nossos objetivos.

Do ponto de vista sintático, a abordagem tradicional condena tal construção, dizendo tratar-se de um caso em que o clítico assume função de sujeito do infinitivo verbal (Cunha; Cintra, 2001, p. 302; Rocha Lima, 2000, p. 318). Nota-se, assim, certa contradição, uma vez que a mesma abordagem é categórica ao dizer que só poderão assumir função de sujeito as formas pronominais retas (pronomes lexicais), cabendo aos oblíquos (clíticos) a função de objeto do verbo.

Fugindo à possibilidade de análise da estrutura sintática proposta pela gramática tradicional e desenvolvendo uma análise um pouco mais cuidadosa, é possível dizer que em “**deixa eu olhar uma coisinha**” ocorre uma construção subordinada, em que **eu olhar uma coisinha** encaixa-se em **deixa**, funcionando, sintaticamente, como objeto direto. Tem-se, então, que a função de objeto direto não se reserva à forma pronominal, estando-lhe reservada a função única e exclusiva de sujeito do infinitivo **olhar**.

No tocante à primeira pessoa do plural, o que se observa, em todas as variedades verificadas, quando se tem o preenchimento do objeto direto com estrutura pronominal, é a predominância do clítico **nos**, com uma utilização pequena, mas significativa, pelos falantes de Recife e Salvador, da forma tônica **a gente**. Se, para um número de **18** ocorrências, apresentam-se apenas **4** casos em que se dá o uso de **a gente** em posição de objeto direto, vale atentar para o fato de que tais casos surgem, em sua maioria, entre falantes mais jovens – **3** casos para a primeira faixa etária e 1, para a segunda.

A freqüência menor no uso de **a gente** funcionando como objeto direto apontada neste estudo (**78%** para os casos em que se dá o uso de **nos** e **22%** na freqüência do uso de **a gente**), difere dos resultados obtidos por Dalto (2002). Em seu estudo, a autora obteve um número de **70** ocorrências de **nos**, contra **55** de **a**

gente, correspondendo a um percentual de **56%** e **44%**, respectivamente, nas três capitais do Sul do Brasil²⁷.

O fato de não se ter encontrado a forma tônica inovadora na função de objeto direto na fala de Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo não significa a inexistência dessa estrutura nessas variedades. Isso se sustenta pois há casos em que o clítico **nos** é usado como objeto direto em um mesmo tópico de fala em que a forma tônica **a gente** aparece logo em seguida como sujeito. É o que ocorre em **(125)**, a seguir:

(125) éh irmã dela e e um professor da faculdade aí de São São Caetano do Sul éh ele dá aula no Serviço Social e ele **NOS** convida de quase todo domingo A GENTE vai (NURC – São Paulo / DID-234)

Lopes (2001, p. 131, grifos da autora) afirma que o uso de **a gente** “refere-se a um conjunto de pessoas *com quem se fala*, admitindo também um valor indeterminado, abrangente, genérico e até difuso”. Embora não se tenha constituído como grupo de fatores o traço [\pm determinado], observando as poucas ocorrências da forma pronominal, nota-se que a mesma assume caráter genérico, servindo para se referir não apenas ao falante mais alguém, mas às pessoas de um modo geral. É o que se pode notar em **(126)**, **(127)**, **(128)** e **(129)**.

(126) eles se comunicam com tanta facilidade parece até que entendem A GENTE né? (NURC – Recife / DID-108)

(127) são meio ariscos só com o dono mesmo é que se ele se acostuma bastante mas gosta de dar bicadas de vez em quando né? mor morde A GENTE com o bico (NURC – Recife / DID-108)

27. A autora não especifica o número de ocorrências em função de objeto direto e de objeto indireto. Ela os trata apenas como pronomes-objeto.

- (128) Bom, pode acontecer é o que geralmente acontece. A rigor deveria ser primeiro uma advertência, a depender do caso, pra depois, numa repetição, uma multa ou até outro tipo de providência como suspensão da carteira, etc. Mas, normalmente, ele multam A GENTE. E, às vezes, em dias e locais que a gente não estava (NURC – Salvador / DID-277)
- (129) Outra coisa também, eu acho que que o bom, tem essa poluição sonora de coisas que perturbem A GENTE, né? (NURC – Salvador / DID-100)

Verificando agora os casos de segunda pessoa, encontra-se um quadro um pouco mais variado que o da primeira. Quatro são as formas utilizadas pelos falantes como estratégias de preenchimento do objeto direto: **te**, **lhe**, **você** e **a senhora**, distribuídas nas variedades de Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo – **5**, **11**, **2** e **3** ocorrências, respectivamente.

Para a função de objeto direto referente à segunda pessoa, foi canonizada, pela GT, a forma pronominal átona **te**, quando singular, e **vos**, quando plural, conforme apresentado no quadro **1** e discutido na seção **1.1.2**. Na mesma seção, foi ainda comentado sobre o desuso da forma plural – fato assumido pelos próprios gramáticos –, uma vez que o paradigma para essa pessoa sofrera mudança: **vós > vocês**, em função de sujeito, e **vos > vocês**, em função de objeto direto. Embora tenha sido encontrado apenas um caso – em Porto Alegre – em que ocorre objeto direto referente à segunda pessoa do plural, tal ocorrência se dá com o preenchimento pela forma tônica **vocês**, retrato da mudança já implementada, não sendo encontrado nenhum caso em se utilizasse o clítico **vos**.

No tocante ao singular da segunda pessoa, paradigma que também se encontra em mudança – não completada, uma vez que pode ser observada, em alguns dialetos do PB, a co-ocorrência das formas **tu/você** –, tem-se um quadro em que as estratégias utilizadas pelos falantes para o preenchimento do objeto direto refletem essa situação.

Conforme apontado anteriormente, quatro foram as estratégias utilizadas pelos falantes: **te**, **lhe**, **você** e **a senhora**. A forma canonizada pela GT ocorreu em Porto Alegre, em Recife (1 ocorrência em cada variedade) e no Rio de Janeiro (2 ocorrências); variedades em que ainda se encontra o uso do pronome lexical **tu** utilizado como sujeito (ora concordando com o verbo, ora não). Interessante também é o fato de que, dentre as 4 ocorrências, 3 se dão em falantes do sexo/gênero feminino, talvez reflexo do maior conservadorismo lingüístico que lhe atribuem os estudos sociolingüísticos. Porém, em contrapartida, todas as ocorrências são observadas em inquiridos correspondentes a informantes mais jovens (1ª faixa etária).

No momento em que se discutia a reorganização do sistema pronominal do português, a partir de estudos lingüísticos (seção 1.2), afirmou-se que uma das conseqüências da perda da oposição **tu/você** é o uso do clítico **lhe** não apenas se referindo à terceira pessoa, mas também à segunda, uso assegurado, também, em função da alteração na concordância. Os dados levantados sustentam tal afirmação, visto que a forma pronominal preferida pelos falantes para o preenchimento do objeto direto em segunda pessoa (10/19) é o clítico **lhe**, inclusive em dialetos em que se nota a presença de **tu**.

Esse fato, de certa forma, vai ao encontro de outro fenômeno lingüístico já apontado por pesquisas lingüísticas, como as de Omena (1978), Duarte (1986 e

1989), Averbug (2000) e Freire (2000): a perda, no PB, do clítico de terceira pessoa **o/a**. Esperava-se que, como defende a concepção tradicional, uma vez alterada a forma de referência à segunda pessoa (**tu > você**) em posição de sujeito, perdendo o verbo a marca flexional dessa pessoa, houvesse também uma “harmonia” no uso dos clíticos: ou seja, quando objeto direto, utilizar-se-ia a forma **o/a**, enquanto que para a função de objeto indireto, a utilização da forma **lhe** deveria acontecer. No entanto, como se vê nos dados, não houve sequer uma ocorrência de **o/a** fazendo referência à segunda pessoa.

Merece, também, que se faça referência à presença, em **4** casos, de **você** funcionando como objeto direto (todos eles ocorridos em Recife) e da forma de tratamento **a senhora**, em **2** ocorrências, na fala de uma informante de São Paulo.

4.2 Análise dos resultados de 3ª pessoa

Matos (2005, p. 89, grifos da autora), ao analisar a realização do objeto direto anafórico na fala de informantes analfabetos e semi-alfabetizados da cidade de Itabi-SE, verificou que “os objetos diretos anafóricos constituem a representação de um SN ou de uma *Oração*” e que havia “envelopes de variação específicos para cada um desses casos”. Tal fato levou a pesquisadora a analisar cada um desses tipos de OD separadamente, para que houvesse um melhor controle dos dados.

Seguindo a perspectiva de Matos (2005), também serão aqui isolados, de um lado, as ocorrências de objeto direto com antecedente oracional (cf. **130**) e, de outro, aquelas que têm como antecedente um SN (cf. **131**).

(130) como é que daquele aparelho podia sair a imagem tal ou eu eu filmando na rua e a se transmitir por aquele aparelho ou por aquela câmara que

ia ver em casa ah entende eu não concebia **aquilo** direito (NURC – Porto Alegre / DID-021)

(131) porque eu gosto de música entende não podia estar em casa assim fazer tema qualquer coisa sem ouvir **música** (NURC – Porto Alegre / DID-021)

Dessa forma, procurou-se verificar se o que foi percebido na fala de informante com pouca (ou nenhuma) escolarização terá um reflexo na fala de informantes escolarizados. Se a diferenciação se mantiver no chamado português culto, trata-se, então, de uma característica estrutural interna à língua.

4.2.1 Objeto direto com antecedente oracional (OD(or)) – análise dos resultados

Dentre as 1.683 ocorrências de objeto direto anafórico em 3ª pessoa levantadas em uma amostra de 30 (trinta) inquéritos do projeto NURC (modalidade DID), um total de **213** casos refere-se a objetos diretos com antecedente oracional. Para se ter uma melhor visão de como tais casos se encontram distribuídos entre as variedades do PB estudadas, observe-se a tabela a seguir.

Tabela 1 – Resultados gerais para a realização das variantes – OD(or)

Variantes	VARIEDADES												TOTAL
	Porto Alegre		Recife		Rio de Janeiro		Salvador		São Paulo		TOTAL		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%			
Nulo	40	67	35	55	29	69	12	57	13	50	129		
Pron. Clítico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
Pron. Lexical	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
Pron. Demonstrativo	16	27	24	37	5	12	8	38	7	27	60		
S. anafórico pleno	2	3	3	5	2	4,5	1	5	5	19	13		
S. anaf. c/ det. modificado	1	1,5	-	-	4	10	-	-	-	-	5		
S. anaf. tot. modificado	1	1,5	2	3	2	4,5	-	-	1	4	6		
TOTAL	60	-	64	-	42	-	21	-	26	-	213		

Observando a distribuição apresentada na tabela acima, verifica-se que, dentre as variantes em que se realiza o objeto direto de natureza oracional, é, na fala das cinco capitais, o objeto nulo (cf. **132**) a que se realiza com maior frequência, se comparada a expressão nula do objeto às outras estratégias. Os índices percentuais mostram certo equilíbrio em sua realização nas variedades estudadas: **67%** em Porto Alegre, **55%** em Recife, **69%** no Rio de Janeiro, **57%** em Salvador e **50%** em São Paulo.

(132) justamente por esse meu problema de equilibrar as refeições eu evito comer na rua sabe eu evito \emptyset justamente porque como eu tenho essa regularidade de alimentação (NURC – Rio de Janeiro / DID-328)

Sobre o objeto nulo, Cyrino (1997, p. 17) afirma que

[...] seria um tipo de clítico nulo [...] , que teria se desenvolvido através da análise da lacuna deixada pela elipse sentencial, a qual poderia ser substituída por um clítico “o”, ou não. Portanto, a estrutura que levaria à reanálise seria a que exhibe a opcionalidade de omissão do clítico “o”.

Os índices apresentados nesta pesquisa, embora sejam iguais ou superiores a **50%** (correspondendo, dessa forma, à maioria das ocorrências), encontram-se consideravelmente abaixo do observado em outras pesquisas.

Duarte (1986) observou que, quando se tem o objeto direto de natureza “sentencial”, sua não realização lexical é quase categórica: **98,4%**. Números também superiores aos que ora são apresentados no estudo que aqui se desenvolve podem ser verificados em Matos (2005), ao verificar um total de **83,3%** de objeto nulo das ocorrências levantadas pela pesquisadora.

Em estudo desenvolvido sob a (e orientado pela) perspectiva diacrônica, Cyrino (1997) diagnostica que, já no século XIX, o uso de objeto nulo oracional

atingia índices percentuais bastante altos: **83,9%**; chegando, no século XX, a **90%**. Segundo a autora, a posição nula com antecedente oracional é a primeira a ser atingida no processo de mudança (CYRINO: 1997, p. 246), permitindo, então, hipotetizar que a elipse sentencial se constitui no contexto de abertura para a implementação do objeto direto nulo no PB.

Dentre as formas de lexicalização do objeto direto oracional, a mais freqüente, em todas as variedades pesquisadas, é o pronome demonstrativo, como exemplificado a seguir em **(133)**.

(133) a maioria das pessoas pensam que saindo de uma faculdade com o diploma na mão você vai ter uma oportunidade maior não a concorrência é talvez muito pior é muito pior porque dentro da própria faculdade você já nota já sente **isso** (NURC – Recife / DID-256)

Os índices observados por essa variante são: **27%** em Porto Alegre, **37%** em Recife, **12%** no Rio de Janeiro, **38%** em Salvador e **27%** em São Paulo. Não se percebe, pelos números apresentados, equilíbrio semelhante ao que acontece com a variante nula do objeto. O que se nota é um equilíbrio entre os índices obtidos em Recife e em Salvador e uma identidade entre os índices de Porto Alegre e de São Paulo. O índice apresentado para o Rio de Janeiro mostra ser esta a variedade em que menos ocorre o preenchimento do objeto direto oracional com o demonstrativo. No entanto, é o índice que mais se aproxima ao apresentado por Matos (2005), ao verificar uma freqüência de **16,7%** de casos em que a posição do objeto direto oracional é lexicalizada por um demonstrativo.

Além das variantes objeto direto nulo e pronome demonstrativo como estratégias para a realização do objeto direto oracional, a tabela 1 mostra que os

falantes se valem (embora com menor freqüência) de outras três variantes. Trata-se do uso de um sintagma anafórico - pleno, com determinante modificado ou totalmente modificado –, conforme se pode verificar pelos casos em **(134)**, **(135)** e **(136)**, respectivamente:

(134) há muitos anos era guria e era no no fundão mesmo até o professor naquele tempo queria que eu competisse porque eu eu era pela idade eu era pequena mas quer dizer que eu era muito desenvolvida então ele queria **que eu competisse** porque tinha uns bração assim comprido (NURC – Porto Alegre / DID-045)

(135) cortar cabelo sim eu faço **corte** (NURC – Rio de Janeiro / DID-317)

(136) se for o caso de algum vestido algum forro pra mudar uma bainha pra encompridar não é? encurtar aí eu tenho uma pessoa que faz **esse serviço** pra mim (NURC – Porto Alegre / DID-344)

Esses resultados vão de encontro, em alguns aspectos, aos de Matos (2005), visto terem sido encontradas pela autora, para a realização do objeto direto oracional, apenas duas variantes: no falar urbano itabiense, “o *OD(Oração)* só se realiza por meio de pronome demonstrativo e objeto nulo” (MATOS: 2005, p. 89).

Apesar da baixa ocorrência – no caso de Porto Alegre, Recife e Salvador – no uso dos tipos de sintagma apresentados, ao serem observados os índices de Rio de Janeiro e São Paulo, e compará-los às ocorrências de pronome demonstrativo, o que se observa é um equilíbrio, caso sejam amalgamados os casos de sintagma anafórico. Feito esse amalgamento, o que se tem, para a variedade do Rio de Janeiro, é uma freqüência de **19%** de sintagma anafórico preenchendo a posição de objeto direto – quando este tem a natureza oracional – superando discretamente os

12% da variante pronome demonstrativo. Já para a variedade de São Paulo, o que se observa é um equilíbrio entre as variantes sintagma anafórico (**23%**) e pronome demonstrativo (**27%**), tendo este um índice ligeiramente superior.

A diferença entre os números aqui observados e os de Matos (2005) talvez se justifique em função do grau de escolaridade dos falantes, visto que aqui se trabalha com informantes escolarizados (com formação superior), ao passo que, na outra pesquisa, os informantes com que se trabalhou são analfabetos ou semi-alfabetizados (chegando, no máximo, à quarta série primária).

Já em Freire (2000), estudo que, tal como o nosso, também se pautou na fala de informantes com formação superior, o que se nota é um equilíbrio entre as variantes pronome demonstrativo²⁸ e objeto nulo, sendo o antecedente oracional: **50%** para cara variante. O autor também não verificou um só caso em que o preenchimento se desse com pronome lexical ou com o clítico.

Os dados apresentados na tabela revelam, ainda, não ser produtivo o uso de pronome clítico e de pronome lexical na expressão do objeto direto oracional, visto que não foi encontrada uma só ocorrência dessas formas pronominais. Tem-se, assim, um contexto que bloqueia a realização dessas variantes. Esses resultados convergem com os que se pode verificar em Duarte (1986 e 1989), Freire (2000) e Matos (2005).

No estudo feito por Duarte (1986 e 1989), a autora identificou, em um *corpus* constituído por **1.636** ocorrências de objeto direto anafórico, **128** casos de “OD sentencial”. Desse total, há apenas **2** casos (correspondendo a um índice percentual de **1,6%**) em que sua realização se dá pelo clítico. Salienta-se, ainda,

28. Em seu estudo, Freire (2000) inclui o pronome demonstrativo no grupo de fatores **SNs anafóricos**.

que a pesquisadora, assim como este estudo, não observou nenhuma ocorrência de pronome lexical, em se tratando de objeto direto com natureza oracional.

Feitas essas observações de caráter geral, desenvolveu-se o cruzamento das formas variantes com os grupos de fatores selecionados para essa variável. Para uma melhor verificação de contextos que favoreçam a realização de uma ou de outra variante, desenvolve-se, na seqüência, a análise dos cruzamentos realizados para cada variedade do PB.

4.2.1.1 Grupos de fatores lingüísticos

Com o intuito de uma observação mais cuidadosa quanto aos fatores em que se tem o favorecimento à realização de cada variante levantada, foram consideradas, dentre os grupos de fatores lingüísticos apontados na seção 2.4.2, a estrutura sintática e a topicalização do antecedente. O traço semântico do antecedente ([±animado]) não foi considerado para a variável objeto direto oracional, dado que seu antecedente não se trata de um ser ao qual seja possível a atribuição desse traço.

Os resultados dos cruzamentos desenvolvidos entre as formas variantes e o contexto lingüístico seguem abaixo.

4.2.1.1.1 Estrutura sintática

Verificando os resultados obtidos ao se cruzarem as variantes do objeto direto oracional com a **estrutura sintática**, o que se observa – conforme apresentado nas **tabelas 4-8** (no apêndice) –, ao se fazer uma leitura vertical das

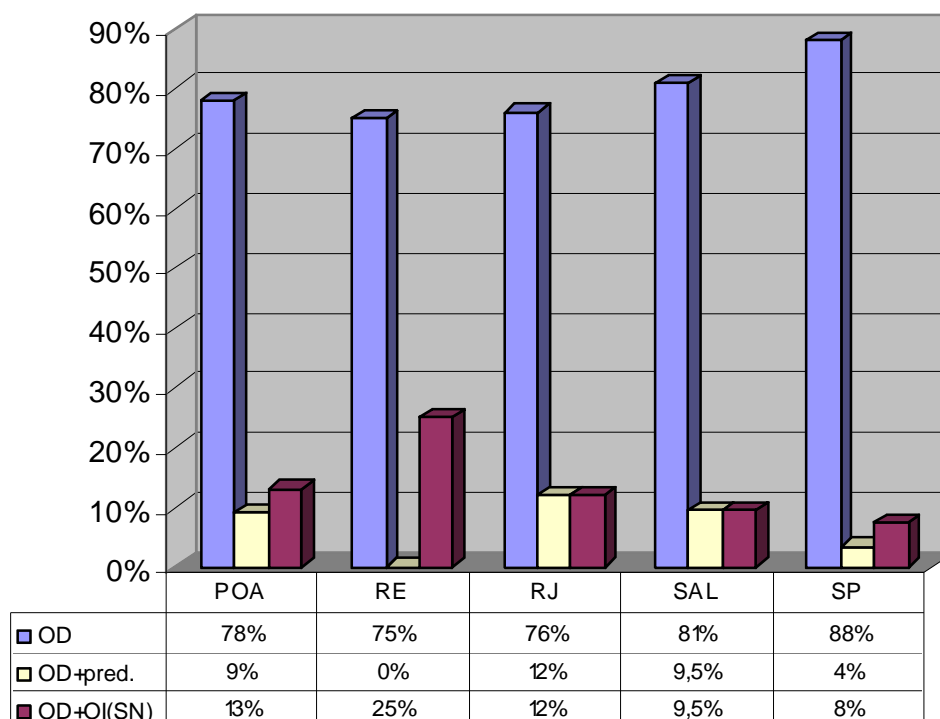
tabelas, representada no **gráfico 1**, é uma maior produtividade da estrutura simples **OD(or)** (cf. **137**), distanciando-se, significativamente, das demais estruturas selecionadas: **OD(or)+predicativo** (cf. **138**) e **OD(or)+OI(SN)** (cf. **139**).

(137) professora primária é ela é totalmente desvalorizada incu/ inclusive o nível o nível cultural dela é considerado baixo um nível cultura baixo uma pessoa que tem curso normal hoje só é considerada assim de nível o baixo inclusive eu senti **isso** que eu sou normalista e por isso eu procurei fazer outros cursos entende? (NURC – São Paulo / DID-251)

(138) Usavam um alfinete de gravata para fixá-la, achavam **o** necessário. (NURC – Salvador / DID-159)

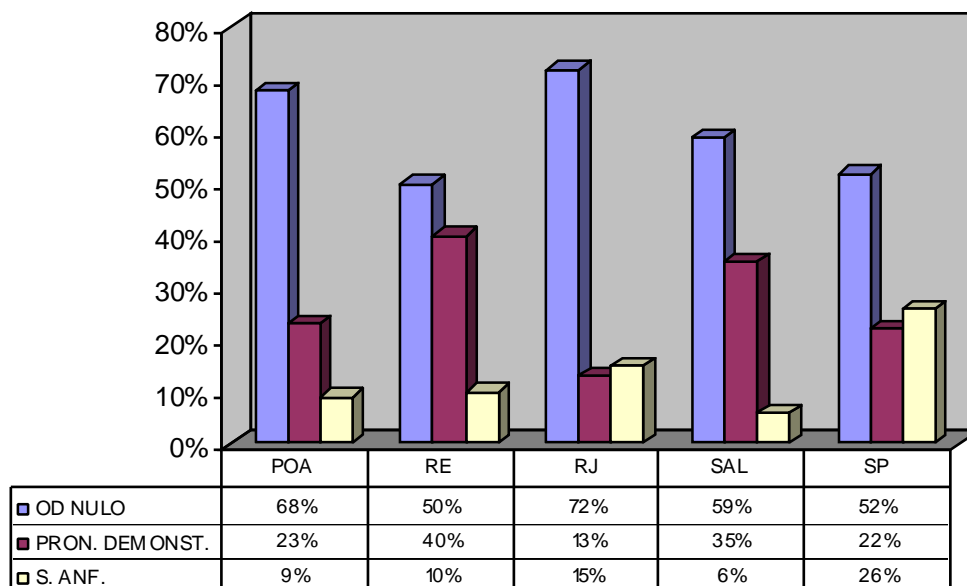
(139) bem eu poderia ensinar inglês porque esse título de universidade de ah didática ele ele me permitiria **o** (NURC – Porto Alegre / DID-344)

Gráfico 1 – Distribuição do OD(or) conforme a estrutura sintática, nas 5 capitais estudadas



Passando a uma leitura horizontal dos resultados organizados nas referidas tabelas e distribuídos no **gráfico 2** (abaixo), é possível notar que, para os casos em que as variantes se realizam em estrutura sintática simples (**OD(Or.)**), a variante preferida pelos falantes das cinco variedades em estudo é o objeto nulo. Embora seja essa a variante mais freqüente, não se nota uma harmonia nos índices obtidos, encontrando, dessa forma, uma ligeira oscilação – não muito significativa, se observada de forma hierárquica, porém bastante significativa se observados os pontos extremos.

Gráfico 2 – Distribuição do OD(or) em *estrutura sintática simples*, nas 5 capitais estudadas



A partir do exposto no gráfico acima, se comparados os índices apresentados pelas variedades de Recife, Salvador e São Paulo aos apresentados por Porto Alegre e Rio de Janeiro, é possível perceber que no primeiro grupo há um equilíbrio entre a forma nula e a lexicalizada do objeto, permitindo-nos supor, principalmente para os falantes recifenses e paulistanos, que exista(m) outra(s) forma(s) variante(s) competindo com a categoria nula do objeto direto. Dessa forma, a estrutura sintática simples não constitui um fator determinante na seleção do objeto direto nulo, em contraste com sua lexicalização. Já no segundo grupo, constituído por Porto Alegre e Rio de Janeiro, o que se verifica é um comportamento contrário ao do primeiro grupo, uma vez que a estrutura sintática simples se mostra relevante à seleção, pelos falantes, da expressão nula do objeto direto. No entanto, analisando dentro de uma hierarquia (**50% > 52% > 59% > 68% > 72%**) não se tem uma diferença superior a **10%** de uma variedade a outra.

Como segunda estratégia selecionada pelos falantes, o que se mostra nos resultados, de modo geral – excetuando-se os de São Paulo –, é o uso do pronome

demonstrativo. Apenas na variedade paulistana é que se nota um equilíbrio entre as variantes pronome demonstrativo e sintagma anafórico pleno: **22%** para ambos os casos.

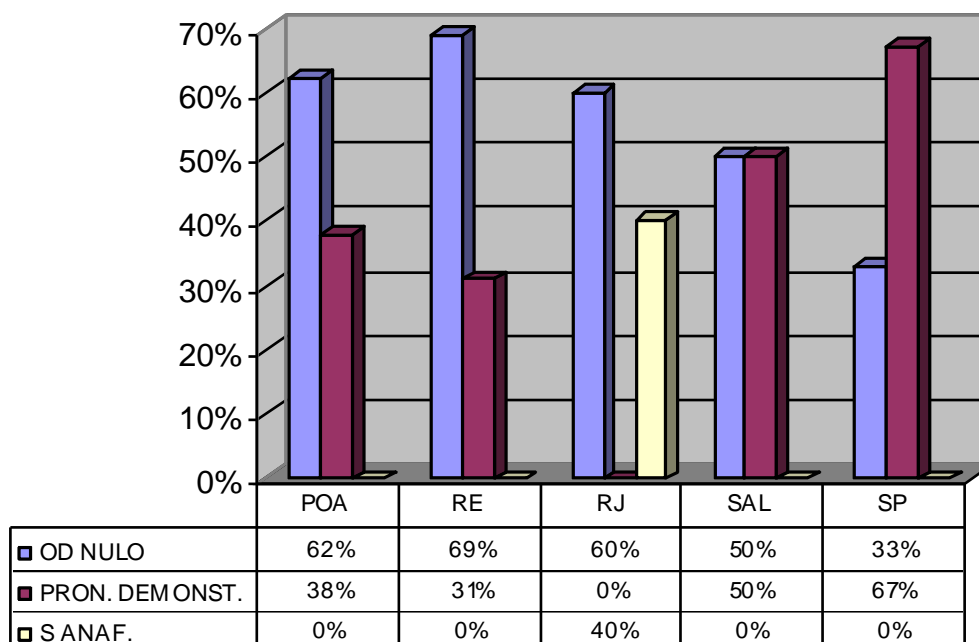
Para as demais variedades, o que se tem é um índice de **23%** no uso de demonstrativos para a realização da estrutura **OD** em Porto Alegre; em Recife, o índice chega a **40%**, concorrendo com os **50%** apresentados para o objeto nulo; **13%**, no Rio de Janeiro; e **35%** em Salvador.

Encontra-se, também, embora com índices baixos, o uso de sintagmas (anafórico pleno, com determinante modificado e totalmente modificado) como opção para a lexicalização do objeto direto oracional. Apesar da baixa freqüência, se consideradas como três variantes distintas para o sintagma anafórico, uma fusão entre elas permitiria levantar como hipótese que se trata de um uso favorecido pelo grau de escolaridade dos falantes, visto que, como já mencionado anteriormente, em estudo desenvolvido referente à fala de informantes com pouca ou nenhuma escolaridade (MATOS: 2005) só se observaram duas variantes para a realização do objeto direto de natureza oracional: objeto nulo e pronome demonstrativo.

Feita a fusão, tem-se, assim, índices de certa forma significativos, chegando, em alguns casos, a superar a realização por meio do demonstrativo. Na variedade porto alegreense, tem-se uma freqüência de **9%**; na recifense, esse índice é de **10%**; para a carioca, nota-se um índice percentual de **15%**; o índice de ocorrências é de **6%** na fala soteropolitana; e de **26%** é a freqüência apresentada na variedade paulistana. Nota-se, nas variedades carioca e paulista, que, somados os dados de sintagmas anafóricos, o uso dessa variante supera o de pronomes demonstrativos.

Dado o baixo número de ocorrências encontradas para as estruturas sintáticas **OD(or)+pred.** e **OD(or)+OI(SN)**, optou-se por uma análise em que se fundissem essas duas estruturas em apenas uma, à qual se deu a denominação “**estrutura complexa**”. Sua freqüência nas variedades estudadas encontra-se representada no **gráfico 3**.

Gráfico 3 - Distribuição do OD(or) em “estruturas sintáticas complexas”, nas 5 capitais estudadas



O que se nota, já de imediato, é que, sendo o objeto direto oracional realizado em uma “estrutura complexa”, tem-se um contexto sintático em que não se fazem produtivas as variantes sintagmas anafóricas, visto que apenas a variedade carioca apresenta dois casos para essas variantes.

Também nesse tipo de estrutura, é possível notar uma preferência pelo objeto nulo (excetua-se São Paulo, em que a freqüência da variante pronome demonstrativo é maior que a de objeto nulo). Porém, ao se observar a freqüência no

uso da variante pronome demonstrativo – apesar do baixo número de casos –, os índices percentuais sugerem que esse contexto é favorável ao preenchimento do objeto direto com essa variante: em três, das cinco variedades, esse índice é superior ao verificado na estrutura simples (Porto Alegre, **38%**; Salvador, **50%**; e São Paulo, **67%**). Embora os casos de Recife não superem os observados na estrutura simples, é possível perceber a existência de um equilíbrio: **40%** para os casos em que se tem estrutura simples, contra **31%** para as ocorrências em estrutura complexa.

Outro condicionamento lingüístico selecionado foi a topicalização do antecedente. É o que se analisa a seguir.

4.2.1.1.2 Fator topicalização (ou não) do antecedente

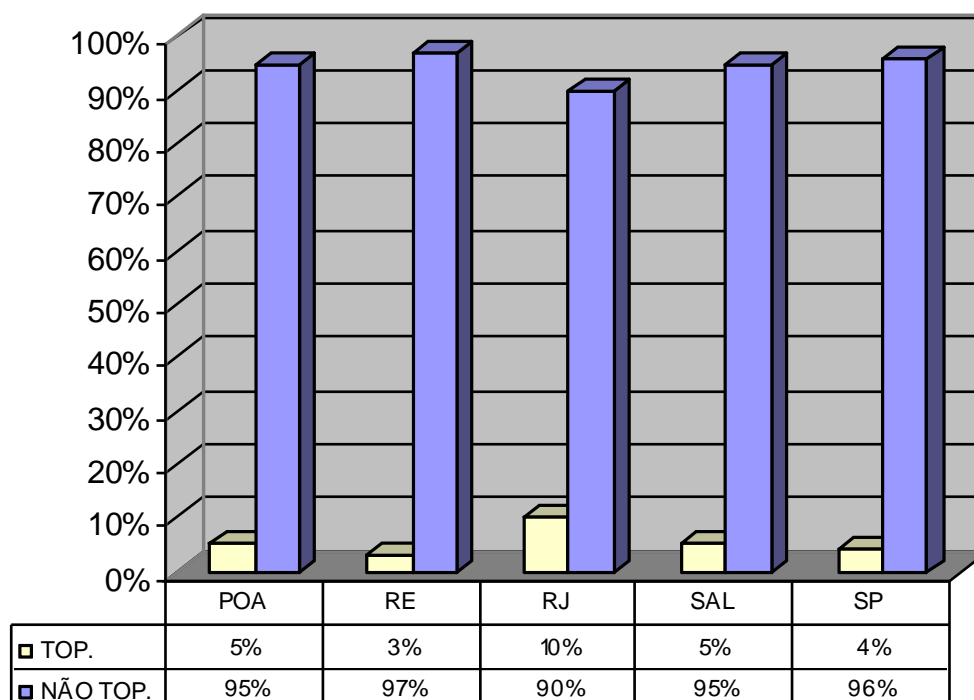
Feito o cruzamento entre as formas variantes e a topicalização (ou não) do antecedente (cf. **(140)**, para a topicalização do antecedente, e **(141)**, para os casos em que não se topicaliza), observa-se (conforme distribuição apresentada nas **tabelas 9-13** (no apêndice) e ilustrada no **gráfico 4**) que os falantes das cinco variedades em estudo pouco topicalizam o objeto direto quando este tem natureza oracional. Sua não topicalização é quase categórica, o que se pode verificar se feita uma leitura vertical das tabelas.

(140) Bom, eu não sei lhe dizer, por, talvez, já ter bastante prática em fazer [o ravióli], não sei lhe diz... lhe dar exatamente as dosagens, mas fazendo, eu acredito, que eu acerte \emptyset . (NURC – Salvador / DID-081)

(141) há pouco, também, eu li um artigo muito interessante, onde a água de coco mole substitui o se faz até transfusão, na Rússia, entende, que é

de grandes propriedades, eu eu andei lendo **isso** (NURC – Salvador / DID-081)

Gráfico 4 – Distribuição do OD(or), segundo a *topicalização (ou não) do antecedente*



No entanto, embora se tenha uma baixa ocorrência de estruturas topicalizadas, é possível notar um predomínio da forma nula do objeto direto nesse tipo de construção. À exceção do Rio de Janeiro – em que se percebem **2** casos de lexicalização do objeto direto oracional, tendo seu antecedente topicalizado (em um o preenchimento se dá pelo demonstrativo (cf. **142**) e em outro, por um sintagma anafórico com determinante modificado (cf. **143**)) –, em todas as outras variedades, é a variante nula do objeto que se realiza quando seu antecedente encontra-se topicalizado.

(**142**) é ir num balcão de de de especialidades então eh em que se compram uns vinhos bons uns bons queijos não é? E depois come

aqui sozinho em casa né isso isso eu adoro **isso** e eu gosto também de comprar (NURC – Rio de Janeiro / DID-233)

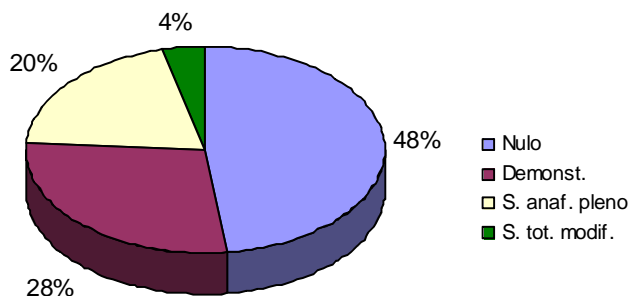
(143) cortar cabelo sim eu faço **cor**te (NURC – Rio de Janeiro / DID-317)

Já ao se observarem as estruturas não topicalizadas, os dados mostram uma preferência, também, pelo objeto nulo em todas as variedades (caso sejam observadas uma variante em relação à outra). O índice obtido para a categoria nula do objeto, não divergindo dos resultados gerais, é o seguinte: Porto Alegre, **65%**; Recife, **53%**; Rio de Janeiro, **71%**, Salvador, **55%**; e São Paulo, **48%**. Percebe-se, a partir dos resultados, uma maior freqüência dessa variante na fala carioca, opondo-se, nessa mesma variedade, aos resultados em que o objeto direto oracional tem seu antecedente topicalizado, uma vez que se dá um equilíbrio entre a forma nula e lexicalizada da variável – **50%** para cada variante.

Seguindo ao objeto nulo, verifica-se, como variante concorrente, o uso do demonstrativo como forma de realização do objeto direto, não sendo seu antecedente topicalizado. É possível perceber certo equilíbrio entre os índices obtidos nas variedades neste cruzamento, bem como se compará-lo aos índices gerais já apresentados.

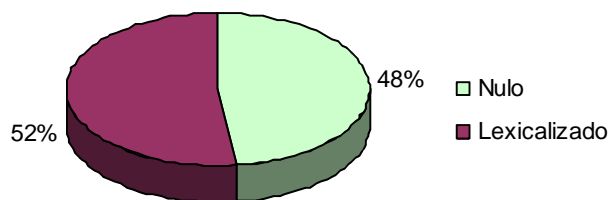
Fato interessante ocorre em São Paulo. Se comparadas as variantes umas às outras, verifica-se uma preferência pelo objeto nulo, tendo como concorrente mais próxima a variante pronome demonstrativo. Em seguida, aparece o preenchimento com um sintagma anafórico pleno e, na seqüência, com um sintagma totalmente modificado. É o que se representa no **gráfico 5**.

Gráfico 5 – Distribuição do OD(or) na variedade paulistana, *não* estando o antecedente topicalizado



Porém, caso sejam distribuídos os dados em apenas duas categorias – nulo e lexicalizado (conforme se ilustra no **gráfico 6**) – o que se observa é um equilíbrio entre as duas variantes, com uma discreta preferência à lexicalização da variável.

Gráfico 6 – OD(or) nulo vs OD(or) lexicalizado na variedade paulistana, *não* estando o antecedente topicalizado



O uso de sintagmas anafóricos como forma de lexicalização do objeto oracional – como já observado ao se cruzarem as variantes com a estrutura sintática – não se faz muito produtivo. No entanto, os casos (apesar de poucos) que ocorrem – à exceção do Rio de Janeiro – encontram-se todos em estruturas não

topicalizadas, o que possibilita a sustentação da hipótese de que a topicalização do antecedente favorece a expressão nula do objeto direto.

Feitas essas explanações acerca dos grupos de fatores selecionados para o condicionamento lingüístico, passa-se à observação dos cruzamentos realizados, considerando os fatores extralingüísticos.

4.2.1.2 Grupos de fatores extralingüísticos

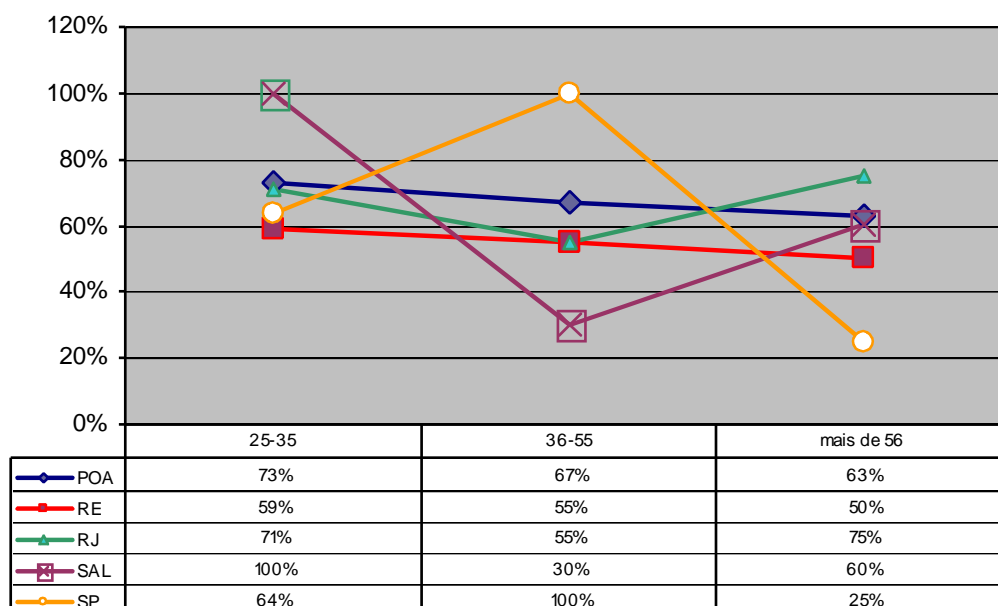
É de fundamental importância a consideração de fatores sociais na busca por melhores esclarecimentos a respeito do fenômeno variável a que determinado estudo se propõe. Isso porque, conforme argumenta Labov (1983, p.31) o desenvolvimento da mudança (acrescenta-se aqui também o da variação) lingüística não pode ser compreendido fora da vida social, da comunidade em que ocorre. Isso quer dizer que a língua sofre constantemente pressões sociais, não só a partir de um aspecto já passado (o que proporciona a mudança), como também de uma força social que atua no presente vivido (resultando na variação).

Nessa perspectiva, para o presente estudo foram considerados, como fatores sociais, o **sexo/gênero** e a **faixa etária** dos informantes, com os quais se estabeleceram cruzamentos com as formas variantes do objeto direto. Conforme apresentado na seção 2.4.1, os informantes da amostra de que se valeu este estudo estão distribuídos em três faixas etárias: de 25 a 35 anos (1ª faixa etária), de 36 a 55 anos (2ª faixa etária) e acima de 56 anos (3ª faixa etária).

4.2.1.2.1 Verificação dos dados em relação à faixa etária dos informantes

Verificando o cruzamento das formas variantes com a faixa etária dos informantes (conforme se apresenta nas **tabelas 14-18** (no apêndice)), o que se nota é que as variedades em estudo parecem não caminhar no mesmo rumo, conforme se apresenta no **gráfico 7**. Embora na maioria dos casos a forma privilegiada pelos falantes das três faixas etárias seja a forma inovadora – objeto nulo –, há alguns casos que merecem maior atenção.

Gráfico 7 – Distribuição do OD(or) nulo, segundo a faixa etária dos informantes



Observando os resultados obtidos para as variedades porto alegreense e recifense, o que se nota em relação à variante objeto nulo – forma privilegiada pelas três faixas etárias – é que, muito embora as diferenças não sejam acentuadas, seu uso é mais freqüente entre os mais jovens, decrescendo essa freqüência na medida em que se avança a idade dos informantes. Nesse sentido, os dados vão ao

encontro do que propõe a teoria de variação e mudança, ao defender que os falantes mais jovens são os principais responsáveis pela implementação de formas inovadoras na língua.

No entanto, ao se observarem as outras variedades o que se tem – não se perdendo de vista o fato de que as células são pequenas – não é essa hierarquia harmônica nos resultados encontrados em Porto Alegre e Recife. Os dados levantados na fala de informantes do Rio de Janeiro mostram uma maior frequência da variante objeto nulo na 3ª faixa etária, aproximando-se dos **71%** percebidos na 1ª faixa etária. Já o índice obtido para a 2ª faixa etária mostra certo distanciamento das outras duas.

Passando à análise da variedade soteropolitana, o que se percebe é um uso categórico do objeto nulo pelos informantes da 1ª faixa etária. A frequência verificada na 2ª faixa etária, assim como na variedade carioca, é inferior à da 3ª faixa etária.

Já os dados de São Paulo, ao contrário do que acontece em Salvador, mostram que o uso categórico de objeto nulo se dá na 2ª faixa etária. A 1ª, com seus **64%** das ocorrências, supera significativamente os **25%** apresentados pelos dados da 3ª faixa etária.

Passando a uma análise dos resultados obtidos para os casos em que se tem a lexicalização do objeto direto, nota-se, na maioria dos casos, certa preferência pelo demonstrativo. Porto Alegre e Recife mostram certo equilíbrio no uso dessa variante. Para a primeira variedade, têm-se **27%** de frequência nos dados levantados para 1ª faixa etária; **20%**, para a 2ª faixa etária; e, para a 3ª faixa etária, **30%** das ocorrências. Seguindo essa mesma ordem, em relação à faixa etária dos informantes, os resultados de Recife são: **32%**, **45%** e **36%**, para a 1ª, 2ª e 3ª faixas

etárias, respectivamente. Poucos são os casos em que se tem, em ambas as variedades, a lexicalização do objeto direto por meio de um sintagma anafórico.

Para a variedade carioca, chama a atenção o fato de, na 1ª faixa etária, ter como concorrente da variante nula, com **29%** dos casos, a lexicalização do objeto direto com um sintagma anafórico totalmente modificado, não apresentando sequer um só caso em que ocorra o uso do demonstrativo. Fato semelhante se dá na 3ª faixa etária, em que a soma das ocorrências de sintagmas anafóricos (pleno e com determinante modificado) (**21%**), supera o índice percebido para a variante pronome demonstrativo (**4%**).

Já nos resultados de Salvador, vale salientar o fato de que na 2ª faixa etária a forma variante preferida pelos falantes é o demonstrativo: **70%** dos casos, contra **30%** de objeto nulo. Passando à variedade paulistana, o que se nota é um empate de **18%** dos casos em que a realização do objeto direto se dá por um demonstrativo ou por um sintagma anafórico pleno. No entanto, na 3ª faixa etária é curiosa a alta incidência – superando a categoria nula do objeto – de demonstrativos: **42%**.

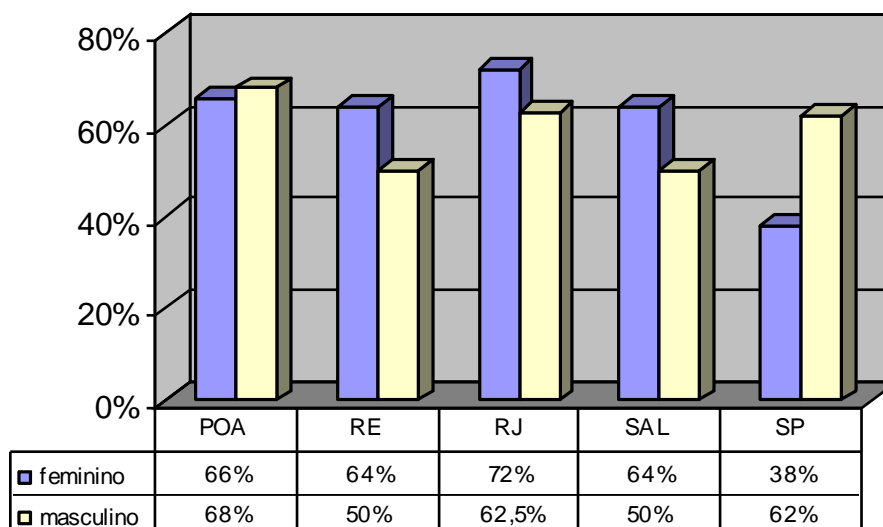
4.2.1.2.2 Verificação dos dados em relação à variável sexo/gênero dos informantes

Conforme aponta Labov (1983, p. 374-5), “[...] la diferenciación sexual del habla desempeña a menudo un papel primordial en el mecanismo de la evolución lingüística.” No entanto, a distinção dos falantes conforme o sexo/gênero não se trata de “[...] un mero producto de los factores físicos [...]”, tampouco de “[...] una diferencia de las cantidades de información referencial suministradas por los hablantes [...]”. É, antes, “[...] una posición expresiva que se revela como social más

conveniente para um sexo o para outro”, dependendo, claramente, das situações de interação verbal da vida cotidiana.

Tomando por base a concepção laboviana, desenvolveu-se, pois, o cruzamento entre as formas variantes do objeto direto na fala culta do PB e a variável **sexo/gênero do informante**. Os resultados obtidos com esse cruzamento (distribuídos nas **tabelas 19-23** (no apêndice)), apontam para uma desigualdade entre as variedades, em se tratando da forma inovadora. Esse fato pode ser claramente visualizado no **gráfico 8**.

Gráfico 8 – Distribuição do OD(or) nulo, segundo o sexo/gênero dos informantes



A partir do exposto no gráfico acima, verifica-se que os índices de Porto Alegre mostram um equilíbrio no uso feito por informantes de ambos os sexos/gêneros: **68%** obtidos nos dados de informantes do sexo/gênero masculino e **66%** para informantes do sexo/gênero feminino. Em Recife, no Rio de Janeiro e em Salvador o que se nota é um maior emprego de objeto nulo entre as mulheres. Para as variedades de Recife e Salvador, os índices percentuais são de **64%** para as

mulheres, contra **50%** para os homens. A variedade carioca apresenta, para as mulheres, um total de **72%** das ocorrências, enquanto para os homens o que se obtém é um total de **62,5%**. Esses resultados opõem-se ao que acontece em São Paulo, em que o maior uso se dá pelos informantes do sexo/gênero masculino: **62%**, contra **38%** de ocorrências na fala das mulheres.

Esses resultados sustentam a hipótese de que a expressão nula do objeto direto não só se implementou no sistema lingüístico do PB, como também goza de prestígio social, posto que, à exceção de São Paulo, o uso dessa forma variante ou se equilibra na fala de informantes de ambos os sexos/gêneros (superando significativamente os **50%**, que seriam considerados como ponto neutro); ou, na fala feminina, supera a sua freqüência na fala masculina.

Comportamento semelhante é encontrado se comparados os índices observados nesse cruzamento aos verificados nos resultados gerais. Também nesse caso, o que se nota, na variedade porto alegreense, é um equilíbrio entre ambos os resultados. Na variedade soteropolitana, é a freqüência da expressão nula do objeto na fala feminina que se equilibra com os **69%** apontados no resultado geral para essa localidade. Nas variedades recifense e carioca, os índices na fala feminina superam sensivelmente os **55%** (para Recife) e os **57%** (para o Rio de Janeiro) apontados nos resultados gerais. Na variedade paulistana, é o uso na fala masculina que supera os **50%** dos resultados gerais.

Já no tocante à lexicalização do objeto direto, percebe-se que, em quase todos os casos, a variante concorrente da categoria nula é o demonstrativo. Há um equilíbrio na realização dessa variante entre ambos os sexos/gêneros, conforme se verifica no quadro abaixo:

Tabela 2 – Distribuição do uso do pronome demonstrativo conforme o sexo/gênero dos informantes

Sexo/gênero do Informante	VARIEDADE				
	Porto Alegre	Recife	Rio de Janeiro	Salvador	São Paulo
M	25%	38%	25%	40%	15%
F	28%	36%	4%	36%	23%

A tabela acima mostra que apenas na variedade carioca a realização do objeto direto oracional por um demonstrativo é bem mais produtiva entre informantes masculinos que entre informantes femininos. Nas demais variedades, o que se nota é um equilíbrio no uso dessa forma variante entre falantes de ambos os sexos/gêneros. A baixa frequência no uso do pronome demonstrativo na fala de informantes femininos cariocas aponta, em contrapartida, para uma preferência à lexicalização do objeto direto oracional por um sintagma anafórico: observado a partir de uma fusão entre as formas de sintagmas anafóricos consideradas por este estudo, o índice dessa variante atinge um percentual de **24%**, equilibrando-se com a lexicalização do objeto direto na forma de um pronome demonstrativo observado na fala masculina carioca.

Na seqüência, apresenta-se a discussão dos resultados obtidos a partir dos dados em que o objeto direto tem por antecedente um **SN**.

4.2.2 Objeto direto com antecedente sintagma nominal (OD(SN)) – análise dos resultados

A tabela que segue apresenta a distribuição do objeto direto anafórico com um antecedente sintagma nominal ((**OD(SN)**)), a partir dos dados levantados nas variedades do português brasileiro já citadas. A distribuição aí apresentada permite

uma visualização geral de como se distribuem as formas variantes em que o objeto direto se realiza.

Tabela 3 – Resultados gerais para a realização das variantes – OD(SN)

Variantes	VARIEDADES												TOTAL
	Porto Alegre		Recife		Rio de Janeiro		Salvador		São Paulo		TOTAL		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%			
Nulo	122	52	161	52	244	60	132	52	152	57	811		
Pron. Clítico	10	4	21	7	18	4,5	8	3,5	5	1,75	62		
Pron. Lexical	6	2,5	10	3,5	5	1	3	1	-	-	24		
Pron. Demonstrativo	9	4	13	4	17	4	8	3,5	4	1,5	51		
S. anafórico pleno	49	21	46	15	66	16	47	19	55	21	263		
S. anaf. c/ det. modificado	33	14	47	15	49	12	48	19	46	17	223		
S. anaf. tot. modificado	6	2,5	10	3,5	9	2,5	6	2	5	1,75	36		
TOTAL	235	-	308	-	408	-	252	-	267	-	1470		

Os dados apresentados na tabela acima, referentes às cinco variedades representativas do PB aqui consideradas, mostram um grande equilíbrio nos índices percentuais apresentados na seleção por uma estratégia de realização do **OD(SN)**.

Principiando com uma leitura vertical das formas variantes em cada variedade, percebe-se que a forma privilegiada pelos falantes é o **objeto nulo** (cf. **144**), atingindo um índice bastante superior ao das demais formas variantes.

(144) guardar o dinheiro no banco é a coisa mais fácil desde que se tenha o dinheiro a ser guardado [...] claro se houver sobra o banco aceita \emptyset de muito bom grado (NURC – São Paulo / DID-250)

Como forma concorrente da variante nula do OD(SN), tem-se o uso do **sintagma anafórico pleno** (cf. **145**), seguido do **sintagma anafórico com determinante modificado** (cf. **146**). Com índices percentuais menores – e não apresentando uma distância significativa entre o índice de uma e de outra forma variante – tem-se a realização pelas formas pronominais (**clítico**, **lexical** e **demonstrativo**) e pelo **sintagma anafórico totalmente modificado**, exemplificados, respectivamente, pelos casos em **(147)**, **(148)**, **(149)** e **(150)**.

(145) O colarinho... Antigamente, o colarinho duro era ele tinha essa consistência devido à quantidade de goma empregada [...] quando havia quem fosse capaz de passar **o colarinho** e ficar impecável; mas isso foi desaparecendo. (NURC – Salvador / DID-159)

(146) às vezes nós fazendo carne assada nos domingos aí titia durante a semana aproveita **aquela carne assada** (NURC – Rio de Janeiro / DID-328)

- (147) eu acho que tudo acontece na sua vida e acontece porque tem que acontecer você às vezes facilita ao acontecimento das coisas mas éh elas vêm normalmente da mesma maneira que acontece uma coisa boa acontece uma coisa ruim isso é muito normal na vida de todo mundo e os problemas todo mundo tem agora resta saber você enfrentá-**los** (NURC – Recife / DID-256)
- (148) o povo vai procurar o quê? uma outra válvula de escape que vá satisfazer ou pelo menos que vá amenizar **ele** (NURC – Recife / DID-256)
- (149) tanto a palha quanto o sabugo pode-se dar pro gado lambar ou pra porco porque sempre fica também um grão de milho perdido e tal e eles então lambem comem **aquilo** o gado costuma comer até a palha de milho (NURC – São Paulo / DID-250)
- (150) n'A rosa com amor também tem pa/ pessoas que não trabalham bem [...] eu não consigo vibrar não sei co/ acontece com os outros a mesma coisa mas eu não vibro com o personagem eu fico quando eu estou vendo **a novela** eu fico inteirado (NURC – Porto Alegre / DID-021)

Passando a uma leitura horizontal, os índices conduzem à percepção, como já dito acima, de um equilíbrio entre as localidades. Para a forma variante de maior frequência, nas variedades de Porto Alegre, Recife e Salvador, o que se verifica é uma identidade entre os resultados apresentados: **52%** nos três casos. Os dados de São Paulo apresentam um índice de **57%**, mostrando-se discretamente superior ao das variedades anteriormente apresentado. Como variedade em que se tem maior frequência no uso da variante nula do OD(SN), porém com um índice não

muito superior aos anteriores, o Rio de Janeiro se apresenta com **60%** dos casos de OD(SN).

Estudos anteriores, dentre os quais o de Duarte (1986 e 1989), o de Cyrino (1999), o de Freire (2000) e o de Matos (2005), também desenvolvidos a partir de dados de língua falada, apontam para essa preferência dos falantes pelo uso do objeto nulo como estratégia de realização do objeto direto. Os resultados obtidos no estudo que ora se apresenta convergem, assim, com os apresentados em outros estudos.

Como forma concorrente da variante nula do objeto direto, os nossos resultados apontam, com índices significativamente inferiores aos da forma privilegiada, porém bastante equilibrados, para o uso do sintagma anafórico pleno. A variedade com menor índice percentual para o uso dessa variante é a recifense, com **15%**, seguida, com uma diferença insignificante, da variedade carioca, com **16%** dos casos. A variedade soteropolitana apresenta o uso do sintagma anafórico pleno um pouco maior: **19%**. Índice igual apresentam as variedades porto alegreense e paulistana, ambas com **21%**.

Não muito distantes dos resultados apresentados para o sintagma anafórico pleno, estão os índices para a realização do objeto direto por um sintagma com determinante modificado. Esses índices variam entre **14%** e **19%**, chegando, nos dados de Recife e Salvador, a se igualarem aos apresentados para a variante sintagma anafórico pleno: **15%** no caso da primeira variedade e **19%** no caso da segunda.

A lexicalização do OD(SN) por um demonstrativo não se mostra tão produtiva como no caso do OD(or). Enquanto nessa variável os índices, comparando-se uma variedade a outra, estão distribuídos entre **12%** e **38%**

(lembrando que apenas uma variedade apresenta o resultado mínimo de 12%, sendo que as demais superam os 25%), na realização do OD(SN) esses índices não superam os **4%**. Essa diferença não parece influenciada pelo grau de escolaridade dos falantes do PB. O que nos permite acreditar em tal hipótese é o fato de que no estudo desenvolvido por Matos (2005), em que a pesquisadora estruturou seu *corpus* a partir da fala de informantes analfabetos e semi-alfabetizados, os casos de uso do demonstrativo como estratégia para o preenchimento do OD(SN) correspondem a **1,5%**.

Fato interessante, porém, se dá nos casos em que o falante opta pelo uso da forma pronominal (**clítico** e/ou **lexical**). Com relação a essas formas variantes, levantou-se como hipótese que, ao optar pela realização do objeto direto por uma forma pronominal, os falantes prefeririam o uso de pronomes lexicais ao de pronomes átonos (clíticos). No entanto, os dados não confirmam tal hipótese. Apesar de se ter células pequenas – o que não se esperava para a variante pronome lexical – o uso de clíticos supera o da outra variante.

Os resultados para o uso de clíticos pronominais são os seguintes: Porto Alegre, **4%**; Recife, **7%**; Rio de Janeiro, **4,5%**; Salvador, **3,5%**; e São Paulo, **1,75%**. Já o uso de pronome lexical obteve os seguintes resultados: com **1%** dos casos estão as variedades carioca e soteropolitana, seguidas da variedade porto alegreense, com **2,5%**, e da recifense, com **3,5%**. Nos dados apresentados, não se verificou, para São Paulo, um só caso em que a lexicalização do OD(SN) se desse pelo pronome lexical²⁹.

29. Vale ressaltar que em um primeiro levantamento feito dos dados, houve um caso em que se tinha o uso do pronome lexical funcionando como objeto direto. Visto que o *corpus* deste estudo teve que passar por uma reorganização, foram excluídos alguns inquéritos (não só da variedade paulistana) dos quais se tinha feito levantamento de ocorrências de objeto direto. Em função disso, dentre os inquéritos excluídos, estava o que possuía a ocorrência única do pronome lexical.

Crê-se que a maior freqüência, embora discreta, de clíticos na fala dos informantes se dê em função da escolarização. A esse respeito, Duarte (1989) argumenta que o índice mais elevado de casos em que se daria o uso de clíticos seria aproximadamente o de **5%**, em se tratando de falantes com formação superior.

Verificando os resultados obtidos pelo estudo de Matos (2005), que parte da fala de informantes analfabetos e semi-alfabetizados, não se encontrou, sequer, um caso de uso do clítico.

O mesmo se verifica no estudo desenvolvido por Silva (2004), ao observar, no uso feito por falantes com pouca (ou nenhuma) escolaridade, “o objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro”, a partir de uma amostra estruturada em comunidades baianas em que houve grande concentração de mão-de-obra escrava.

Observando os resultados apresentados por Duarte (1989), em que são analisados dados obtidos da fala de pessoas com escolaridade variando entre o 1º grau (completo ou incompleto) e o 3º grau, já se encontram, embora de forma bastante discreta em relação às outras formas variantes selecionadas pela autora, casos em se dá a realização de clíticos de 3ª pessoa com função de objeto direto (**4,9%**). Porém, essa freqüência não supera os **15,4%** de pronome lexical. O índice de ocorrências dessas duas formas variantes praticamente se iguala nos resultados obtidos por Freire (2000), ao observar a fala de informantes cariocas escolarizados (todos com formação superior): em **3%** dos casos tem-se o uso de clítico e de **4%** é a freqüência de uso de pronome lexical³⁰.

Feitas as explanações gerais acerca das formas variantes utilizadas pelos falantes na realização do OD(SN) nas cinco variedades em estudo, segue a análise

30. É possível justificar a diferença entre os resultados apresentados por Freire (2000) e os apresentados por esta pesquisa, apesar de ambas organizarem seu *corpus* a partir da fala de informantes com formação superior, em função de um lapso temporal existente entre os inquéritos utilizados por ambos os estudos. Enquanto os inquéritos aqui utilizados foram coletados na década de 1970, os utilizados por Freire (2000) foram coletados na década de 1990.

dos cruzamentos feitos entre as formas variantes e os grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos selecionados para este estudo.

4.2.2.1 Grupos de fatores lingüísticos

Embora não tenha sido possível incluir na presente análise, estudos anteriormente desenvolvidos, quer sobre o objeto direto (MATOS, 2005), quer sobre o objeto indireto (BERLINCK, 2000), apontam para a “distância entre o elemento anafórico e seu antecedente” como “um dos fatores que afetam a acessibilidade dos antecedentes” (Givon, 1983; Ariel, 1988, *apud* BERLINCK, 2000, p. 358). Os resultados obtidos por Berlinck (2000) e por Matos (2005) revelam que a variante nula (quer do objeto direto, quer do indireto) atinge índices mais elevados quando seu antecedente se encontra na oração imediatamente anterior, sendo esse índice reduzido na medida em que o referente se distancia em orações (cf. 151). Caminho oposto segue, então, a variante lexicalizada: na medida em que o antecedente se distancia em orações, dificultando, assim, sua retomada, os índices apontam para um aumento no preenchimento da posição sintática (objeto direto, no caso da pesquisa de Matos, e indireto, no caso do estudo de Berlinck).

(151) inclusive o tal pato no tucupi eu achei \emptyset muito ruim sabe eu não gostei \emptyset
 realmente achei \emptyset ruim demais não não sei se é por que não é eles lá
 acham **aquilo** maravilhoso (NURC – Rio de Janeiro / DID-328)

Assim, como grupos de fatores lingüísticos para a realização do OD(SN) foram definidas: a natureza semântica do antecedente, a estrutura sintática em que se realiza o objeto direto e a topicalização (ou não) do antecedente.

Discutir-se-ão, nesta seção, os resultados apresentados ao serem cruzados tais grupos de fatores com as formas variantes.

4.2.2.1.1 A natureza semântica do antecedente

Duarte (1986 e 1989) observou, em estudo de natureza sincrônica, que, dentre os fatores lingüísticos levantados para sua pesquisa, a animacidade do antecedente é “extremamente importante na escolha da variante candidata à representação do objeto direto anafórico” (DUARTE: 1986, p. 26). Em seu estudo, a lingüista verifica que o traço [-animado] do antecedente favorece a realização do objeto nulo (ou categoria vazia, como é por ela denominado), ao passo que o traço [+animado] do antecedente favorecerá a lexicalização do objeto direto, principalmente por formas pronominais (clítico e/ou lexical).

Ao realizar um estudo orientado pela perspectiva diacrônica, Cyrino (1997, p. 16) verifica que a implementação do objeto nulo no PB se faz, primeiramente, em contexto em que era feito o uso do “clítico neutro” – o que poderia ser utilizado em substituição a uma oração – e, em seguida, em contexto no qual o clítico acusativo de terceira pessoa era empregado fundamentalmente com antecedente nominal com traço [-animado]. Em outro estudo, agora sob a perspectiva sincrônica, os resultados obtidos pela autora apontam para maior freqüência de OD nulo em contextos em que se tem um antecedente [+específico, -animado], seguido de casos em que se tem um antecedente [-específico, -animado]³¹ (CYRINO, 1999, p. 611). Excluindo-se o fator especificidade do antecedente, o índice de ocorrências de OD nulo tendo um antecedente com o traço [-animado] chega, em Cyrino (1999), a 84,8%.

31. O traço [+específico] do antecedente não foi considerado por este estudo.

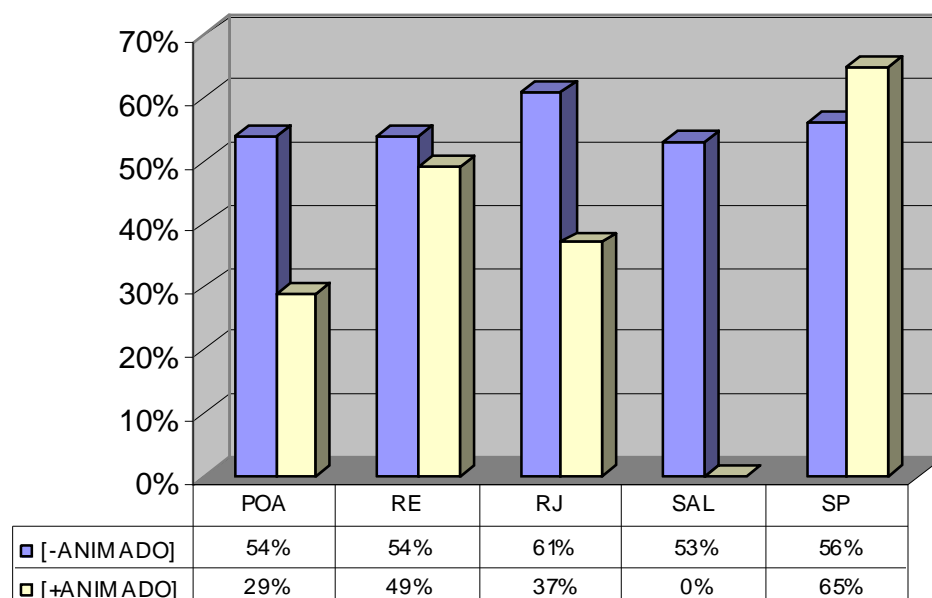
Os resultados obtidos neste estudo, ao se cruzar o traço semântico [+animado] do antecedente com as formas variantes, confirmam, parcialmente, os resultados já obtidos pelos estudos aos quais se fez referência acima. Isso pelo fato de os resultados para a expressão nula do objeto direto com antecedente [+animado] aqui obtidos superarem significativamente os verificados por Cyrino (1997 e 1999) (conforme se verificará logo adiante no **gráfico 10**), como também os apresentados em Duarte (1986 e 1989).

Ao se observarem os índices percentuais apresentados para cada variedade (conforme representado no **gráfico 9**), verifica-se que, à exceção de São Paulo, em todas as localidades o percentual de OD(SN) nulo, tendo um antecedente com o traço [-animado] (cf. **152**), supera os casos em que seu antecedente possui o traço [+animado] (cf. **153**). Já a lexicalização do OD(SN) é favorecida pelo antecedente [+animado].

(152) estou sempre com o radinho aqui no pescoço eu dependurava ou botava \emptyset aqui assim (NURC – Porto Alegre / DID-021)

(153) lá em casa está a que está lá cuidando da minha cunhada e eu não tenho agora estou sem empregada mas ela está só procurando dar à filha as maiores oportunidades para que estude e está incentivando \emptyset (NURC – Porto Alegre / DID-344)

Gráfico 9 – Uso do OD(SN) nulo, segundo a *animacidade do antecedente*, nas 5 capitais estudadas



Para a variedade de Porto Alegre e Recife, observa-se o mesmo índice percentual quando o objeto nulo tem um antecedente [-animado]. O percentual obtido para a primeira variedade supera significativamente os **29%** de casos quando se tem um antecedente com traço [+animado]. No entanto, na variedade recifense o que se observa é um equilíbrio: o índice para os casos em que o antecedente possui o traço [+animado] é de **49%**. Ou seja, tem-se apenas uma margem percentual de **5%** separando a frequência de objeto direto nulo com antecedente [-animado] da de objeto direto nulo com antecedente [+animado].

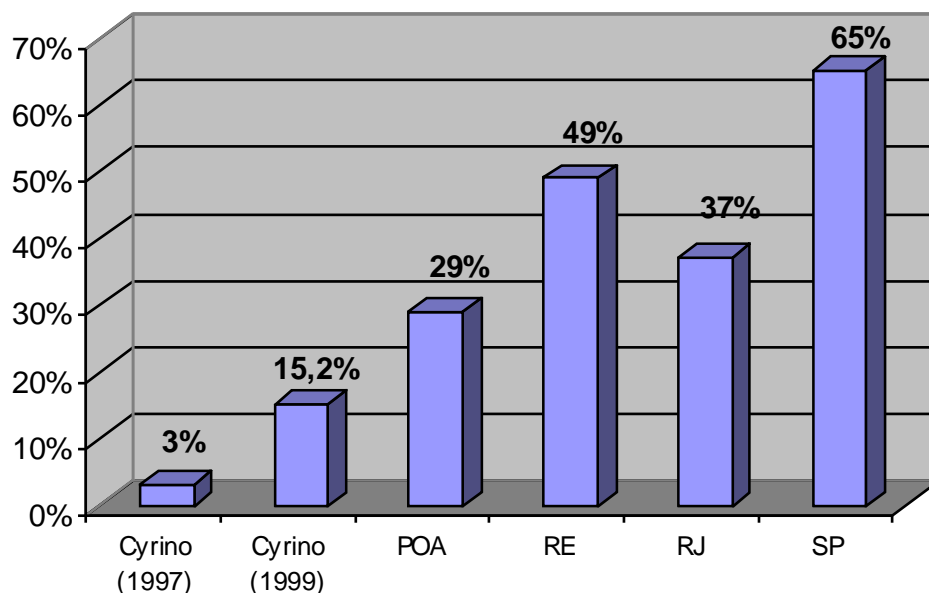
Os dados do Rio de Janeiro, a exemplo do que se observa em Porto Alegre, apontam para um uso majoritário de objeto nulo quando se tem um antecedente [-animado]: **61%**. Já para os casos em que se tem um antecedente com traço [+animado], a frequência é de **37%**. Olhando para a variedade soteropolitana, os dados permitem uma observação apenas sobre a frequência em que o objeto nulo apresenta um antecedente [-animado]. Isso se dá pelo fato de ter ocorrido, em

um conjunto de 252 ocorrências, um único caso em que o objeto direto tem um antecedente [+animado].

Contrariamente às outras variedades, os dados de São Paulo apresentam uma maior frequência de objeto direto nulo quando se tem como antecedente um SN com traço [+animado]. Esses resultados, embora superiores a **50%**, parecem apontar na mesma direção que os observados por Matos (2005). Em seu estudo, a pesquisadora verificou que, em se tratando de um antecedente do objeto direto anafórico com o traço [+animado], “a escolha entre as variantes *objeto nulo* e *objeto lexicalizado* é indiferente” (MATOS, 2005, p. 101, grifos da autora). A observação feita pela autora se justifica pelo fato de que o percentual de objeto nulo com antecedente [+animado] é de **55,1%**, equilibrando-se com os **44,9%** de lexicalização.

No tocante à expressão nula do objeto direto com antecedente **[+animado]**, ao compararmos os resultados obtidos por este estudo aos de Cyrino (1997), referentes a dados do século XX, e aos de Cyrino (1999) – conforme se ilustra no **gráfico 10** – o que se percebe é uma frequência significativamente superior em quatro das cinco variedades estudadas (ressalta-se o fato de que para os dados de Salvador não houve ocorrência de objeto nulo com antecedente [+animado]). Em Matos (2005), embora não tenha sido explorado pela autora, os dados também apontam para esse fato.

Gráfico 10 – Resultados obtidos por Cyrino (1997 e 1999)³² para a realização do OD(SN) nulo com antecedente [+animado] comparados aos obtidos por Arruda (2006)³³



Isso mostra que a expressão nula do objeto direto já se encontra totalmente implementada no sistema lingüístico do PB, independentemente do traço semântico de seu antecedente. É possível, ainda, auxiliado pelo estudo de Cyrino (1997), verificar o percurso seguido pelo objeto direto nulo em sua implementação: **OD com antecedente oracional > OD(SN) com antecedente [-animado] > OD(SN) com antecedente [+animado]**.

Passando a verificar as correlações entre o traço [-animado] do antecedente e a lexicalização do objeto direto, caso se considere apenas a oposição

32. Em Cyrino (1997), é desenvolvido um estudo diacrônico em que, a partir de textos escritos, são levantadas ocorrências de objeto direto nulo do século XVI ao século XX. No entanto, à guisa de comparação, foram utilizados, na montagem do gráfico, apenas os resultados referentes ao século XX. Já em Cyrino (1999), o estudo que se desenvolve, com base no português brasileiro contemporâneo culto falado, a partir da amostra mínima do projeto NURC, visa investigar os complementos verbais nulos (tanto objeto direto quanto indireto). Inseriram-se no gráfico apenas os resultados referentes aos casos de objeto direto. Ressalta-se, ainda, o fato de que, em ambos os estudos, Cyrino considerou, juntamente com a animacidade, a especificidade do antecedente, fator não considerado em nosso estudo.

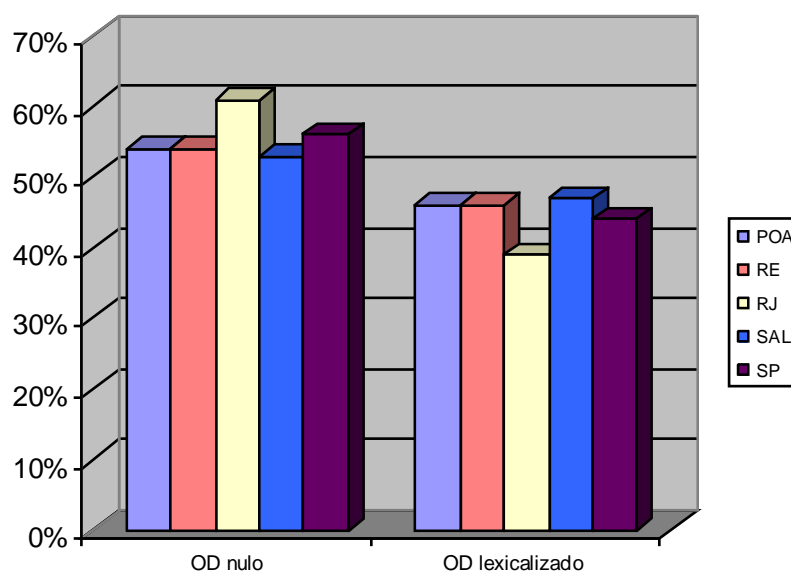
33. Resultados finais desta investigação.

objeto nulo vs objeto lexicalizado, o que se nota em quatro, das cinco variedades consideradas, é a existência de um equilíbrio.

Tem-se, assim, para Porto Alegre e para Recife, contra os **54%** de objeto nulo, **46%** de objeto lexicalizado. Em Salvador os índices são bastante parecidos com os das duas variedades anteriores: **53%** para objeto nulo, contra **47%** de objeto lexicalizado. Também um equilíbrio se percebe em São Paulo, embora a diferença em relação às duas variantes seja mais sensível que nas outras variedades: para a realização do objeto nulo, tem-se um percentual de **56%**, ao passo que para o objeto lexicalizado o percentual é de **44%**. Distanciamento maior é observado na variedade carioca, ao se perceber, entre as duas variantes, uma diferença percentual de **22%**: **61%** de objeto nulo e **39%** de objeto lexicalizado.

É o que se pode observar a partir do **gráfico 11**.

Gráfico 11 – Frequência de uso de OD(SN) nulo vs OD(SN) lexicalizado, com *antecedente [-animado]*



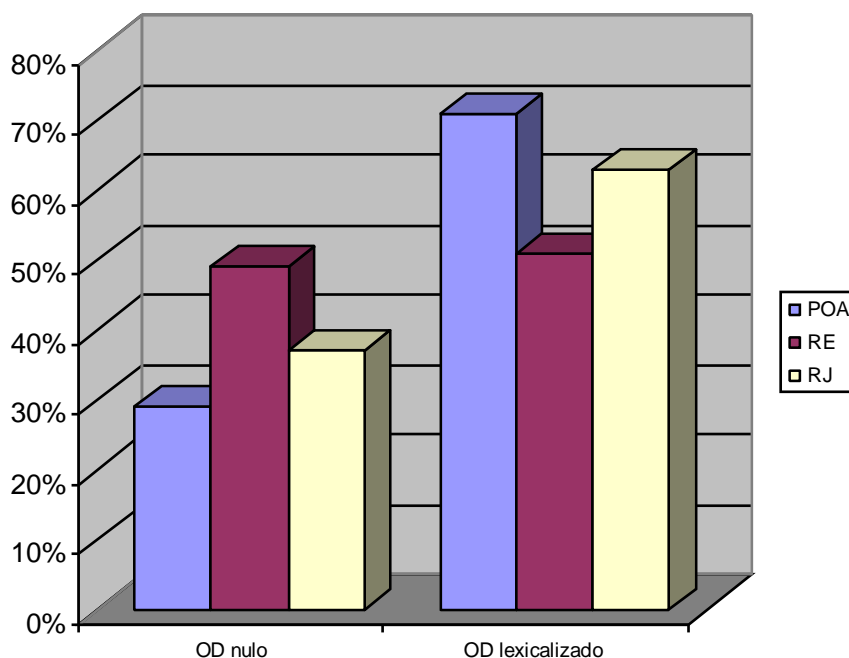
No tocante ao preenchimento do objeto direto com um pronome (lexical ou clítico), o que se constata – confirmando os resultados de Duarte (1986 e 1989), Freire (2000)³⁴ e Matos (2005) – é que o fato de se ter um antecedente [-animado] consiste em um contexto que bloqueia a realização dessas variantes.

Na verdade, tem-se, em todas as variedades, como principal variante concorrente com a nula, o uso de um sintagma anafórico pleno. Os índices para as variedades são: Porto Alegre, **22%**; Recife, **15,5%** (equilibrando-se com os **16%** dos casos em que se tem um sintagma anafórico com determinante modificado); Rio de Janeiro, **17%**; Salvador, **18,5%** (equilibrando-se com os **19%** dos casos em que o preenchimento se dá por um sintagma anafórico com determinante modificado); São Paulo, **23%**.

Passando à verificação dos casos em que se trata de um antecedente com o traço [**+animado**], tem-se que este consiste em um contexto favorável à lexicalização do objeto direto, conforme já observado nas pesquisas anteriormente citadas. A esse respeito, veja-se o gráfico seguinte.

34. Freire (2000), ao considerar o condicionamento semântico, não considerou os traços [**±animado**], mas sim os traços [**± humano**].

Gráfico 12 - Frequência de uso de OD(SN) nulo vs OD(SN) lexicalizado, com *antecedente [+animado]*



Excetuando-se as variedades paulistana (em que a expressão nula do objeto supera a lexicalizada) e soteropolitana (por ocorrer apenas um caso de objeto direto com antecedente [+animado]), nas demais variedades o que se verifica é uma preferência à forma lexicalizada do objeto direto. Em Porto Alegre, o preenchimento do objeto direto atinge o índice de **71%**. No Rio de Janeiro, esse índice é de **63%**. Um equilíbrio é observado em Recife, ao apresentar um índice de **51%** para os casos de lexicalização do objeto direto.

Entre as estratégias de preenchimento do objeto direto observadas no uso feito pelos falantes, a forma preferida é a pronominal, tendo o clítico um índice percentual superior ao pronome lexical. Em Porto Alegre, o uso do clítico atinge **33%** dos casos em que se tem o objeto direto com antecedente [+animado], enquanto que o índice atingido pelo pronome lexical é de **17%**. Em Recife, observa-se um

equilíbrio no uso da forma pronominal para a realização do objeto direto: para o uso de clítico, o índice é de **11%** e de **10%** para o uso de pronome lexical. Diferença maior apresenta a variedade do Rio de Janeiro: enquanto o pronome clítico chega a **42%**, o uso de pronome lexical é de apenas **11%**. Em Salvador não se observou nenhum caso em que se usasse o pronome (clítico ou lexical) na realização da variável. Já para São Paulo, em se tratando do uso de uma forma pronominal, só se verifica o uso de clíticos, atingindo um total de **14%**.

Comparados os índices acima apresentados aos observados nos resultados gerais (ilustrados na tabela 3), o que se percebe é a relevância do traço **[+animado]** do antecedente do objeto direto em sua lexicalização por uma forma pronominal (clítica ou lexical). Enquanto nos resultados gerais o índice de preenchimento com pronome clítico não supera os **7%** (índice observado na variedade recifense), tendo seu antecedente o traço [+animado] o menor índice encontrado quando se dá a lexicalização com essa estratégia é de **11%** (em Recife), chegando a **42%** (no Rio de Janeiro). Já em se tratando da opção pelo preenchimento com um pronome lexical, os resultados gerais não apontam uma frequência maior que **3,5%** (verificado na fala de Recife), ao passo que, sendo o antecedente do objeto direto [+animado], essa frequência apresentará um equilíbrio, variando entre **10%** e **17%**.

Apesar de se ter células pequenas para os casos em que a realização do objeto direto se dá por um pronome clítico (o que contribui para a sustentação de que o clítico de 3ª pessoa em função de objeto direto, no PB, não é adquirido naturalmente), verifica-se que o contexto em que se tem um antecedente com o traço [+animado] favorece o uso dessa variante.

4.2.2.1.2 A estrutura sintática

O contexto sintático em que ocorre o OD(SN) foi outro fator de natureza lingüística considerado para a análise das ocorrências que constituem o *corpus* deste estudo. Acredita-se que a escolha por uma ou outra variante na realização do objeto direto seja favorecida (ou não) pela estrutura sintática em que a variável ocorre.

Feito o cruzamento entre as estratégias de realização do OD(SN) e a estrutura sintática responsável pela projeção do objeto direto (conforme se pode observar na distribuição apresentada nas **tabelas 29-33** (no apêndice)), o que se verifica é a preferência dada pelos falantes à variante objeto nulo, uma vez que, nas cinco variedades representativas do PB, é a forma com maior índice percentual em quase todas as estruturas sintáticas projetadas (excetua-se o caso em que se tem a estrutura sintática **OD(SN)+Oração (infinitiva ou gerundiva)** (cf. **154**), que não se mostrou muito produtiva em se tratando de OD(SN)).

(154) quando passava um automóvel nós parávamos o jogo deixávamos o **automóvel** passar e o jogo depois continuava (NURC – Rio de Janeiro / DID-233)

Analisando, então, os casos em que se dá a não lexicalização do objeto direto, é possível organizar as variedades, a partir dos índices percentuais apresentados, em dois grupos. Um primeiro, em que estão os resultados obtidos em Porto Alegre, Recife e Salvador e, em um outro grupo, os resultados apresentados por Rio de Janeiro e São Paulo.

Para o primeiro grupo, o que se pode observar é um equilíbrio, na realização do objeto nulo, entre os índices apresentados pelas três estruturas sintáticas, a saber: **OD(SN)**, **OD(SN)+Predicativo** e **OD(SN)+OI(SN)**, conforme exemplificado em **(155)**, **(156)** e **(157)**, respectivamente.

(155) o fundo da piscina deu defeito e tiveram que esvaziar \emptyset (NURC – Rio de Janeiro / DID-012)

(156) tem leão lá o leão é um animal de meio porte não é? não é de grande porte mas também é a gente pode até considerar \emptyset de grande porte né?
(NURC – Recife / DID-108)

(157) então onde eu encontro eu gostei de determinada coisa eu uso compro \emptyset e uso (NURC – São Paulo / DID-251)

A variedade porto alegreense apresenta, para essas estruturas, um índice de **52%**, **58%** e **50%**, respectivamente. Para a variedade recifense, esses índices são de **53%**, para os casos em que se tem a estrutura simples OD(SN), de **57%**, em se tratando de estrutura do tipo OD(SN)+Predicativo, e de **47%**, quando a estrutura projetada é um OD(SN)+OI(SN). Maior equilíbrio se verifica na variedade soteopolitana, ao se observarem os seguintes índices: **52,5%** (OD(SN)), **50%** (OD(SN)+Predicativo) e **52%** (OD(SN)+OI(SN)).

Esses resultados assemelham-se aos apresentados por Freire (2000). Em seu estudo, o pesquisador também constatou grande equilíbrio nos índices obtidos quando da realização do objeto nulo, com os resultados variando entre **59%** e **60%**³⁵. Contudo, não se nota tal semelhança se observados seus resultados aos apresentados pela variedade carioca. Tal ressalva se justifica pelo fato de o *corpus*

35. Foram consideradas para a comparação, dentre as estruturas sintáticas selecionadas por Freire (2000), apenas aquelas que também foram selecionadas por este estudo.

representativo do PB, organizado por Freire (2000), ter sido estruturado a partir de inquéritos que constituem uma amostra do português culto falado no Rio de Janeiro.

O mesmo equilíbrio não é verificado nas variedades do outro grupo. Quando a estrutura projetada é uma estrutura simples (OD(SN)), a variedade carioca apresenta, para a variante objeto nulo, um total de **58%** dos casos, passando a **62,5%** nos casos em que a estrutura projetada é um OD(SN)+OI(SN) e atingindo um índice de **71%** dos casos em que é projetada uma estrutura do tipo OD(SN)+Predicativo. Fato semelhante ao que acontece com a variedade carioca pode ser percebido na variedade paulistana ao apresentar os seguintes índices: **52%**, para a estrutura OD(SN); **73%**, para os casos em que se tem uma estrutura OD(SN)+Predicativo; e, sendo projetada uma estrutura do tipo OD(SN)+OI(SN), o índice é de **74%** dos casos.

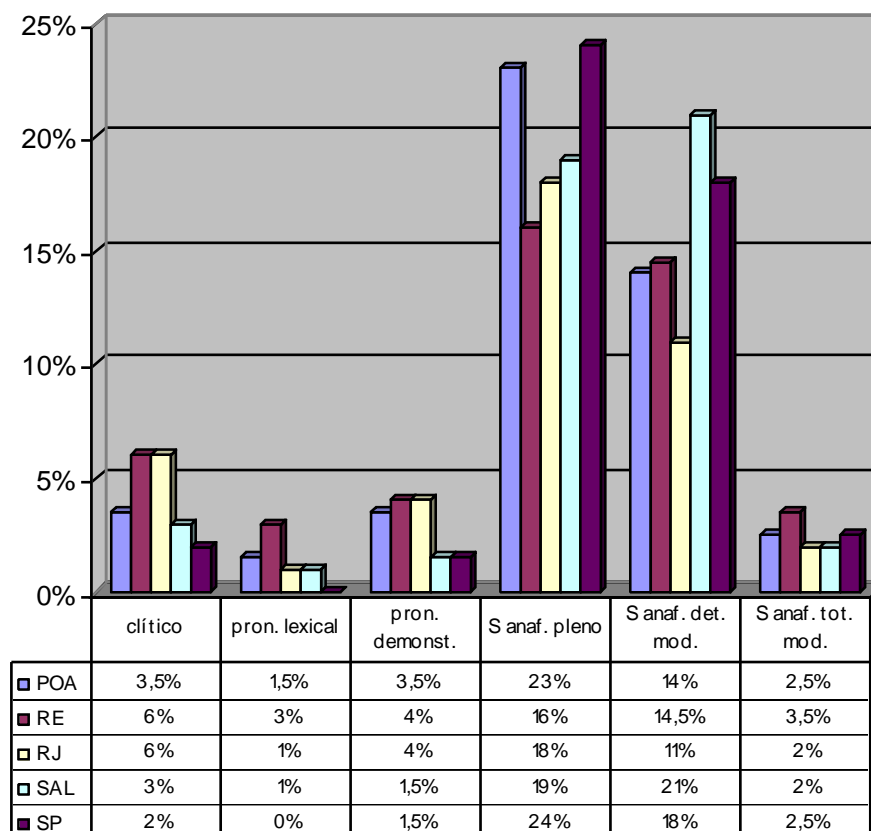
Duarte (1986 e 1989) também não verificou, em seus resultados, um equilíbrio nos índices obtidos para variante objeto nulo. Sendo projetada uma estrutura simples (OD(SN)), a frequência de objeto nulo verificada pela pesquisadora é de **76,2%**, caindo para **52,9%** quando a estrutura projetada é do tipo OD(SN)+Predicativo, chegando a ser quase categórico quando a estrutura sintática em questão é OD(SN)+OI(SN): **93%**. No entanto, o desequilíbrio observado pela pesquisadora não apresenta o mesmo comportamento do apresentado neste estudo para os casos do Rio de Janeiro (OD(SN), **58%**; OD(SN)+Predicativo, **71%**; OD(SN)+OI(SN), **62,5%**) e de São Paulo (OD(SN), **52%**; OD(SN)+Predicativo, **73%**; OD(SN)+OI(SN), **74%**).

Comparados aos resultados gerais apresentados para expressão do OD(SN) nulo, percebe-se um grande equilíbrio com a frequência no uso pelos falantes quando se tem uma estrutura sintática simples. Hierarquia semelhante pode

ser notada, para as variedades de Porto Alegre, Recife e Salvador, na freqüência da variante nula do objeto direto quando este se encontra em uma estrutura sintática complexa; o que mostra, para essas variedades, que o tipo de estrutura sintática projetada é indiferente para a realização dessa forma variante do objeto direto. No entanto, para as variedades do Rio de Janeiro e de São Paulo, verifica-se que as estruturas sintáticas complexas se constituem em contextos mais favoráveis à realização do objeto nulo que a estrutura sintática simples.

Passando aos casos em que se tem a lexicalização do objeto direto, sendo projetada uma estrutura simples (OD(SN)) – como se encontra representado no **gráfico 13** –, tem-se, para as variedades de Recife e Salvador, como forma concorrente da variante nula, um equilíbrio entre os índices de **sintagma anafórico pleno e com determinante modificado**.

Gráfico 13 – Frequência de uso de OD(SN) lexicalizado em *estrutura sintática simples*, nas 5 capitais estudadas



Partindo do que se mostra distribuído no gráfico acima, para os casos em que se dá o preenchimento com um **sintagma anafórico pleno**, o índice, para Recife e para Salvador, apresenta-se bastante equilibrado. Já para a variante **sintagma com determinante modificado**, Salvador apresenta um índice discretamente superior ao de Recife, não se mantendo tão equilibrado quanto a outra variante. Nas outras variedades não se observam índices tão equilibrados nessas duas formas, embora a diferença não chegue a **10%**. Os índices de São Paulo são de **24%** para os casos de sintagma anafórico pleno e de **18%** para os casos de sintagma anafórico com determinante modificado. Uma diferença um pouco maior é observada nos dados do Rio de Janeiro: **18%** de sintagma anafórico

pleno e **11%** de sintagma anafórico com determinante modificado. A maior diferença, no entanto, é observada nos resultados de Porto Alegre ao se verificar, para os casos de sintagma anafórico pleno, um total de **23%**, contra os **14%** apresentados para a outra variante.

No que diz respeito às outras formas variantes (clítico, pronome lexical, demonstrativo e sintagma anafórico totalmente modificado), é possível perceber que esse não é um contexto favorável à sua realização. Apesar da baixa frequência, os índices obtidos em todas as variedades apontam para um equilíbrio.

Passando aos casos em que se projeta uma estrutura do tipo OD(SN)+Predicativo, os resultados de Porto Alegre, Recife e Salvador, apontam para um favorecimento à realização do objeto direto por meio de um pronome demonstrativo. Isso pelo fato de ser essa, nas três variedades, a variante que concorre com a nula. O total, para Porto Alegre, é de **14%** - igualando-se ao uso de pronome lexical como estratégia de preenchimento do objeto direto. Para Recife, o total é de **12,5%** e, em Salvador, esse índice é de **18%**. Já os resultados obtidos no Rio de Janeiro mostram que, em se projetando a referida estrutura sintática, concorrerá com o objeto nulo a variante sintagma anafórico pleno, com **13%** dos casos. Em São Paulo, os resultados apontam para o sintagma anafórico com determinante modificado, com **18%** dos casos, como forma concorrente.

Já com relação à estrutura OD(SN)+OI(SN), o que se constata é, em Porto Alegre e Recife, um contexto favorável à realização do clítico (apesar de se ter células pequenas). É nessa estrutura que o uso do clítico, forma privilegiada pela tradição gramatical, atinge os maiores índices nessas duas variedades: **15%** em Porto Alegre e **13,5%** em Recife. Nas demais variedades, os índices obtidos não superam os **3%** dos casos.

Verificados os casos em que se cruzam as formas variantes do OD(SN) com a estrutura sintática projetada, passa-se à observação de outro grupo de fatores lingüísticos avaliados: a topicalização (ou não) do antecedente.

4.2.2.1.3 O fator topicalização (ou não) do antecedente

Galves (2001) defende que a estrutura sintática do PB tem se organizado na forma tópico-comentário, o que favoreceria a realização de objeto nulo com maior frequência, distinguindo-se do PE, por esta se caracterizar como uma língua com estrutura sintática sujeito-predicado.

Partindo dessa hipótese, estabeleceu-se o cruzamento dos casos em que o antecedente do objeto direto encontra-se topicalizado (cf. **158**), bem como dos casos em que não se encontra (cf. **159**), com as formas variantes.

(158) Ele vem equipado com pneu sem câmara. [...] Mas esse tipo de pneu eu não gosto de usar \emptyset (NURC – Salvador / DID-277)

(159) Não assim que eu me lembro, não. Eh apenas o o estofamento, que eu preferi que fosse de de plástico, porque tem um modelo que tem o estofamento de pano, mas quem tem filho pequeno não pode usar **esse modelo** (NURC – Salvador / DID-277)

Van Dijk (1977) (*apud* DUARTE, 1986, p. 64) afirma que buscar uma definição para **tópico** e **comentário** no nível sintático não é fácil, o que o leva a propor um estatuto semântico ao tópico. Sendo assim, “uma expressão recebe o estatuto de tópico se seu valor semântico (referente) é idêntico ao de uma expressão encontrada em uma das sentenças anteriores do discurso”, sendo, portanto “definido

em termos de referência repetida a um determinado referente discursivo”. Ao considerar esse condicionamento lingüístico, entender-se-á, então, que o tópico estabelecerá “um quadro de referência para o que vai ser dito a seguir”, importando, dessa forma, que o comentário seja feito por uma sentença completa (Li e Thompson, *apud* PONTES, 1987, p. 13).

Ressalta-se, contudo que, para os casos aqui estudados, foram considerados apenas aqueles em que o **tópico** compõe com a sentença que representa o comentário uma mesma unidade sintática, conforme exemplificado em **(158)**.

A hipótese que se levantou ao optar pela inclusão desse grupo de fatores era a de que construções em que o antecedente do OD(SN) se encontrasse topicalizado constituir-se-iam em um contexto favorável à realização do objeto nulo.

Essa hipótese se confirma ao observarmos os resultados distribuídos nas **tabelas 34-38** (no apêndice). O que se nota, em todas as variedades, é que, quando se topicaliza o antecedente do objeto direto, os resultados apresentados para a variante nula do OD(SN) são superiores à somatória de todas as outras variantes, chegando, no caso do Rio de Janeiro, a ser quase categórica. Os índices percentuais de OD(SN) nulo obtidos para os casos em que se tem a topicalização de seu antecedente são: Porto Alegre, **82%**; Recife, **86%**; Rio de Janeiro, **94%**; Salvador, **79%**; e São Paulo, **89%**.

Comparando-se as variedades, observa-se uma homogeneidade nos resultados, permitindo-nos estabelecer uma associação entre a estrutura topicalizada e o objeto nulo. Tal associação nos é permitida (fato que sustentará a hipótese anteriormente mencionada), pois, se compararmos os índices acima aos resultados gerais para a expressão do OD(SN), constatamos que nestes a

freqüência da expressão nula do objeto direto varia entre **52%** e **60%**, sendo, então, significativamente superada pelos **79%** verificados em Salvador (índice mais baixo dentre as variedades estudadas), quando o antecedente do objeto direto encontra-se topicalizado.

No entanto, a possibilidade de preenchimento (com clítico, pronome tônico, demonstrativo e sintagmas anafóricos), conforme se exemplifica em **(160)**, nos casos em que se tem a estrutura topicalizada também é significativa.

(160) eu gosto mais baixo ela põe mais alto e eu mais baixo então sempre
 causa um atrito por causa disso e rádio ela não suporta ouvir **rádio**
 (NURC – Porto Alegre / DID-021)

Analisando os resultados a partir da oposição entre OD(SN) lexicalizado e não lexicalizado, os índices de preenchimento com uma forma lexical variam, de uma localidade a outra, entre **21%** (para Salvador, localidade em que se dá a maior ocorrência de preenchimento do OD(SN)) e **6%** (sendo o Rio de Janeiro a localidade que menos preenche o OD(SN), quando este se encontra em uma estrutura topicalizada).

Passando aos casos em que o OD(SN) não se encontra em estrutura topicalizada, o que se nota, em todas as variedades, é um grande equilíbrio, se observado sob a perspectiva da lexicalização e não lexicalização do OD(SN). O que se vê, então, é que, nos casos em que não há topicalização do antecedente, existem possibilidades praticamente iguais de que o falante preencha ou não o OD(SN). Em Porto Alegre, o índice de objeto nulo é de **47%**, equilibrando-se com os **53%** de preenchimento. Índice quase igual ocorre em Recife: **48%** de objeto nulo e **52%** de objeto lexicalizado. O Rio de Janeiro se apresenta com **53%** dos casos para o objeto

nulo e **47%** para o objeto preenchido. Resultado quase idêntico ao de São Paulo: **55%** de objeto nulo e **45%** de objeto preenchido. Um empate entre as duas variantes é percebido em Salvador: **50%** para cada.

Duarte (1986), embora não faça uma análise estatística da estrutura topicalizada do objeto direto, aponta para o fato de que construções de tópico são bastante freqüentes no PB. Diz, ainda, que em função da relação de identidade existente entre o elemento sintático – no nosso caso o objeto direto –, é possível a existência de construções de tópico em todos os tipos de oração.

Feitas as observações acerca dos fatores de natureza lingüística, passa-se, agora, à observação dos fatores de natureza extralingüística.

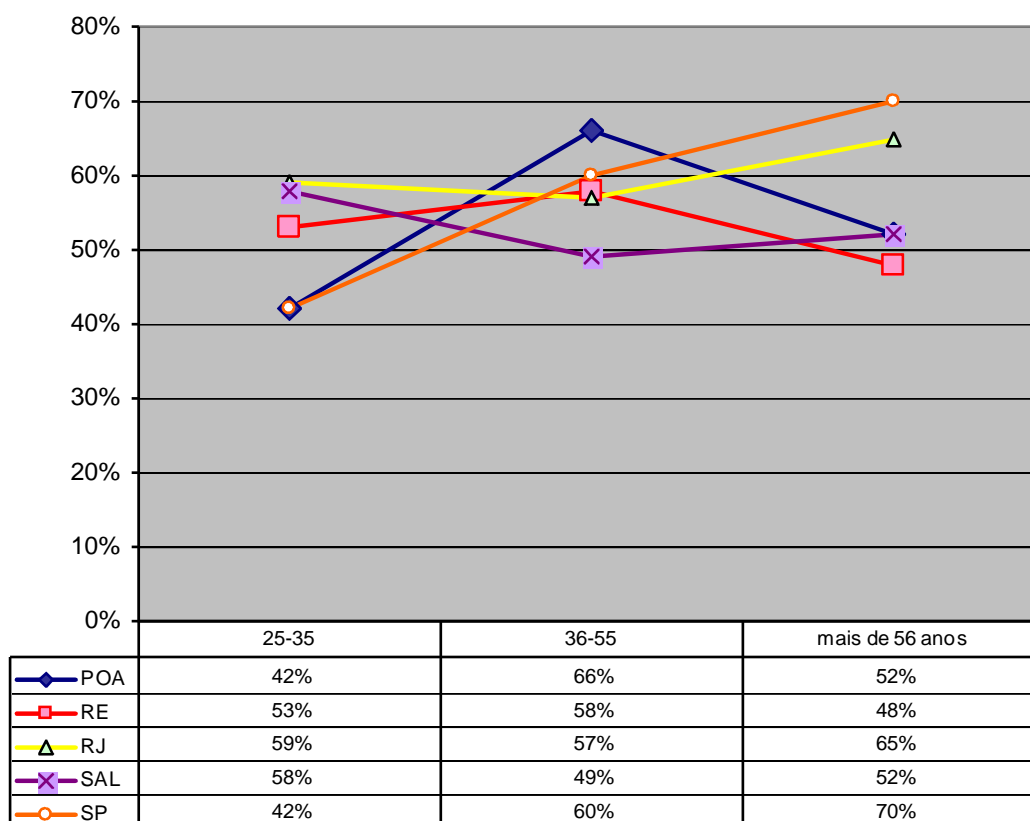
4.2.2.2 Grupos de fatores extralingüísticos

Desenvolve-se, agora, a análise a partir do cruzamento estabelecido com os grupos de fatores extralingüísticos. Foram considerados, para esses grupos de fatores, a idade e o sexo/gênero dos informantes, conforme já apresentado anteriormente.

4.2.2.2.1 Verificação dos dados em relação à faixa etária dos informantes

Estabelecido o cruzamento entre as formas variantes e **a faixa etária** dos informantes (conforme se verifica nas **tabelas 39-43** (no apêndice) e se apresenta no **gráfico 13**), verifica-se que não há um padrão de uso estabelecido entre as localidades.

Gráfico 14 – Dsitribuição do OD(SN) nulo, segundo a faixa etária dos informantes



Verificando o emprego do objeto nulo nas variedades aqui representativas do PB, Porto Alegre e Recife, apresentam uma maior freqüência no uso dessa variante entre os falantes da segunda faixa etária: **66%** na variedade porto alegreense e **58%** na recifense. No entanto, ao se observarem as outras duas faixas etárias, o comportamento observado para essas duas variedades se distingue. Seguindo a segunda faixa etária, Porto Alegre apresenta os falantes mais velhos (3ª faixa etária) com uma freqüência de **52%**. Os falantes mais jovens (1ª faixa etária) são os que menos fazem uso da categoria nula do OD(SN) na fala porto alegreense: **42%**. A variedade recifense apresenta os falantes mais jovens como os que seguem o índice apresentado pela faixa etária intermediária (2ª faixa etária): **53%**; e os mais velhos como os que menos empregam essa variante: **48%**.

Já na variedade carioca, a maior freqüência no uso do objeto nulo se verifica entre os falantes com idade mais avançada: **65%**. Entre as outras duas faixas etárias, o que se observa é um equilíbrio entre os índices percentuais: **59%** de freqüência na fala dos mais jovens e **57%** entre os falantes da 2ª faixa etária.

Esses índices confirmam os apresentados por Freire (2000)³⁶. Em seu estudo, os resultados mostram uma maior freqüência de objeto nulo entre os falantes mais velhos, observando um índice discretamente inferior na freqüência de uso feito pelos informantes da 1ª faixa etária. Em ambos os casos, a realização dessa forma variante supera os **60%**. Com um percentual bem inferior, pouco mais de **30%**, está a freqüência dessa variante no uso feito pelos falantes da faixa etária intermediária.

Apenas na variedade soteropolitana é que se verifica uma maior freqüência da variante nula do OD(SN) entre os falantes mais jovens: **58%**. Porém, isso não significa que haja uma diminuição nos índices percentuais proporcionalmente ao aumento na idade. Seguindo o índice observado para a 1ª faixa etária, tem-se a freqüência de **52%** na 3ª faixa etária e, com o menor índice, está a 2ª faixa etária, com **49%** de freqüência. Isso nos possibilita dizer que há aqui um equilíbrio, posto não ser significativa essa diferença de três pontos percentuais.

Fato curioso é encontrado nos dados de São Paulo ao se verificar que os índices percentuais vão contra uma expectativa de mudança. O que se nota é um aumento na freqüência de objeto nulo proporcionalmente ao avanço na idade. Dessa forma, o menor índice é apresentado pelos falantes mais jovens (**42%**), seguidos dos falantes da faixa etária intermediária (**60%**) e, com a maior freqüência no uso, os com idade mais avançada (**70%**).

36. O *corpus* representativo do PB que constitui o estudo de Freire (2000) foi organizado a partir de inquéritos da cidade do Rio de Janeiro, cedidos pela amostra, conhecida como *Recontato*, do projeto NURC.

Esses resultados divergem, parcialmente, dos apresentados por Duarte (1986 e 1989), que também observou a fala de informantes paulistanos – porém com níveis de escolaridade diferentes. Em seu estudo, os resultados apontam para um equilíbrio na freqüência do objeto nulo entre as faixas etárias³⁷. Na faixa etária de 22 a 33 anos, o índice na realização dessa variante é de **70,2%**, seguido dos **73,7%** apresentados pelos falantes com idade acima de 46 anos e, com maior freqüência no uso – embora não muito superior às outras faixas etárias –, encontram-se os falantes com idade entre 34 e 46 anos: **78%**.

No tocante às variantes **clítico** e **pronome lexical** (forma de prestígio vs forma estigmatizada) é possível verificar, em Porto Alegre, maior freqüência no uso da forma de prestígio entre os falantes mais velhos: **9,5%**, enquanto esse índice é de apenas **2%** entre os mais jovens. Comportamento contrário se observa com relação à forma estigmatizada: o índice de **5%** apresentado na 1ª faixa etária, apesar da pouca freqüência, supera, em dobro, os **2,5%** observados entre os mais velhos. Vale ressaltar que, para a faixa etária intermediária, não se registrou um só caso em que se desse o uso de uma das duas formas variantes. Esses resultados, de certa forma, caminham rumo ao que prevê a teoria de variação e mudança: os falantes mais velhos tendem a ser mais conservadores em relação à forma de prestígio, enquanto os mais jovens aderem com maior facilidade à forma inovadora.

Nessa mesma direção não caminham as outras variedades. Os resultados de Recife revelam que, em relação à forma de prestígio, há uma maior freqüência entre os falantes mais jovens: **9%**, seguido do índice de **6,5%** entre os falantes com idade mais avançada. Nessa variedade, são os falantes do grupo etário

37. Duarte (1986 e 1989) considera, em seus estudos, quatro grupos etários, assim divididos: jovens, de 22 a 33 anos, de 34 a 46 anos e acima de 46. Para efeito de comparação com este estudo, não serão considerados os resultados obtidos para o primeiro grupo etário, pela autora denominado **jovens**.

intermediário os que menos empregam o clítico na fala: **4%**. Assim como os mais jovens são os que apresentam maior frequência no uso do clítico, também o são em relação ao uso da forma estigmatizada (pronomes lexicais): **7%**. Entre os falantes com idade mais avançada, o índice apresentado para essa variante é de **1,5%**. Já os dados apresentados pelos falantes em idade intermediária não apontam nenhum caso em que se dê o uso do pronome lexical funcionando como objeto direto.

Passando, agora, o olhar para a variedade carioca, o que se nota, em relação à variante prestigiada, é uma semelhança nos resultados apresentados pela 1ª e pela 3ª faixas etárias: **6%** e **6,5%**, respectivamente. A faixa etária intermediária apresenta um índice bem abaixo do apresentado pelos demais grupos etários: **2%**. No tocante à forma estigmatizada, o que se observa é uma frequência muito baixa no uso dessa variante: **1%** em todos os três grupos etários.

Se comparados esses resultados aos de Freire (2000), pode-se notar uma divergência. Com relação ao uso do clítico, o autor verifica um equilíbrio no uso feito pelos falantes da 2ª e da 3ª faixas etárias, tendo um índice menor no uso apresentado pelos falantes mais jovens. Entre os informantes da 1ª faixa etária, o uso da forma estigmatizada supera o da forma de prestígio, constituindo, assim, outro ponto divergente com os dados do estudo que ora se desenvolve.

Entre os falantes soteropolitanos, os índices apresentados pelos três grupos etários apontam para um equilíbrio no uso do pronome clítico como estratégia para o preenchimento do objeto direto: **3%** entre os mais jovens e os mais velhos e **4%** entre os falantes da faixa etária intermediária. O índice na fala dos mais jovens se iguala ao apresentado, pelo mesmo grupo etário, no preenchimento do objeto com um pronome lexical.

Já na variedade paulistana, os dados não apontam para nenhuma ocorrência da forma estigmatizada³⁸. Porém, em relação à forma de prestígio, vê-se que a maior freqüência no uso está concentrada entre os falantes da 2ª faixa etária (**5%**), enquanto que a freqüência nos dados da 1ª e da 3ª faixas etárias se igualam: **1%**.

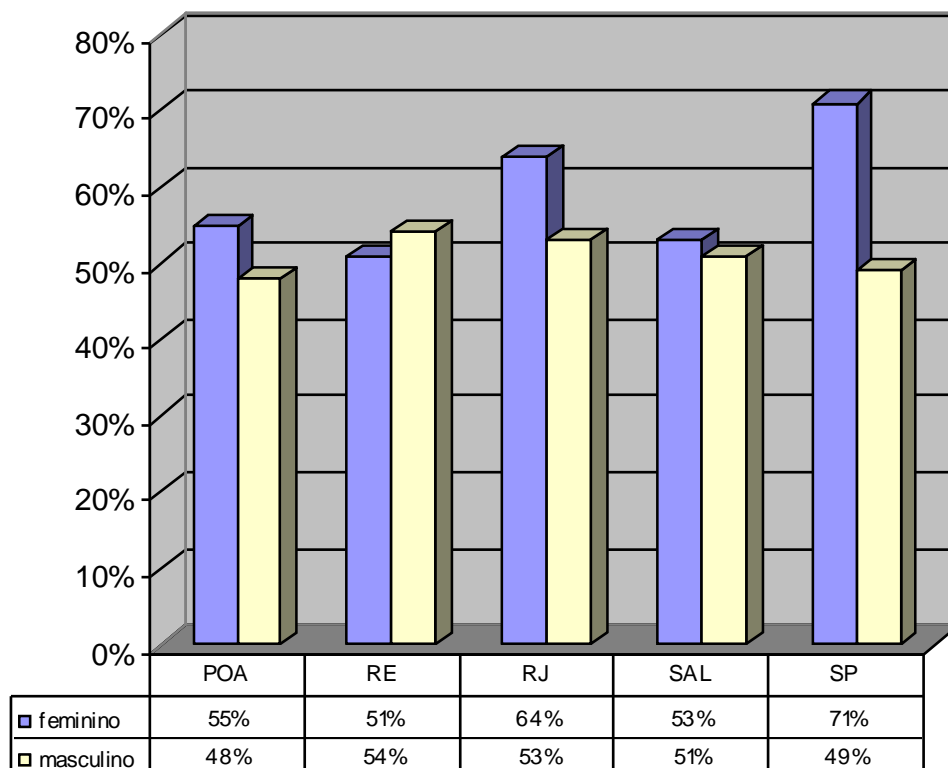
Resultado diferente apresenta Duarte (1986 e 1989), ao verificar, em todos os grupos etários (de 22 a 33 anos; de 34 a 46 anos; e acima de 46 anos), uma freqüência da variante estigmatizada bem superior à freqüência da variante de prestígio. Os índices obtidos para a forma de prestígio foram: **5,8%**, para a 1ª faixa etária; **3,4%**, para a 2ª faixa etária; e **7%** para a 3ª faixa etária. Já para a forma estigmatizada, o grupo etário mais jovem é o que apresenta maior freqüência no uso: **24%**. Entre os outros grupos etários, percebe-se um equilíbrio: os falantes da faixa etária intermediária apresentam uma freqüência de **18,6%** e os mais velhos apresentam uma freqüência de **18,4%**.

4.2.2.2 Verificação dos dados em relação à variável sexo/gênero dos informantes

Passando agora a uma investigação que considere o **sexo/gênero do informante** (conforme dados distribuídos nas **tabelas 44-48** (no apêndice)), o que se verifica, em relação à realização do objeto nulo, é um equilíbrio em quase todas as variedades. Observe-se o gráfico a seguir:

38. Ver nota 7.

Gráfico 15 - Distribuição do OD(SN) nulo, segundo o sexo/gênero do informante



Verificando a distribuição representada no gráfico acima, é possível perceber que os resultados apresentados para a variedade recifense apontam para um equilíbrio no uso feito por falantes de ambos os sexos/gêneros. O mesmo se observa entre os informantes da variedade soteropolitana: os homens apresentam um índice de **51%** dos casos e, na fala das mulheres, esse índice é de **53%**. Vê-se, também, embora haja uma inversão, se comparada uma variedade à outra, entre a maior e a menor freqüência, um equilíbrio entre as variedades.

O mesmo equilíbrio não se percebe nas demais variedades. O que se tem é o uso mais freqüente da variante nula do OD(SN) entre a mulheres, sobretudo em São Paulo. Os dados de Porto Alegre mostram que a freqüência dessa variante nos dados obtidos na fala de informantes do sexo/gênero feminino é, em **7%**, superior

aos dados obtidos em informantes masculinos: **55%** para as mulheres, contra **48%** identificados na fala masculina.

Diferença maior é percebida nos dados obtidos na fala do Rio de Janeiro. A frequência de objeto nulo é de **64%** na fala feminina, enquanto de **53%** é a frequência na fala masculina. Esses índices se mostram idênticos aos observados por Freire (2000).

A variedade paulistana é a que apresenta maior diferença entre o uso da variante nula do objeto feito por homens e mulheres. O índice, na fala feminina, é de **71%** (superando, significativamente, a soma de todas as outras variantes), distanciando-se **22%** do índice apresentado pelos dados de fala masculina: **49%**.

Esses resultados – tanto o equilíbrio entre os resultados de Recife e Salvador (em que a variante de maior frequência é o objeto nulo), quanto a maior frequência no uso feito pelas mulheres nas variedades de Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo – confirmam a implementação do objeto nulo como forma preferida (e não estigmatizada) pelos falantes do PB ao realizarem o OD(SN).

Passando a uma verificação das ocorrências de objeto pronominal (clítico vs pronome lexical), o que se tem é, em quase todos os casos, uma preferência pelo uso do clítico ao do pronome lexical, tanto nos dados de informantes do sexo/gênero masculino como de informantes do sexo/gênero feminino. Porém, não se nota um comportamento semelhante em todas as variedades.

Na fala de informantes do sexo/gênero feminino, a frequência no uso de clíticos se mostra maior em Porto Alegre e em Salvador. Na primeira variedade, o índice na fala das mulheres é de **5%**, enquanto que de **3,5%** é o índice apresentado pelos dados de informantes masculinos. Para a outra variedade, o índice na fala feminina também é de **5%**, enquanto na fala masculina esse índice é de apenas **1%**.

No caso de Recife e Rio de Janeiro, tem-se que a freqüência, tanto da forma de prestígio quanto a estigmatizada, é maior entre os homens que entre as mulheres. Recife, para a variante de prestígio, apresenta um índice de **9%** na fala masculina e de **5%** na fala feminina. Em relação à forma estigmatizada, esse índice é de **4%** entre os homens e de **2,5%** entre as mulheres.

Os índices da variedade carioca mostram, com relação à forma de prestígio, uma freqüência de **6%** no uso feito pelos homens, superando os **3,5%** apresentados pelos dados de informantes femininos. Já em relação à forma estigmatizada, os dados obtidos para informantes do sexo/gênero feminino não acusam uma só ocorrência da forma estigmatizada, enquanto que, entre os dados de informantes masculinos, tem-se uma freqüência de **3%**. Os dados da variedade paulistana apontam apenas para a realização da forma de prestígio, uma vez que não se tem nenhuma ocorrência, nos dados levantados para este estudo, da forma estigmatizada. Entre os homens, o índice no uso é de **2%**, superando, apesar da baixa freqüência, o **1%** observado na fala feminina.

Esses resultados, assim, analisadas as variedades em separado, induzir-nos-iam a pensar que, da mesma forma que mostram (à exceção de Salvador) serem os homens os que mais conservam a forma de prestígio (contrariando assim a perspectiva de mudança lingüística), apontam também para o fato de que são eles os que mais fazem uso da forma estigmatizada (convergindo com a perspectiva de mudança lingüística). No entanto, não se deve perder de vista que as diferenças percentuais são bastante pequenas, não se constituindo, dessa forma, significativas para justificar a interpretação de um comportamento lingüístico diferente entre homens e mulheres.

5 CONCLUSÕES

Amparado pelo arcabouço teórico-metodológico da Sociolingüística Variacionista, o estudo que aqui se conclui propôs-se a investigar a realização do objeto direto, enfocando as três pessoas gramaticais, na variedade culta do PB, aqui representado pela amostra do Projeto NURC. Feita a análise das ocorrências, lançando mão, constantemente, de nossas hipóteses de trabalho, verificamos que elas não foram totalmente comprovadas.

Inicialmente, esperava-se que, nos casos de 1ª e 2ª pessoas, fosse encontrado um quadro variável, em que outras formas de realização do objeto direto, que não o clítico, estivessem em concorrência com a estratégia canonizada pela concepção tradicional. No entanto, o que se verificou – reforçando os resultados de Dalto (2002) – foi que nessas pessoas, dado seu caráter dêitico e pelo fato de sua referenciação ocorrer no nível pragmático, a expressão nula do objeto, bem como o uso de sintagmas nominais, não se mostraram produtivos.

Porém, alguns fatos aguçaram nossa curiosidade, trazendo-nos, ao invés de respostas a nossos questionamentos, motivos para pensarmos em uma investigação mais acurada. Primeiramente, apesar dos poucos casos em que se verificou a expressão nula do objeto na 1ª pessoa do singular, a estrutura sintática (grupo de fatores lingüísticos considerado) que se mostrou significativa à sua realização foi a simples, visto que se verificou uma freqüência de **62,5%** de objeto nulo nesse contexto, ao passo que em contexto em que se faz presente a estrutura complexa, essa freqüência é de apenas **37,5%**. Ajuda-nos, ainda, a pensar que o objeto nulo começa a avançar para a referida pessoa gramatical quando observamos os fatores extralingüísticos. A freqüência dessa variante é maior entre

falantes mais jovens, reduzindo-se na medida em que se avança na idade. Também se tem uma maior frequência entre as mulheres, fato que nos leva a acreditar que a forma nula do objeto não é vista como estigmatizada socialmente.

No entanto, isso se coloca como hipóteses, pois o baixo número de ocorrências não nos assegura afirmar que se tenha uma mudança em curso.

Outro aspecto que nos chamou a atenção, apesar da resistência do clítico de primeira pessoa do singular (**me**) à mudança, foi o do surgimento de um quadro extremamente significativo à implementação do pronome tônico **eu** funcionando como objeto: a estrutura complexa **deixe(a) + eu + infinitivo**. Tal estrutura carece de mais atenção, e por que não dizer de uma investigação mais cuidadosa, pois os casos em que se dá a realização do objeto direto pelo pronome tônico **eu** (e alguns casos de objeto nulo em co-referência à 1ª pessoa do singular) ocorrem nesse contexto.

No tocante à 1ª pessoa do plural, não foi encontrado sequer um caso em que o pronome tônico **nós** assumisse função de objeto direto, sendo, dessa forma, as formas selecionadas pelos falantes para assumir essa função o clítico **nos** (preferido pela GT) e a forma tônica inovadora **a gente**. Dentre essas formas, a predominância é da forma canonizada pela concepção tradicional (apresentando uma frequência de **78%**), divergindo, de certa forma, dos resultados apontados por Dalto (2002), em que se percebe um equilíbrio na ocorrência de ambas as formas: **56%** de frequência da forma **nos** e **44%** para a forma inovadora.

Para a realização do objeto direto em segunda pessoa (singular e/ou plural), pôde-se constatar um quadro um pouco mais variável. Assumindo essa função sintática, foram encontradas as formas **te** (canonizada pela GT), **lhe**, **você** e **a senhora**. Esse fato nos mostra que a forma representativa da segunda pessoa do

plural **vos** já se encontra totalmente em desuso no PB – como bem mostra o percurso dessa mudança o estudo de Menon (no prelo).

Merece, também, destacar o uso da forma clítica **lhe** em situações em que, segundo apregoa a GT, deveria ser empregada a forma **o/a**. Isso contribui para sustentar a hipótese de que o sistema pronominal do PB busca a sua homogeneização, em que os clíticos passariam a assumir uma dupla função sintática: a de objeto direto e de objeto indireto (como ocorre com as formas **me** e **te**, por exemplo); como também a hipótese – já apontada em outras pesquisas – da perda dos clíticos **o/a** no PB.

Passando agora aos casos em que se teve a realização do objeto direto de 3ª pessoa, a análise desenvolveu-se, isolando, de um lado, os casos em que o antecedente era de natureza oracional (**OD(or)**), e, de outro, os que tinha como antecedente um sintagma nominal (**OD(SN)**), seguindo o proposto por Matos (2005).

Verificando os resultados gerais, o que se percebeu, já de imediato, em relação ao OD(or), foi que os índices de objeto nulo verificados nesta pesquisa estão consideravelmente abaixo dos que outros estudos verificaram, como os Duarte (1986 e 1989), Cyrino (1997) e Matos (2005). Apesar disso, é a variante que se mostrou mais produtiva em nosso *corpus*. Também se verificou maior freqüência da expressão nula do objeto direto, quando este tem um antecedente SN, embora, nesse caso, haja um maior equilíbrio entre formas nulas e lexicalizadas do que se observa para a outra variável – OD(or).

Nos casos em que se tem o OD(or), a variante concorrente da expressão nula do objeto, em todas as variedades, é o pronome demonstrativo. Os índices aqui apresentados para a realização dessa variante distanciam-se, em nossa pesquisa, dos apresentados em Freire (2000), que também pesquisou a fala de informantes

escolarizados. Em sua investigação, o pesquisador verifica um equilíbrio entre a expressão nula do objeto e a realização por um pronome demonstrativo. Merece atenção o fato de que, tendo Freire (2000) constituído seu *corpus* representativo do PB a partir da fala carioca, em nossa pesquisa essa variedade foi a que apresentou o menor índice no tocante à realização do OD(or) por um pronome demonstrativo. Talvez essa diferença seja explicada em função do lapso temporal que separa os *corpora* dos dois estudos (a amostra a partir da qual nosso *corpus* se estruturou é da década de 1970, enquanto que o *corpus* de Freire (2000) foi estruturado a partir de uma amostra organizada na década de 1990). No entanto, ao verificarmos o cruzamento feito em nossa pesquisa entre a variante pronome demonstrativo (com antecedente oracional) e a faixa etária dos informantes, não se encontrou uma só ocorrência dessa estratégia de realização entre falantes da 1ª faixa etária, estando o índice mais alto na fala de informantes da faixa etária intermediária (36%). Esse fato, possivelmente, coloca em questionamento nossa hipótese, significando ser necessário um olhar mais minucioso sobre esse fenômeno.

Ao contrário dos casos em que se tem um OD(or), a variante pronome demonstrativo não se mostrou tão produtiva sendo o antecedente do objeto um SN. Esse fato vai ao encontro do que observou Matos (2005) na fala de informantes com pouca ou nenhuma escolaridade, permitindo-nos, então, pensar que o grau de escolaridade não se mostra, nesse caso, influente nas escolhas dos falantes. Apresentou-se, então, como forma concorrente da forma nula do objeto, o uso de um sintagma anafórico pleno.

Diferentemente do que Matos (2005) observou, em nossa investigação foi verificada uma outra estratégia utilizada pelos falantes na realização do OD(or): o uso de um sintagma anafórico (ora pleno, ora com determinante modificado, ora

totalmente modificado), cuja análise, dada a baixa freqüência, foi desenvolvida a partir de uma fusão entre as três possibilidades de sintagmas anafóricos. Essa nova estratégia verificada em nossa pesquisa talvez se faça presente motivada pelo grau de escolaridade dos falantes, por se tratar de construções sintaticamente mais complexas que a expressão nula ou o uso do pronome demonstrativo, exigindo do falante um maior grau de elaboração.

Confirmando os resultados apresentados em Duarte (1986 e 1989), Freire (2000) e Matos (2005), também não se verificou em nossa investigação sequer um caso em que se desse a realização do OD(or) por um pronome clítico ou por um pronome lexical, reforçando a hipótese de que essa variável se constitui em um contexto que bloqueia a realização dessas variantes.

Uma freqüência bastante baixa de pronome clítico na lexicalização do OD também foi verificada, na fala de informantes considerados cultos, em contexto em que o antecedente do objeto direto é um SN. Isso contribui para a sustentação da hipótese de que os clíticos de 3ª pessoa estão sendo extintos do PB, em se tratando do processo de aquisição natural da língua (OMENA, 1978; DUARTE, 1986 e 1989; FREIRE, 2000). Apesar do baixo índice, sua freqüência encontra-se superior à do pronome lexical, fato influenciado, possivelmente, pelo grau de escolaridade dos falantes, visto que nem Silva (2004), nem Matos (2005) (pesquisas que consideraram a fala de informantes com pouca ou nenhuma escolaridade) verificaram um só caso em que se utilizasse o pronome clítico como estratégia de realização do OD.

Após o desenvolvimento dos cruzamentos entre os grupos de fatores (lingüísticos e extralingüísticos) e as formas variantes, percebeu-se que, em se tratando da natureza semântica do antecedente (grupo considerado apenas para os

casos de OD(SN)) nossos resultados confirmam, parcialmente, os obtidos por Duarte (1986 e 1989) e Cyrino (1997 e 1999).

Tendo um antecedente com o traço **[-animado]**, a exemplo de outros estudos, foi favorecida a realização da expressão nula do objeto. À exceção de São Paulo, em que a freqüência de objeto nulo tendo o antecedente o traço **[+animado]** foi superior aos casos em que o antecedente é **[-animado]** (convergindo com os resultados apontados em Matos (2005)), todas as demais variedades confirmaram esse fato. No entanto, em Recife verificou-se um equilíbrio: **49%** dos casos em que se tem um antecedente **[+animado]** e **54%** em se tratando de antecedente **[-animado]**.

Quanto ao objeto nulo com antecedente **[+animado]**, chamou-nos a atenção o fato de os resultados aqui obtidos superarem significativamente os apontados por Cyrino (1997 e 1999). Ressalta-se, contudo, que o *corpus* organizado em Cyrino (1997) tomou por base textos escritos, apesar de seu caráter popular. Isso nos leva a pensar que as distinções quanto à natureza semântica do antecedente não se mostram mais tão determinantes para a expressão nula do OD(SN). Esses resultados também indicam que a estratégia de realização do OD como objeto nulo já se encontra totalmente implementada no PB.

Podemos, a partir disso, sistematizar o percurso que o objeto nulo seguiu até que sua implementação fosse completada: **OD com antecedente oracional > OD(SN) com antecedente [-animado] > OD(SN) com antecedente [+animado]**.

Confirmando os resultados de Duarte (1986 e 1989), de Freire (2000) e de Matos (2005), está o fato de que, também em nossa investigação, o traço **[-animado]** do antecedente se constitui em contexto que bloqueia a lexicalização do objeto, sendo, então, o contexto em que se tem um antecedente com o traço

[+animado] favorável ao preenchimento, principalmente no que se refere ao uso do pronome clítico e do pronome lexical, dado que os índices observados para essas variantes superam significativamente, apesar da baixa incidência, os dos resultados gerais.

No tocante à estrutura sintática projetada, ao se cruzar com as formas variantes do OD(or), verificou-se uma grande semelhança nos índices de freqüência da expressão nula do objeto apresentados pelas cinco capitais, em se tratando de uma estrutura simples. No entanto, esse equilíbrio não se mantém quando se compara o uso das formas variantes. O que se nota é um equilíbrio na realização do OD(or) nulo entre Porto Alegre e Rio de Janeiro: sua freqüência supera, significativamente, os índices apresentados para o preenchimento do objeto. Já para as demais variedades, ao se verificar a freqüência da expressão nula do OD(or), o que se percebeu foi que a estrutura sintática simples não se mostrou como fator significativo para a lexicalização ou não do objeto direto, dado que há um equilíbrio entre as duas possibilidades de realização.

Esses resultados divergem, parcialmente, dos de Duarte (1986 e 1989) e dos de Matos (2005), porém aproximam-se aos de Freire (2000).

Para os casos em que se teve projetada uma estrutura sintática complexa, percebeu-se que a variante **sintagma anafórico** não se mostrou tão produtiva, pois apenas na variedade carioca pudemos encontrar a realização dessa variante com índice bastante significativo (**40%**). Nas demais variedades, nenhuma ocorrência dessa variante foi verificada.

Na verdade, a forma nula do objeto também se mostrou, em estruturas complexas, como a preferida pelos falantes, confirmando os resultados apresentados em Duarte (1986 e 1989), Freire (2000) e Matos (2005). Apenas nos

dados de Salvador foi verificado um equilíbrio entre a expressão nula do OD(or) e sua realização por um pronome demonstrativo: **50%** para cada variante.

Já para os casos de OD(SN), estabelecido o cruzamento com o tipo de estrutura sintática projetada, percebeu-se que a variante **objeto nulo** foi a mais freqüente em quase todos os tipos de estrutura (à exceção da estrutura sintática **OD(SN)+Oração (infinitiva ou gerundiva)**, por não se mostrar produtiva). Observou-se uma semelhança na freqüência dessa variante nas três estruturas sintáticas, nas variedades de Porto Alegre, Recife e Salvador. Já para os casos do Rio de Janeiro e de São Paulo, não se notou o mesmo equilíbrio. Na fala carioca, foi na estrutura sintática do tipo OD(SN)+Predicativo que a variante nula do objeto se mostrou mais produtiva, enquanto que, na fala paulistana, entre as estruturas sintáticas complexas (**OD(SN)+Predicativo** e **OD(SN)+OI(SN)**), houve um equilíbrio na realização do objeto nulo, superando os casos verificados em estrutura simples.

Vale lembrar que os resultados verificados quando se teve projetada uma estrutura sintática simples assemelham-se aos observados nos resultados gerais. Já no que tange à estrutura sintática complexa, apenas os resultados de Porto Alegre, Recife e Salvador se mostraram próximos aos resultados gerais do OD(SN) nulo. Vê-se, então, que, seja para a estrutura sintática simples, seja para a estrutura sintática complexa, nas três variedades citadas, o tipo de estrutura sintática projetado não se mostra significativo para a realização do objeto nulo. Porém, para Rio de Janeiro e São Paulo, a projeção de uma estrutura sintática complexa se mostrou relevante para a realização da expressão nula do objeto direto.

Para a lexicalização do OD(SN), pôde-se perceber que, sendo projetada uma estrutura sintática simples, a forma concorrente do objeto nulo é o sintagma anafórico pleno, seguido do sintagma anafórico com determinante modificado,

havendo um equilíbrio nas freqüências das duas formas variantes nas variedades recifense e soteropolitana. Já em Porto Alegre, Recife e Salvador, a projeção de uma estrutura sintática complexa mostrou-se como contexto favorável à realização do pronome demonstrativo.

Em relação ao uso do clítico, a estrutura do tipo OD(SN)+OI(SN) favorece o uso dessa variante em Porto Alegre e Recife, uma vez que os maiores índices foram percebidos nesse contexto.

Dentre os grupos de fatores lingüísticos considerados, a topicalização do antecedente foi o que se mostrou mais favorável à realização da expressão nula do objeto direto, confirmando a hipótese de que esse contexto favoreceria a realização do objeto nulo.

Os resultados apresentados em todas as variedades são bastante superiores aos dos resultados gerais. Enquanto nos resultados gerais a freqüência de OD(SN) nulo ficou entre **52%** e **60%**, estando seu antecedente topicalizado, a freqüência variou entre **79%** e **94%**. No entanto, esse índice não chega a ser categórico em nenhuma variedade, mostrando que também ocorre, embora com freqüência ainda baixa, a lexicalização do OD(SN) nesse tipo de estrutura.

Não estando topicalizado o antecedente do OD(SN), a opção pelo preenchimento ou não do objeto é indiferente para os falantes de todas as variedades.

No caso do OD(or), verificou-se que a não topicalização é quase categórica. Apesar dos poucos casos observados, quando o OD(or) se encontra topicalizado, a variante nula é a preferida pelos falantes. Já no caso de sua não topicalização, os índices se assemelham aos gerais, assim como aos obtidos com o cruzamento das variantes com a estrutura sintática simples.

No que diz respeito aos grupos de fatores extralingüísticos, a variável faixa etária dos informantes não apresentou um comportamento semelhante entre as variedades estudadas, independentemente de se tratar de um OD(or) ou de um OD(SN).

Em relação à expressão nula do OD(or), percebeu-se que, em Porto Alegre e em Recife, os índices se organizaram dentro do que propõe a perspectiva de variação e mudança lingüística (modelo teórico-metodológico norteador de nossa investigação): uma maior freqüência na fala dos mais jovens, diminuindo proporcionalmente ao avanço na idade dos informantes. No entanto, as outras variedades não apresentaram comportamento semelhante.

Também não se observou um padrão entre as variedades, no caso do OD(SN). Em Porto Alegre e Recife, a maior freqüência do OD(SN) nulo se dá entre os informantes da faixa etária intermediária. Já em Salvador, o maior índice observado foi entre os mais jovens; no entanto, a hierarquia não seguiu o que concebe a teoria de variação e mudança lingüística, visto que é entre os mais velhos que se tem o segundo maior índice de ocorrência nessa variedade. Rio de Janeiro e São Paulo apresentaram maior freqüência na fala de informantes da 3ª faixa etária. Contudo, fato curioso ocorreu na variedade paulistana, uma vez que se mostrou um comportamento contrário ao que prevê o postulado teórico-metodológico da Sociolingüística Variacionista: seguindo os mais velhos, estão os falantes da faixa etária intermediária e, com a menor freqüência, os falantes mais jovens.

Apesar de não se perceber uma distribuição em que a mesma hierarquia fosse seguida por todas as variedades, quando comparada a freqüência aos resultados gerais, o que se tem, na maioria dos casos, é um equilíbrio, confirmando,

assim, a implementação da expressão nula do objeto direto, independentemente da faixa etária do falante.

O grupo de fatores faixa etária se mostrou, porém, significativo para a realização do OD(SN) por meio de um pronome (clítico ou lexical) na variedade porto alegreense. Nessa variedade, entre os mais jovens percebeu-se um índice maior no uso de pronome lexical e menor no uso de pronome clítico, sendo esse quadro invertido em relação à fala dos mais velhos. O mesmo comportamento não foi percebido na outras variedades.

Salientam-se, ainda, dois outros aspectos merecedores, talvez, de maior atenção futura: primeiramente o fato de se ter, na variedade carioca, como concorrente da expressão nula do OD(or) a variante sintagma anafórico, enquanto que nas demais variedades a forma que concorre com o objeto nulo geralmente é um pronome demonstrativo. Outro aspecto merecedor de atenção diz respeito à maior ocorrência da variante pronome demonstrativo entre falantes soteropolitanos da 2ª faixa etária (**70%**) e entre falantes paulistanos da 3ª faixa etária (**42%**), superando o índice percentual de objeto nulo.

Observando agora o grupo de fatores sexo/gênero dos informantes, a exemplo do que ocorre em relação à faixa etária, o que se verificou, em relação à expressão nula do objeto, foi uma desigualdade entre os índices obtidos para cada capital estudada, quando o objeto direto tem como antecedente uma oração; porém, pôde-se perceber um equilíbrio em se tratando dos casos em que o antecedente é um sintagma nominal.

Sendo o antecedente uma oração, Porto Alegre apresentou um equilíbrio na frequência, sendo o índice da fala masculina pouco superior ao da fala feminina. Recife, Rio de Janeiro e Salvador apresentaram uma frequência maior na fala de

informantes femininos. Em São Paulo, o que se constatou foi uma inversão nesse quadro: a frequência de objeto nulo é significativamente superior entre os homens, permitindo-nos supor que, para essa variedade, a expressão nula do objeto ainda não teve sua implementação concluída. No entanto, os resultados apresentados pelas demais variedades permitem-nos sustentar a hipótese de que o objeto nulo de fato já se implementou no PB, sendo aceito como possibilidade de realização sintática na variedade lingüística de prestígio.

Tendo um antecedente SN, os resultados de Porto Alegre, Recife e Salvador mostraram que a seleção pela forma nula do OD(SN) atinge índices muito próximos ao ponto neutro, tanto para os homens como para as mulheres, equilibrando-se com os resultados gerais. Já na fala carioca, embora para os falantes de ambos os sexos/gêneros tenham apresentado índices superiores a **50%**, é na fala feminina que se atinge o maior índice (**64%**), que, porém, não se distancia tanto dos **60%** apresentados nos resultados gerais. Na fala paulistana, também a frequência entre as mulheres (**71%**) é superior à observada na fala dos homens (**49%**), mas, ao contrário do que se verificou no Rio de Janeiro, esse índice supera significativamente os **57%** apontados pelos resultados gerais.

É possível dizer, então, que apenas para a variedade paulistana o grupo de fatores sexo/gênero dos informantes se mostrou relevante para a seleção da expressão nula do OD(SN). Esses fatores também não se mostraram significativos para a seleção do uso do clítico, pois, tanto na fala dos homens como na das mulheres, o pronome clítico é a forma preferida, se comparada ao uso do pronome lexical.

O quadro acima delineado não nos permite, ainda, dizer com segurança que haja no sistema lingüístico do PB, considerando o fenômeno sintático aqui

estudado, um comportamento idêntico entre suas variedades, como também não nos assegura afirmar que os fatos percebidos na fala de informantes cultos sejam compreendidos como uma extensão do que se observa na fala de informantes menos escolarizados. Contudo, permite-nos pensar que, como aponta Castilho (1992, p. 265), “no Brasil é mais adequado reconhecer que não há muita distância entre a fala culta e a não-escolarizada”.

6 REFERÊNCIAS

AVERBUG, M. C. G. *Objeto direto anafórico e sujeito pronominal na escrita de estudantes*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

_____. *Lições de português pela análise sintática*. 16 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. In: _____. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. 4 ed. Campinas: Pontes, 1995. Tradução de: Problèmes de Linguistique Générale.

BERLINCK, R. A. *A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia*. Dissertação de Mestrado, Campinas: UNICAMP, 1988.

_____. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. A expressão do complemento dativo anafórico no português brasileiro: o papel de um fator discursivo. *Estudos lingüísticos*. São Paulo: 2000, v. 29.

CAMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. Ele como acusativo no português do Brasil. In: _____. *Dispersos de J. Mattoso Camara Jr.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CASTILHO, A. T. O português no Brasil. In: ILARI, R. *Lingüística românica*. São Paulo: Ática, 1992.

CEDAE / IEL / UNICAMP. *Projeto norma urbana culta – Recife: diálogos entre informante e documentador*. (mimeo).

CEDERGREN, H.; SANKOFF, D. *Variable rules: performance as a statistical reflection of competence*. *Language*, 1974.

COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. 7 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CYRINO, S. M. L.. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

_____. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Editora da UEL, 1997.

_____. Elementos nulos pós-verbais no português brasileiro oral contemporâneo. In: NEVES, M. H. M. *Gramática do português falado: novos estudos*. Campinas: Ed. Unicamp, 1999, v. VII.

DALTO, C. D. L. *Estudo sociolingüístico dos pronomes-objeto de primeira e segunda pessoas nas três capitais do Sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Curitiba: UFPR, 2002.

DUARTE, M. E. L. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1986.

_____. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

FARACO, C. A. O tratamento de você em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, n 13, 1996.

GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

_____. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

FREIRE, G. C. *Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

HILGERT, J. G. (org.) *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: materiais para seu estudo*. Vol 1 – Diálogos entre informante e documentador. Passo Fundo: EDIUPF / Porto Alegre: EDUFRGS, 1997.

LABOV, W.. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (org.). *Perspectives on historical linguistics*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982.

_____. *Modelos sociolingüísticos*. Tradução: José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983. Tradução de: Sociolinguistic patterns.

_____. *Principles of linguistic change*. Vol. 1: Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.

LAWRENCE, H.; TOBINSON, J. S.; TAGLIAMONTE, S. *Goldvarb 2001. A multivariate analysis application for Windows*. Julho de 2001. Inédito.

LOPES, C. R. S. O percurso de *a gente* em tempo real de longa duração. In: MATTOS E SILVA, R. V. (org.). *Para a história do português brasileiro: primeiros estudos*. Tomo I, vol. II. São Paulo: Humanistas, 2001, p. 127-148.

LUCHESE, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da lingüística moderna*. São Paulo: Parábola, 2004.

MATOS, M. Z. M. S. *A expressão do objeto direto anafórico nos falares urbanos itabienses*. Dissertação de Mestrado, Araraquara: UNESP, 2005.

MATTOS E SILVA, R. V. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa. In: ALKMIM, T. M. (org.). *Para a história do português brasileiro: novos estudos*. São Paulo: Humanitas, 2002, v. 3.

_____. De fontes sócio-históricas para a histórica social lingüística do Brasil: em busca de indícios. In: _____. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1918.

MELLO, H. R. Português padrão, português não-padrão e a hipótese do contato lingüístico. In: ALKMIM, T. M. (org.). *Para a história do português brasileiro: novos estudos*. São Paulo: Humanitas, 2002, v. 3.

MENON, O. P. S. Aspectos do sistema pronominal no português falado na região sul. Mesa-Redonda sobre "Aspectos do sistema pronominal relevantes para o ensino básico". *Letras & Lingüística: Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*, 1996.

_____. A história de você. In: GUEDES, M.; BELINCK, R. A.; MURAKAWA, C. A. A. (org.). *Teoria e análise lingüísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP. (Série Trilhas Lingüísticas, 8) (no prelo)

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: _____. BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

- MOTA, J.; ROLLEMBERG, V. (org.). *A linguagem falada culta na cidade de Salvador: materiais para seu estudo*. V. 1: Diálogos entre informante e documentador. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1994.
- OMENA, N. P. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: PUC, 1978.
- _____. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. de; SCHERRE, M. M. P. (org.). *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- _____; BRAGA, M. L. *A gente está se gramaticalizando?* In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (org.). *Variação e mudança*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- PAREDES E SILVA, V. L. *Variação e funcionalidade no uso de pronomes de 2ª pessoa do singular do português carioca*. In: *Revista de estudos da linguagem*, vol. 7, nº 2, Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- PRETI, D. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- _____; URBANO, H. (org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. Vol. 3 – Entrevistas (Diálogos entre informante e documentador). São Paulo: T. A. Queiroz Editor/FAPESP, 1988.
- PROJETO norma urbana culta – RJ: diálogos entre informante e documentador. Disponível em <<http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>>. Acesso em: 15 jan. 2005, 13:27.
- ROBERTS, I.; KATO, M. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 38 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24 ed. São Paulo: Cultrix, 2002. Tradução de: Cours de linguistique générale.
- SILVA, M. C. V. F. *O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Salvador: UFBA, 2004.
- SILVA NETO, S. *História da língua portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- TARALLO, F. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

_____. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

_____. *A pesquisa sociolingüística*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In.: LEHMAN, W. & MALKIEL, Y. (org.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

APÊNDICE A – Dados de 1ª e 2ª pessoas levantados nos inquéritos de Porto Alegre

1. e outras novelas que tu já tenhas visto e que tenham **te** impressionado?
2. *Doc.* – alguma vez tu já apareceste na televisão? *Inf.* – eu acho que já em baile assim de **me** focarem
3. eles **me** focaram bastante
4. o carnaval do ano passado **me** focaram também
5. tem gente que vai pra frente das câmaras e fica por ali né e eu não eu estava long/ longe nem nem dei bola e **me** focaram diversas vezes
6. existem determinados tipos de trabalho por exemplo o o a inclusive aquele senhor que estava aqui agora aquele professor que antecedeu **vocês**
7. e isso **me** deixa tranqüilo até duas e meia três horas da tarde
8. antes de saber nadar depois então meu pai resolveu botar um professor primeira vez foi ele que quis **me** ensinar a nadar
9. me lembro que me amarrou uma corda **me** deixou frouxa
10. e quase quase **me** afogou digo “aí também não quis mais”
11. há outras coisas também impressionantes e encantadoras a começar pelas Cataratas do Iguaçu foi uma viagem que **me** impressionou muito
12. quando era criança por várias vezes meu pai **me** levava ali na Praça da Alfândega
13. o que **me** atrai mesmo é a biblioteconomia
14. fui cada vez me empolgando mais com a possibilidade com o trabalho que se pode fazer de atendimento de auxílio é de oferecer inclusive oportunidade de orientação às pessoas que **nos** procuram
15. um dia desses num laboratório Geyer uma moça que **me** atendeu
16. quando a senhora vai ao banco quem **lhe** atende?
17. aí **nos** deixava muito constrangidos
18. eu fiz excelentes relações inclusive com o Padre então **nos** convidou para uma missa festiva

19. e todos de pé bateram palmas todos de pé ele pediu todos de pé depois do que eu acabava de dizer ele pediu que todos de pé **me** saudassem com uma salva de palmas
20. trouxe viagem de Bom Jesus e tal não **lhe** atrapalhou um pouquinho a minha resposta?
21. não está amplamente respondida mais do que bem respondida e das igrejas que o senhor conhece qual a que mais **lhe** impressionou?
22. a que mais **me** impressionou pela sua riqueza estonteante foi na Bahia
23. igrejas têm **me** impressionado diversas igrejas tanto no Rio Grande do Sul como fora daqui
24. a de Pampulha em Minas pela sua arquitetura completamente aliás há anos que eu vi hoje o Brasil tem uma porção destas mas eu nunca tinha uma igreja com aquele estilo completamente funcional em Pampulha quer dizer impressionou // [me] vivamente porque eu estava me aproximando e não imaginava que ali fosse uma igreja

APÊNDICE B – Dados de 1ª e 2ª pessoas levantados nos inquéritos de Recife

1. you já pensou tanto naquele problema já refletiu tanto a cerca dele mas você não conseguiu encontrar solução pra ele e você tem amigo que é coisa difícil mas quando você encontra começa a conversar com o cara e ele realmente vai ajudar //
2. você já pensou tanto naquele problema já refletiu tanto a cerca dele mas você não conseguiu encontrar solução pra ele e você tem amigo que é coisa difícil mas quando você encontra começa a conversar com o cara e ele realmente vai ajudar ou conversar com você **he** aconselhar a cerca do que aquilo se fosse com ele às vezes você reco resolve o problema
3. todo mundo antigamente tinha uma idéia que um padre que um pastor era uma pessoa que vinha que **te** aconselhava
4. pouca coisa daquilo que ele tá falando vai **he** levar a alguma coisa entende?
5. quem **he** cerca parece que procura conturbar mais aquela situação que você tá vivendo
6. quem **he** cerca parece que procura conturbar mais aquela situação que você tá vivendo então você não tem sossego realmente aquilo vai o quê? **he** leva a você se apavorar
7. então você está no ambiente tranquilo já melhor muito então isso vai depende do que a pessoa venha a **he** dizer pode condicionar **you**
8. além da utilidade de servir a gente homem como dentro de casa **nos** proteger eles também servem pra se se prestam pra pesquisa
9. as pessoas têm de cão de ra/ de gato e de jeito nenhum eles não fazem mal algum bom espera aí deixa **eu** ver mais
10. bom deixa **eu** ver o que é que tem mais de peixe
11. se eu poderia descrever? bom deixa **eu** ver
12. lá tem tigre lá tem deixe **eu** ver o que mais
13. eles se comunicam com tanta facilidade parece até que entendem **a gente** né?
14. deixe **eu** ver que eu que eu conheço
15. todo animal como todo mundo gosta de carinho ta entendendo? e se você procurar ser amiga dele procurar ser/ cativar ele procurar ser carinhosa eles não **he** maltratam nunca

16. tem a muriçoca que serve pra quer dizer serve pra nada ela serve pra fazer mal a gente ta entendendo? ela além de morder // ela ainda transmite uma doença
17. de vez em quando ta aí passando o pesso/ pelo a rua o pessoal pra fazer exame e a gente deve exatamente se propor a fazer porque eles estão nada mais do que nada menos de querendo com/ éh **nos** defender né?
18. tem inseto que chega e só nos faz bem é a abelha quando não morde //
19. o sapo no nosso jardim serve exatamente pra **nos** defender dos gafanhotos
20. bom deixa **eu** ver mais o que é que tem
21. são meio ariscos só com o dono mesmo é que se ele se acostuma bastante mas gosta de dar umas bicadas de vez em quando né? mor morde **a gente** com o bico
22. deixa **eu** ver mais menina como eu já falei de animal incrível
23. deixa **eu** ver mais que é que eu posso dizer
24. de sujeita por aí tem muita deixe **eu** ver
25. eu aproveito essa oportunidade desculpe // [me] mas eu tenho que aproveitar pra denunciar
26. eu estou aqui diante de você I. então eu na sua frente eu considero **você** uma pessoa muito sensata muito inteligente muito amiga simpática muito bonita
27. eu então na sua frente eu me despeço de você eu abraço **você** mas esse abraço é abraço é de tamanduá
28. eu então na sua frente eu me despeço de você eu abraço você mas esse abraço é abraço é de tamanduá porque não é nada sincero eu saio daqui e vou então pelas suas costas detrata **você**
29. naquela altura dos acontecimentos quando nó nós éramos jovens que **nos** orientou nos fez ver a necessidade de abraçar a profissão liberal
30. naquela altura dos acontecimentos quando nó nós éramos jovens que nos orientou **nos** fez ver a necessidade de abraçar a profissão liberal
31. no Japão encantou-**me** o trem de aço
32. o Zepelin é um dirigível um um um um colosso esse éh **me** seduziu mais a visita do que o Jaú
33. uma vez **me** levaram me São Paulo para uma uma fábrica pra dentro de uma estufa

34. nós somos por temperamento suave porque o clima é suave é um povo pacífico porque tudo em volta é pacífico temos muito espaço pra **nos** messer mexer
35. o professor G.O. foi estudar umas pedras lá em Rocas e a maré estava baixa e ele não sabia que ela s cresce com muito rapidez éh volta com muita rapidez e quase o pessoal poderia ter se afogado ou passado uma situação difícil se você fica num lugar que a maré **lhe** isole então à medida que ela vai subindo a gente vai recuando para a praia

APÊNDICE C – Dados de 1ª e 2ª pessoas levantados nos inquéritos do Rio de Janeiro

1. você sai da fazenda pra ficar supervisionando então essas coisas assim que absolutamente não **te** afetam muito
2. são pra mesa tem pra cama aquela que você bota e no dia seguinte a empregada **te** olha assim com uma cara de que você é assim a própria megera
3. as corridas de cavalo que são coisas também que não **me** não me seduzem muito
4. eu procuro comer coisas que eu gosto mas que realmente não **me** engordem
5. me lembro que **me** impressionou muito nos Estados Unidos foi o pri/ o primeiro país que eu vi com neve viu?
6. ela **me** veste
7. ela me veste **me** põe todo bonitinho
8. bem pra essa viagem primeiro planejar o problema da bagagem a levar então nós tínhamos que ver material que íamos levar para a viagem e como essa viagem era pra per/ era pra **nos** levar pra lá e pra lá permanecer
9. por que nunca nunca a aviação **me** seduziu eu podia ter ido da escola para a aviação e não quis embora tenha filho aviador não é?
10. mas nun/ nunca **me** seduziu
11. hoje em dia até estou preferindo uma piscina do que praia aquela areia **me** chateia e tal
12. eu boto o vestido o estrito necessário porque se eu aqui no Brasil eu nunca fui muito rebuscada imagina no estrangeiro que ninguém **me** conhece vou decentemente não é?
13. eu digo sempre pra M. **me** segura porque eu acho que eu vou ficar uma velha ridícula
14. eu me espantava quando eu encontrava os homens em manga de camisa ainda em certos ambientes isso ainda **me** chocava
15. houve uma uma época aí que **me** espantava porque eles iam mesmo em manga de camisa mas isso passou
16. então eu eu eu estou chegando lá heim bom mas isso é outro assunto você **me** obrigou a falar

17. Deus me li/ vão pen/ vão **me** chamar de perua aí na rua
18. *DOC.:* e isso nas mãos? *INF.:* ah eu sempre usei isso anel de **me** acompanha desde menina
19. e a M. chegava de tar à tarde nesse mesmo dia foi fazer queixa então a M. **me** pegou me mostrou já morava aqui há uns dezesseis anos me mostrou onde é que tem a porcelana

APÊNDICE D – Dados de 1ª e 2ª pessoas levantados nos inquéritos de Salvador

1. Deix'eu bater, verificar se... Bem acho, que está tudo o.k.
2. Bom, pode acontecer é o que geralmente acontece. A rigor deveria ser primeiro uma advertência, a depender do caso, pra depois, numa repetição, uma multa ou até outro tipo de providência como suspensão da carteira, etc. Mas, normalmente, eles multam **a gente**. E, às vezes, em dias e locais que a gente não estava.
3. Eh deixe **eu** olhar uma coisinha. Vamos passar para outro meio de transporte: o avião.
4. Bom, há um que atualmente é muito popular, não é (...) que é “minha nega” e “meu nego” eh “meu bem” ou “bem”, “beinho” deixe // ver e qualquer coisa que não sei, depende da pessoa.
5. Quanto à música popular, aprecio todas elas, fazendo algumas restrições às barulhentas. Deixa **eu** ver mais.
6. Ele [o violino] tem uma parte comprida e um corpo que seria, assim, dois esses unidos dois esse sobrepostos, mas havendo uma parte entre eles não sei se dá pra entender o formato; além dessa parte, existe um arco, justamente desliza sobre a corda e este arco a parte que desliza sobre as cordas são de crina de cavalo, se não me engano. Deixa **eu** ver mais. Não sei, acho que eu não teria condições de dizer mais nada sobre ele.
7. Bom, as pessoas também se reúnem para comemorar alguma coisa num ambiente público, quer dizer, num local qualquer de diversão; ou, então, para jantar, para almoçar, qualquer coisa desse tipo. Deixe // ver mais.
8. temos lá o Centro de Pesquisa Espacial eh o acho que é Ponta do Inferno? Não, meu Deus, agora deixe **eu** ver se é Ponta...
9. Agora o mais **me** encantou realmente foi essa Lagoa do Bonfim.
10. Lá eu travei conhecimento com o proprietário de uma residência [...]. É um rapaz muito rico. E travei conhecimento com ele e e **me** cativou muito, porque ele deu-me a impressão de que ele baiano, porque o baiano é que tem essa coisa, assim, essa comunicabilidade
11. Outra coisa também, eu acho que que o bom, tem essa poluição sonora de coisas que perturbem **a gente**, né?
12. *Inf.* – Outra coisa também, eu acho que que o bom, tem essa poluição sonora de coisas que perturbem a gente, né? *Doc.* – Sim. Pode ser, por exemplo, a presença de pessoas que perturbem //, não é, porque nem sempre se pode ter tranquilidade numa cidade.

13. além de exímia cozinheira, tinha aqueles toque de todo italiano, falava, assim, que sempre eh com um tipo de idioma que **me** atraiu bastante e por outras razões também.
14. Nós tínhamos uma vizinha, uma menina aproximadamente de uns cinco anos, e, por nosso hábito de comer muito, assim, essa eh espinafre, mostarda, etc., ela dizia sempre para a senhora mãe dela: “Deixe // ir na casa da minha tia M., que eu quero comer folha.”
15. hoje já existe muita industrializado, aqueles pudins que basta que ponhamos um pouco de leite e com dois, três minutos de fervura, nós temos o bom pudim, que, se alguém vem **nos** visitar, é muito prático.
16. deixando um pouco de lado a batida, que eu acho que não tem mais nada saboroso, mas em doses, em doses pequenas, porque geralmente essas batidas **me** deixam muito abatida
17. já que falamos tanto em macarrão, em comida italiana, se você come uma comida dessas e não acompanha com um bom vinho tinto, **nos** deixa numa frustração muito grande.

APÊNDICE E – Dados de 1ª e 2ª pessoas levantados nos inquéritos de São Paulo

1. bom o milho o milho é uma cultura é um pé vamos dizer o que **me** impressionava quando era pequena é que o milho cresce depressa
2. bom eu acho que as só se eu teria tivesse um corpo de empregados especializados um pra cozinhar um pra limpar um pra lavar outro pra fazer isso pra dentro da não especializados mas designados pra aquele trabalho então você vai ser copeira o outro vai ser o o jardineiro o outro vai ser assim ah acho que a pra **me** poupar seriam esses ca um dentro de um do seu do seu gosto
3. nessa casa minha mãe teve infecção dentária teve reumatismo ficou dois meses parálitica de cama daí que meu pai chamou-**nos** e disse “ah o negócio é assim é cada um de vocês vai ter que aprender a fazer o serviço de casa”
4. o dia seguinte o senhor **me** chame o senhor me avise com antecedência quando a pessoa chegar em dez minutos eu me retiro do quarto
5. o dia seguinte o senhor me chame o senhor **me** avise com antecedência quando a pessoa chegar em dez minutos eu me retiro do quarto
6. um dia ela [a esposa] **me** chamou e disse “N. olha porque eu acho que o negócio está errado
7. éh irmã dela e e um professor da faculdade aí de São São Caetano do Sul éh ele dá aula no Serviço Social e ele **nos** convida de quase todo domingo a gente vai
8. eu achei aquilo horroroso viu? **me** chocou tremendamente
9. por detrás dos bastidores é uma coisa horrível né? é tudo tão parece tão tão mascarado sei lá e quando aparece em cena o público vê uma coisa totalmente bonita né? aquelas luzes quer dizer aquilo **me** chocou era tão criança
10. nessa vez que o Balê Russo veio para cá que nós fomos fazer fundo com eles para eles eu achei aquilo **me** chocou sei lá achei por detrás dos bastidores uma coisa medonha uma bagunça tremenda
11. lá nos camarins é a coisa mais bagunçada que tem é roupa é uma correria danada é sei lá eu achei aquilo **me** chocou tanto viu porque a gente vê tão bonito né?
12. então eu gostaria de saber quando a senhora vai ao cinema o que que precisa conter o cinema para levar **a senhora** até ele?
13. é isso o que mais chama a atenção por exemplo quando a senhora olha para o filme assim a não ser as cenas e o conteúdo do o que mais impressiona **a senhora**?

14. não sei o te responder o que mais **me** impressiona?
15. assisti um filme era sobre droga eu não lembro o filme de um rapaz e uma moto aquilo **me** chocou tremendamente
16. uma cenas doidas eles tomavam entorpecente e as cenas ah ah uma das cenas **me** chocou tremendamente eu eu saí de lá do cinema arrasada
17. outro filme que **me** chocou bastante também dada as cenas brutas de de de m/ de mata e mata que matou um mundo de gente foi *Bonnie and Clyde*
18. e às vezes obtém tal a premência que eles têm também de vender quer dizer “não não é juro não juro paga quem deve eu não vou dever eu vou **lhe** pagar à vista
19. eu tive até a oportunidade de presenciar como está extraordinário uma vez que eu estava em Itanhaém no dia oito de dezembro e chegaram os umbandistas foi uma coisa que **me** impressionou a quantidade de pessoas a praia ficou lotada

**APÊNCICE F – TABELAS REPRESENTATIVAS DA DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS
DE OD(OR) DE TERCEIRA PESSOA, DE ACORDO COM OS CRUZAMENTOS
DESENVOLVIDOS**

Tabela 4 – Resultados de frequência das variantes em função da estrutura sintática – Porto Alegre

Estrutura Sintática	VARIANTES										TOTAL
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ determinante modificado		S. anaf. .otalmente modificado		
	quant.	%	quant.	%	Quant.	%	quant.	%	quant.	%	
OD	32	68	11	23	2	4,5	1	2,25	1	2,25	47
OD+pred.	3	60	2	40	-	-	-	-	-	-	5
OD+OI(SN)	5	62	3	38	-	-	-	-	-	-	8
TOTAL	40	-	16	-	2	-	1	-	1	-	60

Tabela 5 – Resultados de frequência das variantes em função da estrutura sintática – Recife

Estrutura Sintática	VARIANTES										TOTAL
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. totalmente modificado				
	quant	%	quant	%	quant	%	quant	%			
OD	24	50	19	40	3	6	2	4	48		
OD+pred.	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
OD+OI(SN)	11	69	5	31	-	-	-	-	16		
TOTAL	35	-	24	-	3	-	2	-	64		

Tabela 6 – Resultados de frequência das variantes em função da estrutura sintática – Rio de Janeiro

Estrutura Sintática	VARIANTES										TOTAL
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ determinante modificado		S. anaf. totalmente modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
OD	23	72	4	13	2	6	1	3	2	6	32
OD+pred.	4	80	-	-	-	-	1	20	-	-	5
OD+OI(SN)	2	40	-	-	-	-	1	20	2	40	5
TOTAL	29	-	4	-	2	-	3	-	4	-	42

Tabela 7 – Resultados de frequência das variantes em função da estrutura sintática – Salvador

Estrutura Sintática	VARIANTES						TOTAL
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		
	quant.	%	Quant.	%	quant.	%	
OD	10	59	6	35	1	6	17
OD+pred.	1	50	1	50	-	-	2
OD+OI(SN)	1	50	1	50	-	-	2
TOTAL	12	-	8	-	1	-	21

Tabela 8 – Resultados de frequência das variantes em função da estrutura sintática – São Paulo

Estrutura Sintática	VARIANTES										TOTAL
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. totalmente modificado		TOTAL		
	quant	%	quant	%	quant	%	quant	%	quant	%	
OD	12	52	5	22	5	22	1	4	1	4	23
OD+pred.	-	-	1	100	-	-	-	-	-	-	1
OD+OI(SN)	1	50	1	50	-	-	-	-	-	-	2
TOTAL	13	-	7	-	5	-	1	-	1	-	26

Tabela 9 – Resultados de frequência das variantes em função da topicalização (ou não) do antecedente – Porto Alegre

Tipo de Estrutura	VARIANTES											
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ determinante modificado		S. anaf. totalmente modificado		TOTAL	
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%
Top.	3	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
Não Top.	37	65	16	28	2	3,5	1	1,75	1	1,75	1	57
TOTAL	40	-	16	-	2	-	1	-	1	-	1	60

Tabela 10 – Resultados de frequência das variantes em função da topicalização (ou não) do antecedente – Recife

Tipo de Estrutura	VARIANTES											
	Nulo		Demonstra-tivo		S. anafórico pleno		S. anaf. totalmente modificado		TOTAL			
	Quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%		
Top.	33	53	24	39	3	5	2	3	3	62		
Não Top.	2	100	-	-	-	-	-	-	-	2		
TOTAL	35	-	24	-	3	-	2	-	2	64		

Tabela 11 – Resultados de frequência das variantes em função da topicalização (ou não) do antecedente – Rio de Janeiro

Tipo de Estrutura	VARIANTES											TOTAL
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ determinante modificado		S. anaf. totalmente modificado		TOTAL	
	quant.	%	quant.	%	Quant.	%	quant.	%	quant.	%		
Top.	27	71	4	10,5	2	5,25	3	8	2	5,25	38	
Não Top.	2	50	1	25	-	-	1	25	-	-	4	
TOTAL	29	-	5	-	2	-	4	-	2	-	42	

Tabela 12 – Resultados de frequência das variantes em função da topicalização (ou não) do antecedente – Salvador

Tipo de Estrutura	VARIANTES							TOTAL
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		TOTAL	
	quant.	%	quant.	%	quant.	%		
Top.	11	55	8	40	1	5	20	
Não Top.	1	100	-	-	-	-	1	
TOTAL	12	-	8	-	1	-	21	

Tabela 13 – Resultados de frequência das variantes em função da topicalização (ou não) do antecedente – São Paulo

Tipo de Estrutura	VARIANTES										TOTAL
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. totalmente modificado		TOTAL		
	Quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
Top.	12	48	7	28	5	20	1	4	1	4	25
Não Top.	1	100	-	-	-	-	-	-	-	-	1
TOTAL	13	-	7	-	5	-	1	-	1	-	26

Tabela 14 – Resultados de frequência das variantes em função da faixa etária dos informantes – Porto Alegre

Faixa Etária	VARIANTES											
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ determinante modificado		S. anaf. totalmente modificado		TOTAL	
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%		
1 ^a	11	73	4	27	-	-	-	-	-	-	15	
2 ^a	10	67	3	20	1	6,5	1	6,5	-	-	15	
3 ^a	19	63	9	30	1	3,5	-	-	1	3,5	30	
TOTAL	40	-	16	-	2	-	1	-	1	-	60	

Tabela 15 – Resultados de frequência das variantes em função da faixa etária dos informantes – Recife

Faixa etária	VARIANTES											
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. totalmente modificado		TOTAL			
	Quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%				
1 ^a	13	59	7	32	-	-	2	9	22			
2 ^a	11	55	9	45	-	-	-	-	20			
3 ^a	11	50	8	36	3	14	-	-	22			
TOTAL	35	-	24	-	3	-	3	-	64			

Tabela 16 – Resultados de frequência das variantes em função da faixa etária dos informantes – Rio de Janeiro

Faixa etária	VARIANTES										TOTAL
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ determinante modificado		S. anaf. totalmente modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
1ª	5	71	-	-	-	-	-	-	2	29	7
2ª	6	55	4	36	1	9	-	-	-	-	11
3ª	18	75	1	4	1	4	4	17	-	-	24
TOTAL	29	-	5	-	2	-	4	-	2	-	42

Tabela 17 – Resultados de frequência das variantes em função da faixa etária dos informantes – Salvador

Faixa etária	VARIANTES										TOTAL
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno						
	quant.	%	quant.	%	quant.	%					
1ª	6	100	-	-	-	-	-	-	-	-	6
2ª	3	30	7	70	-	-	-	-	-	-	10
3ª	3	60	1	20	1	20	1	20	1	20	5
TOTAL	12	-	8	-	1	-	1	-	1	-	21

Tabela 18 – Resultados de frequência das variantes em função da faixa etária dos informantes – São Paulo

Faixa etária	VARIANTES										TOTAL
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. totalmente modificado		TOTAL		
	Quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
1ª	7	64	2	18	2	18	-	-	-	-	11
2ª	3	100	-	-	-	-	-	-	-	-	3
3ª	3	25	5	42	3	25	1	8	1	8	12
TOTAL	13	-	7	-	5	-	1	-	1	-	26

Tabela 19 – Resultados de frequência das variantes em função do sexo/gênero dos informantes – Porto Alegre

Sexo/gênero	VARIANTES										TOTAL
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ determinante modificado		S. anaf. totalmente modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
M	19	68	7	25	1	3,5	1	3,5	-	-	28
F	21	66	9	28	1	3	-	-	1	3	32
TOTAL	40	-	16	-	2	-	1	-	1	-	60

Tabela 20 – Resultados de frequência das variantes em função do sexo/gênero dos informantes – Recife

Sexo/gênero	VARIANTES										TOTAL
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. totalmente modificado				
	Quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%			
M	21	50	16	38	3	7	2	5	42		
F	14	64	8	36	-	-	-	-	22		
TOTAL	35	-	24	-	3	-	2	-	64		

Tabela 21 – Resultados de frequência das variantes em função do sexo/gênero dos informantes – Rio de Janeiro

Sexo/gênero	VARIANTES										
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ determinante modificado		S. anaf. totalmente modificado		TOTAL
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
M	10	62,5	4	25	-	-	2	12,5	-	-	16
F	19	72	1	4	2	8	2	8	2	8	26
TOTAL	29	-	5	-	2	-	4	-	2	-	42

Tabela 22 – Resultados de frequência das variantes em função do sexo/gênero dos informantes – Salvador

Sexo/gênero	VARIANTES							
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		TOTAL	
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%
M	5	50	4	40	1	10	10	10
F	7	64	4	36	-	-	11	11
TOTAL	12	-	8	-	1	-	21	21

Tabela 23 – Resultados de frequência das variantes em função do sexo/gênero dos informantes – São Paulo

Sexo/gênero	VARIANTES										TOTAL
	Nulo		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. totalmente modificado		TOTAL		
	Quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
M	8	62	3	23	2	15	-	-	-	-	13
F	5	38	4	31	3	23	1	8	1	8	13
TOTAL	13	-	7	-	5	-	1	-	1	-	26

**APÊNCICE G – TABELAS REPRESENTATIVAS DA DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS
DE OD(SN) DE TERCEIRA PESSOA, DE ACORDO COM OS CRUZAMENTOS
DESENVOLVIDOS**

Tabela 24 – Resultados de frequência das variantes em função da animacidade do antecedente – Porto Alegre

Traço	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Cíptico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
Anim	7	29	8	33	4	17	-	-	3	12,5	2	8,5	-	-	24
Não Anim	115	54	2	1	2	1	9	4	46	22	31	15	6	3	211
Total	122	-	10	-	6	-	9	-	49	-	33	-	6	-	235

Tabela 25 – Resultados de frequência das variantes em função da animacidade do antecedente – Recife

Traço	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Cíptico		Pronome lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
Anim	43	49	10	11	9	10	1	1	12	13,5	12	13,5	2	2	89
Não Anim	118	54	11	5	1	0,5	12	5	34	15,5	35	16	8	4	219
Total	161	-	21	-	10	-	13	-	46	-	47	-	10	-	308

Tabela 26 – Resultados de frequência das variantes em função da animacidade do antecedente – Rio de Janeiro

Traço	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO												TOTAL		
	Nulo		Cíptico		Pronome lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ modificado			S. anaf. totalm. modificado	
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%		quant.	%
Anim	7	37	8	42	2	11	-	-	-	-	1	5	1	5	19
Não Anim	237	61	10	3	3	1	17	4	66	17	48	12	8	2	389
Total	244	-	18	-	5	-	17	-	66	-	49	-	9	-	408

Tabela 27 – Resultados de frequência das variantes em função da animacidade do antecedente – Salvador

Traço	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO												TOTAL		
	Nulo		Cíptico		Pronome lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ modificado			S. anaf. totalm. modificado	
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%		quant.	%
Anim	-	-	-	-	-	-	-	-	1	100	-	-	-	-	1
Não Anim	132	53	7	3	3	1	8	3	47	18,5	48	19	6	2,5	251
Total	132	-	7	-	3	-	8	-	48	-	48	-	6	-	252

Tabela 28 – Resultados de frequência das variantes em função da animacidade do antecedente – São Paulo

Traço	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Cíptico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
Anim	19	65	4	14	-	-	-	-	-	-	2	7	4	14	29
Não Anim	133	56	1	0,5	-	-	4	2	55	23	44	18	1	0,5	238
Total	152	-	5	-	-	-	4	-	55	-	46	-	5	-	267

Tabela 29 – Resultados de frequência das variantes em função da estrutura sintática – Porto Alegre

Estrut. Sint.	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Cíptico		Pronome lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
OD	104	52	7	3,5	3	1,5	7	3,5	45	23	28	14	5	2,5	199
OD+ Pred.	8	58	-	-	2	14	2	14	-	-	2	14	-	-	14
OD+ OI (SN)	10	50	3	15	1	5	-	-	3	15	3	15	-	-	20
OD+ Or.	-	-	-	-	-	-	-	-	1	50	-	-	1	50	2
Total	122	-	10	-	6	-	9	-	49	-	33	-	6	-	235

Tabela 30 – Resultados de frequência das variantes em função da estrutura sintática – Recife

Estrut. Sint.	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Clítico		Pronome lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
OD	122	53	14	6	7	3	9	4	36	16	33	14,5	8	3,5	229
OD+ pred.	18	57	1	3	2	6	4	12,5	4	12,5	3	9	-	-	32
OD+ OI (SN)	21	47	6	13,5	-	-	-	-	5	11	11	24,5	2	4	45
OD+ Or.	-	-	-	-	1	50	-	-	1	50	-	-	-	-	2
Total	161	-	21	-	10	-	13	-	46	-	47	-	10	-	308

Tabela 31 – Resultados de frequência das variantes em função da estrutura sintática – Rio de Janeiro

Estrut. Sint.	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Clítico		Pronome lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
OD	151	58	15	6	1	1	11	4	48	18	30	11	6	2	262
OD+ Pred.	32	71	1	2,25	1	2,25	3	7	6	13	2	4,5	-	-	45
OD+ OI (SN)	60	62,5	2	2	1	1	2	2	12	12,5	16	17	3	3	96
OD+ Or.	1	20	-	-	2	40	1	20	-	-	1	20	-	-	5
Total	244	-	18	-	5	-	17	-	66	-	49	-	9	-	408

Tabela 32 – Resultados de frequência das variantes em função da estrutura sintática – Salvador

Estrut. Sint.	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Cíftico		Pronome lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
OD	100	52,5	6	3	2	1	3	1,5	36	19	40	21	4	2	
OD+ pred.	14	50	1	3,5	-	-	5	18	3	11	4	14	1	3,5	
OD+ OI (SN)	16	52	1	3	1	3	-	-	8	26	4	13	1	3	
OD+ Or.	2	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Total	132	-	8	-	3	-	8	-	47	-	48	-	6	-	

Tabela 33 – Resultados de frequência das variantes em função da estrutura sintática – São Paulo

Estrut. Sint.	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Clítico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ determ. modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	Quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
OD	107	52	4	2	-	-	3	1,5	50	24	37	18	5	2,5	206
OD+ pred.	8	73	-	-	-	-	1	9	-	-	2	18	-	-	11
OD+ OI (SN)	36	74	1	2	-	-	-	-	5	10	7	14	-	-	49
OD+ Or.	1	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Total	152	-	5	-	-	-	4	-	55	-	46	-	5	-	267

Tabela 34 – Resultados de frequência das variantes em função da topicalização (ou não) do antecedente – Porto Alegre

Tipo de Estrut.	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL		
	Nulo		Clítico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado				
	Quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%			
Top.	27	82	1	3	-	-	1	3	4	12	-	-	-	-	33	-	33
Não Top.	95	47	9	4,5	6	3	8	4	45	22	33	16,5	6	3	202		202
Total	122	-	10	-	6	-	9	-	49	-	33	-	6	-	235		235

Tabela 35 – Resultados de frequência das variantes em função da topicalização (ou não) do antecedente – Recife

Tipo de Estrut.	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL		
	Nulo		Clítico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado				
	Quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%			
Top.	32	86	-	-	-	-	1	3	1	3	2	5	1	3	37		37
Não Top.	129	48	21	7,5	10	3,5	12	4	45	17	45	17	9	3	271		271
Total	161	-	21	-	10	-	13	-	46	-	47	-	10	-	308		308

Tabela 36 – Resultados de frequência das variantes em função da topicalização (ou não) do antecedente – Rio de Janeiro

Tipo de Estrut.	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Clítico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ determ. modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
Top.	63	94	-	-	1	1,5	-	-	2	3	-	-	1	1,5	67
Não Top.	181	53	18	5,5	4	1	17	5	64	19	49	14,5	8	2	341
Total	244	-	18	-	5	-	17	-	66	-	49	-	9	-	408

Tabela 37 – Resultados de frequência das variantes em função da topicalização (ou não) do antecedente – Salvador

Tipo de Estrut.	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Clítico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ determ. modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	Quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
Top.	18	79	1	4	2	9	-	-	1	4	1	4	-	-	23
Não Top.	114	50	7	3	1	0,5	8	3	46	20	47	21	6	2,5	229
Total	132	-	8	-	3	-	8	-	47	-	48	-	6	-	252

Tabela 38 – Resultados de frequência das variantes em função da topicalização (ou não) do antecedente – São Paulo

Tipo de Estrut.	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL	
	Nulo		Clítico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ determ. modificado		S. anaf. totalm. modificado			
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%		
Top.	16	89	-	-	-	-	-	-	1	5,5	1	5,5	-	-	-	18
Não Top.	136	55	5	2	-	-	4	1,5	54	21,5	45	18	5	2	249	
Total	152	-	5	-	-	-	4	-	55	-	46	-	5	-	267	

Tabela 39 – Resultados de frequência das variantes em função da faixa etária dos informantes – Porto Alegre

Faixa etária	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Clítico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
1 ^a	37	42	2	2	4	5	3	3	24	27	14	16	4	5	
2 ^a	41	66	-	-	-	-	4	6,5	9	14,5	8	13	-	-	
3 ^a	44	52	8	9,5	2	2,5	2	2,5	16	18	11	13	2	2,5	
Total	122	-	10	-	6	-	9	-	49	-	33	-	6	-	

Tabela 40 – Resultados de frequência das variantes em função da faixa etária dos informantes – Recife

Faixa etária	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Clítico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
1 ^a	58	53	10	9	8	7	3	3	9	8	21	19	1	1	
2 ^a	42	58	3	4	-	-	3	4	9	13	10	14	5	7	
3 ^a	61	48	8	6,5	2	1,5	7	6	28	22	16	13	4	3	
Total	161	-	21	-	10	-	13	-	46	-	47	-	10	-	

Tabela 41 – Resultados de frequência das variantes em função da faixa etária dos informantes – Rio de Janeiro

Faixa etária	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO																TOTAL
	Nulo		Clítico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado				
															quant.	%	
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%			
1 ^a	51	59	5	6	1	1	2	2	12	14	11	13	4	5	86		
2 ^a	103	57	4	2	2	1	10	5,5	33	18	26	14	5	2,5	183		
3 ^a	90	65	9	6,5	2	1	5	3,5	21	15	12	9	-	-	139		
Total	244	-	18	-	5	-	17	-	66	-	49	-	9	-	408		

Tabela 42 – Resultados de frequência das variantes em função da faixa etária dos informantes – Salvador

Faixa etária	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO																TOTAL
	Nulo		Clítico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado				
															quant.	%	
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%			
1 ^a	39	58	2	3	2	3	-	-	9	13,5	14	21	1	1,5	67		
2 ^a	54	49	4	4	1	1	6	5	24	21,5	19	17	3	2,5	111		
3 ^a	39	52	2	3	-	-	2	3	14	19	15	20	2	3	74		
Total	132	-	8	-	3	-	8	-	47	-	48	-	6	-	252		

Tabela 43 – Resultados de frequência das variantes em função da faixa etária dos informantes – São Paulo

Faixa etária	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Clítico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anaforico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
1ª	44	42	1	1	-	-	3	3	34	32	23	22	-	-	105
2ª	35	60	3	5	-	-	1	2	8	14	8	14	3	5	58
3ª	73	70	1	1	-	-	-	-	13	13	15	14	2	2	104
Total	152	-	5	-	-	-	4	-	55	-	46	-	5	-	267

Tabela 44 – Resultados de frequência das variantes em função do sexo/gênero dos informantes – Porto Alegre

Sexo/ gênero	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Clítico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anaforico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
M	52	48	4	3,5	2	2	4	3,5	23	21	21	19	3	3	109
F	70	55	6	5	4	3,5	5	4	26	20	12	10	3	2,5	126
Total	122	-	10	-	6	-	9	-	49	-	33	-	6	-	235

Tabela 45 – Resultados de frequência das variantes em função do sexo/gênero dos informantes – Recife

Sexo/ gênero	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Clítico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anaforico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
M	83	54	14	9	6	4	4	2	24	15	18	12	6	4	155
F	78	51	7	5	4	2,5	9	6	22	14	29	19	4	2,5	153
Total	161	-	21	-	10	-	13	-	46	-	47	-	10	-	308

Tabela 46 – Resultados de frequência das variantes em função do sexo/gênero dos informantes – Rio de Janeiro

Sexo/ gênero	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Clítico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anaforico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
M	88	53	10	6	5	3	9	5,5	33	20	17	10	4	2,5	166
F	156	64	8	3,5	-	-	8	3,5	33	14	32	13	5	2	242
Total	244		18		5		17		66		49		9		408

Tabela 47 – Resultados de frequência das variantes em função do sexo/gênero dos informantes – Salvador

Sexo/ gênero	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Clítico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anaforico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
M	56	51	1	1	2	2	4	4	19	17	22	20	5	5	109
F	76	53	7	5	1	0,5	4	3	28	20	26	18	1	0,5	143
Total	132	-	8	-	3	-	8	-	47	-	48	-	6	-	252

Tabela 48 – Resultados de frequência das variantes em função do sexo/gênero dos informantes – São Paulo

Sexo/ gênero	ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO														TOTAL
	Nulo		Clítico		Pron. lexical		Demonstrativo		S. anafórico pleno		S. anaf. c/ modificado		S. anaf. totalm. modificado		
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	
M	83	49	4	2	-	-	3	1,5	47	28	30	18	3	1,5	
F	69	71	1	1	-	-	1	1	8	8	16	17	2	2	
Total	152	-	5	-	-	-	4	-	55	-	46	-	5	-	